

**UNIVERSIDADE PAULISTA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**O PROJETO DE VIDA DA VELHICE NA MÍDIA**  
**IMPRESSA: UMA ANÁLISE DAS COLUNAS DE MIRIAN**  
**GOLDENBERG NA *FOLHA DE S. PAULO* (2012-2016)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, como requisito para obtenção do título de mestre em Comunicação.

**CARLOS ALBERTO BELLUZZO GODOY**

**SÃO PAULO**

**2017**

**UNIVERSIDADE PAULISTA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**O PROJETO DE VIDA DA VELHICE NA MÍDIA**  
**IMPRESSA: UMA ANÁLISE DAS COLUNAS DE MIRIAN**  
**GOLDENBERG NA *FOLHA DE S. PAULO* (2012-2016)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, como requisito para obtenção do título de mestre em Comunicação, sob orientação da Profa. Dra. Barbara Heller.

**CARLOS ALBERTO BELLUZZO GODOY**

**SÃO PAULO**

**2017**

Godoy, Carlos Alberto Belluzzo.

O projeto de vida da velhice na mídia impressa: uma análise das colunas de Mirian Goldenberg na Folha de São Paulo (2012-2016) / Carlos Alberto Belluzzo Godoy. - 2017.

110 f. : il.

Dissertação de Mestrado Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2017.

Área de Concentração: Comunicação e Culturas Midiáticas

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Barbara Heller.

1. Projeto de vida. 2. Velhice. 3. Mirian Goldenberg. 4. Mídia Impressa. 5. Dialogismo. I. Heller, Barbara. (orientadora). II. Título.

**O PROJETO DE VIDA DA VELHICE NA MÍDIA  
IMPRESSA: UMA ANÁLISE DAS COLUNAS DE MIRIAN  
GOLDENBERG NA *FOLHA DE S. PAULO* (2012-2016)**

**CARLOS ALBERTO BELLUZZO GODOY**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, como requisito para obtenção do título de mestre em Comunicação.

Aprovado em:

**BANCA EXAMINADORA**

\_\_\_\_\_ / /

**Prof. Dra. Simone Luci Pereira**

**Membro Interno**

\_\_\_\_\_ / /

**Prof. Dra. Gisela Grangeiro da Silva Castro**

**Membro Externo**

\_\_\_\_\_ / /

**Profa. Dra. Barbara Heller**

**Orientadora**

## DEDICATÓRIA

A minha esposa Maria Elisabeth, pelo apoio em todas as horas.

Aos meus filhos, Daniel, Felipe e Mariana, e ao meu neto Denis.

## **AGRADECIMENTOS**

A minha família e amigos pelo apoio e torcida durante todo o Programa.

A todos os professores do PPGCOM, pelos incontáveis conhecimentos transferidos.

Aos meus colegas do programa, em especial, a Patrícia Lima e Renata Calixto.

Ao Marcelo, e a todo pessoal da Secretaria do Programa, pela disposição e apoio.

A minha orientadora Barbara, pela confiança e pela paciência.

## RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo analisar os conceitos de envelhecimento e de projeto de vida veiculados na mídia impressa massiva, tendo por *corpus primário* as colunas da antropóloga e especialista no assunto Mirian Goldenberg, publicadas na *Folha de S. Paulo*, entre os anos de 2012 a 2016. Relaciona as ideias de Mirian Goldenberg aos padrões de comportamento e ao consumo dos sujeitos em processo de envelhecimento. O estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, documental e análise do discurso. Os autores mais utilizados para os referenciais conceituais sobre envelhecimento são: Simone de Beauvoir (1990), Gilberto Velho (1994;1999), Guita Grin Debert (2012), Myriam Moraes Lins de Barros (1999;2006), Ecléa Bosi (2001) e a própria Mirian Goldenberg, autora de diversos livros sobre o assunto. Analisamos se os gêneros textuais do jornalismo informativo (nota, notícia, reportagem, entrevista), jornalismo opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura, carta) e dissertativo, que também reconhecemos nas suas obras publicadas pelas editoras Revan (até 1992), Record (1993 a 2015) e Civilização Brasileira (2011 e 2016), permitem capacitar o público leitor do jornal e dos livros sobre as causas e as consequências de uma velhice bem ou mal vivida, seus direitos e a construção de projetos de vida. Partimos da hipótese de que as recomendações da antropóloga são dialógicas nos dois suportes midiáticos, o que favorece a adesão de seus leitores. Manuel Chaparro, Luiz Amaral e José Marques de Mello são alguns dos autores que trouxeram sustentação teórica para essa discussão, bem como os analistas do discurso, especialmente Mikhail Bakhtin (2003) e seu conceito de dialogismo. Este trabalho analisou, ainda, os aspectos sociais, culturais e políticos relativos a valores, preconceitos e sistemas simbólicos utilizados para situar os indivíduos nas categorias velho, idoso e terceira idade e sua importância na sociedade moderna, devido ao aumento substancial dessa população. Concluímos que o envelhecimento é um processo dinâmico e progressivo e que traz como decorrência outros modelos de negócio, de estímulo ao consumo e de culto ao corpo como uma das dimensões dos estilos de vida. A importância de um projeto de vida, como possibilidade de novas realizações pessoais, de prolongamento da vida e de negação da condição de velhice como fator depreciativo, se permeiam na atualidade e nas mídias analisadas: a *Folha de S. Paulo* e os livros autorais, publicados pela Revan, Record e Civilização Brasileira.

Palavras-chave: Projeto de vida. Velhice. Miriam Goldenberg. Mídia impressa. Dialogismo.

## ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the concepts of aging and life project in the massive press, with the primary corpus being the columns of the anthropologist and expert on the subject Mirian Goldenberg, published in *Folha de S. Paulo*, between the years of 2012 to 2016. Relates the ideas of Mirian Goldenberg to the patterns of behavior and the consumption of the subjects in the process of aging. The study was developed through bibliographical research, documentary and discourse analysis. The most used authors for the conceptual references on aging are: Simone de Beauvoir (1990), Gilberto Velho (1994; 1999), Guita Grin Debert (2012), Myriam Moraes Lins de Barros (1999, 2006), Ecléa Bosi and Mirian Goldenberg herself, author of several books on the subject. We analyze whether the textual genres of informative journalism (note, news, interview, interview), opinionated journalism (editorial, commentary, article, review, column, chronicle, caricature, letter) and essay journalism, which we also recognize in her works published by publishers Revan (Up to 1992), Record (1993 to 2015) and Civilização Brasileira (2011 and 2016), enable the readership of the newspaper and books on the causes and consequences of a good or badly lived old age, their rights and the construction of life projects. We start from the hypothesis that the anthropologist's recommendations are dialogical in the two media, which favors the adhesion of its readers. Manuel Chaparro, Luiz Amaral and José Marques de Mello are some of the authors who brought theoretical support to this discussion, as well as the analysts of discourse, especially Mikhail Bakhtin (2003) and his concept of dialogism. This work also analyzed the social, cultural and political aspects related to values, prejudices and symbolic systems used to situate individuals in the categories old age, elderly and third age and their importance in modern society due to the substantial increase of this population. We conclude that aging is a dynamic and progressive process that brings other business models, stimulating consumption and worshipping the body as one of the dimensions of lifestyles. The importance of a life project, such as the possibility of new personal achievements, of prolonging life and denying the condition of old age as a depreciative factor, permeate the present and the analyzed media: the *Folha de S. Paulo* and the books of authorship, published by Revan, Record and Civilização Brasileira.

Keywords: Life Project. Old Age. Miriam Goldenberg. Print Media. Dialogism.



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Gêneros jornalísticos.....	56
Tabela 2 – Gêneros do discurso .....	57
Tabela 3 – Proporção da população idosa no Brasil .....	71

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 O ENVELHECIMENTO E A VELHICE .....</b>	<b>15</b>
2.1 O Processo do envelhecimento.....	15
2.2 Classificação etária .....	31
2.3 Envelhecimento bem-sucedido .....	40
2.4 A reinvenção da velhice .....	44
<b>3 COLUNAS DE MIRIAN GOLDENBERG .....</b>	<b>54</b>
3.1 Principais colunas e bibliografia sucinta de Mirian Goldenberg.....	60
3.1.1 Projeto de Vida na Bela Velhice .....	63
3.1.2 Quem envelhece melhor, homens ou mulheres? .....	70
3.1.3 Movimento das coroas poderosas, a importância do corpo .....	82
3.1.4 Mercado de consumo.....	86
3.1.5 Nova forma de encarar a vida .....	90
3.1.6 O amor na maturidade .....	100
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>104</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>107</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar, por meio da análise descritiva, como os conceitos de envelhecimento e de projeto de vida são veiculados na mídia impressa massiva, tendo como *corpus primário* as colunas de Mirian Goldenberg na *Folha de S. Paulo*, de 2012 a 2016. Partimos do pressuposto de que o envelhecimento é um processo dinâmico e progressivo. Diferentemente do imaginário recente, que percebia o idoso como dependente e improdutivo, a sociedade moderna vê nesta população um consumidor potencial de bens de consumo. Em consequência, surgiram modelos de negócio, associados a serviços que permitem a recuperação e/ou manutenção da autoestima do idoso por meio de “projetos de vida”.

O envelhecimento populacional tem sido uma temática de intensa discussão nos dias de hoje. O Brasil, país sempre considerado jovem, vem registrando o envelhecimento de sua população, segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e publicados no jornal *Folha de S. Paulo*<sup>1</sup>.

O Brasil está envelhecendo numa velocidade maior que a das sociedades mais desenvolvidas, o que produzirá grande impacto nos sistemas de saúde, com elevação dos custos e do uso de serviços.

Segundo estimativas do IBGE, nos próximos 20 anos a população acima de 60 anos vai mais do que triplicar, passando dos atuais 22,9 milhões (11,34% da população) para 88,6 milhões (39,2%).

No período, a expectativa média de vida do brasileiro deverá aumentar dos atuais 75 anos para 81 anos. (*FSP*, 4 dez. 2015)

Esses dados estatísticos demonstram que a terceira idade, quantitativamente, vem se tornando um grupo mais relevante no cenário brasileiro, e suas necessidades precisam ser atendidas por vários setores.

No Brasil, o Governo Federal vem investindo em diversas políticas públicas voltadas para o idoso, principalmente para a preservação de seus direitos. Uma das mais importantes normas estabelecidas foi o Estatuto do Idoso, sancionado em 2003, pela Lei Federal 10.741/03, em cujo terceiro artigo, lemos:

---

<sup>1</sup> *Folha de S. Paulo. População idosa vai triplicar nos próximos 20 anos.* Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2014/03/1432528-populacao-idosa-vai-triplicar-nos-proximos-20-anos.shtml>>. Acesso em: 04 dez. 2015.

Art. 3º - É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 2003, p. 1244).

O Estatuto do Idoso é destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, fazendo com que o idoso goze de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurada pela mesma ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Em *A Reinvenção da Velhice*, publicação de 2012, a antropóloga Guita Grin Debert oferece uma análise do processo que vem presidindo a construção social da velhice no Brasil, que nas últimas décadas assistiu à transformação da velhice em um tema privilegiado. Constituindo-se, hoje, como assunto de debate sobre políticas públicas, nas interpelações dos políticos em momentos eleitorais e até mesmo na definição de novos mercados de consumo e novas formas de lazer, afinal, como afirma Debert (2012, p.11), “o idoso é um ator que não mais está ausente do conjunto de discursos produzidos”.

Os integrantes do que se convencionou chamar de “terceira idade” aumentam a cada ano e já são uma porção considerável na nossa população. Pesquisa recente do IBGE aponta que presença de idosos, a partir de 60 anos, no total da população, aumentou de 9,8 %, em 2005, para 14,3 %, em 2015<sup>2</sup>, o que coloca para as famílias, para as empresas e para o governo novos desafios.

Debert (2012) também questiona a existência das instituições antes destinadas a população senil e sua prorrogação na contemporaneidade. Dando como exemplo os asilos ou lares de longa permanência, a antropóloga questiona se a gerontologia (ciência da velhice) abrange todos os elementos e as ferramentas para entender este “novo idoso”. Apontando questões como a promessa da “eterna juventude”, a autora defende que rótulos como “jovens” e “velhos” servem apenas como fronteiras e “laços simbólicos entre indivíduos, criando mecanismos de diferenciação” (DEBERT, 2012, p.66).

---

<sup>2</sup> BRASIL GOV. *Pesquisa IBGE 2016*. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/12/em-10-anos-cresce-numero-de-idosos-no-brasil>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

A preocupação com essa categoria social já vinha sendo tratada por diversas personalidades, como, por exemplo, Simone de Beauvoir (1990, p. 109):

É uma certa categoria social, mais ou menos valorizada segundo as circunstâncias. É, para cada indivíduo, um destino singular – o seu próprio. O primeiro ponto de vista é a dos legisladores, dos moralistas; o segundo, o dos poetas; quase sempre, eles se opõem radicalmente um ao outro. [...] Os ideólogos [referindo-se aos primeiros] forjam concepções da velhice de acordo com os interesses de sua classe.

Notoriamente, podemos inferir que a antropóloga Mirian Goldenberg inspirou-se no livro *A Velhice* (1990), de Simone de Beauvoir. Apesar de inicialmente achá-lo muito cruel, revelou que:

[...] após muitas leituras, discussões com alunos e colegas, e muito empenho em entender uma forma mais positiva de experimentar o envelhecimento, acabei descobrindo uma provável saída para homens e mulheres que desejam envelhecer com dignidade, liberdade e felicidade (GOLDENBERG, 2015, p. 31).

Desde então, a antropóloga santista, radicada no Rio de Janeiro, professora da UFRJ, tem se dedicado a pesquisar como mulheres e homens se relacionam com essa etapa da vida. Sua obra, *A bela velhice* (2013), trata de liberdade, sexualidade, tempo, amizades, segurança, projetos, família, vitalidade e, também, de como, nessa fase da vida, ser homem ou mulher muda significativamente os sonhos, as atitudes e as expectativas. Inevitável tocar em temas como corpo, casamento e relacionamento quando o assunto é ser *ageless*, conforme declarou no programa *Café Filosófico*, da TV Cultura, gravado em 27 de setembro de 2013.<sup>3</sup>

Levando tais constatações primeiras, o objeto deste estudo, assim, são as colunas de Mirian Goldenberg sobre velhice no jornal impresso *Folha de S. Paulo*. A escolha do objeto deveu-se às maneiras pelas quais a autora tratou os temas abrangidos relevantes à sociedade, como a busca efetiva por um envelhecimento mais saudável e belo e por padrões de comportamento e de consumo dos sujeitos em processo de envelhecimento.

A sociedade brasileira está envelhecendo e não há, ainda, estrutura na rede pública para incorporar a terceira idade idealizada por Mirian Goldenberg. A pesquisa proposta poderá pôr em evidência as dificuldades para que o idoso

<sup>3</sup> CAFÉ FILOSÓFICO. Programa 27 set. 2013. Disponível em: <<http://www.cpfcultura.com.br/2014/08/06/a-bela-velhice-com-mirian-goldenberg-versao-tv-cultura/>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

“emergente” possa praticar seu “projeto de vida”, título dado pela antropóloga para seus planos voltados à terceira idade. O jornal *Folha de S. Paulo*, que veicula as colunas em análise, poderá ser um prestador de serviços para esclarecer ao público leitor as deficiências do sistema vigente e, ao mesmo tempo, apontar soluções para que as próximas gerações sejam mais bem informadas sobre seus direitos e, efetivamente, sejam capazes de realizarem seus projetos de vida.

A construção de dados atém-se à análise das colunas de Mirian Goldenberg na *Folha de S. Paulo*. Como não foram encontradas até o momento trabalhos que analisassem esse *corpus*, nossa pesquisa pretende contribuir para os estudos voltados à terceira idade na área da comunicação. Livros de autores como Simone de Beauvoir (1990), Myrian Moraes Lins de Barros (1999), Ecléa Bosi (2001), Guita Grin Debert (2012), Gilberto Velho (1994,1999), bem como artigos de outros pesquisadores sobre os idosos, foram muito importantes para adicionar conceitos necessários para o desenvolvimento da pesquisa. Destacamos, por ora, o artigo de Castro, intitulado “Precisamos discutir o idadismo na comunicação” (2015b), no qual a autora faz considerações sobre preconceitos baseados na idade que discriminam essas pessoas e contribuem para a sua marginalização e eventual exclusão social e o artigo “A construção e a reconstrução da imagem do idoso na mídia televisiva”, de autoria de Bezerra (2006), no qual apresenta o estereótipo da velhice veiculada pela mídia e suas implicações no processo de socialização do idoso

O trabalho proposto, dessa forma, traz uma divisão em dois capítulos: no primeiro, faremos o enquadramento teórico do processo do envelhecimento, com conceitos, definições sobre velhice, terceira idade e sua genealogia. Partiremos da clássica obra de Simone de Beauvoir, intitulada, não por acaso, *A velhice* (1990), até estudiosos contemporâneos, como Myriam Moraes Lins de Barros (2006), Guita Grin Debert (2012), Gisela Grangeiro da Silva Castro (2015), entre outros. Também serão consideradas as leis em vigência no Brasil, especialmente o Estatuto do Idoso, aprovado em 2003, cujos objetivos são assegurar princípios e direitos aos idosos. Também fará parte do capítulo a discussão em torno da idade a partir da qual os sujeitos tornam-se “velhos” e suas implicações, tais como as levantadas por Norberto Bobbio (1997). Serão debatidas, ainda, as nomenclaturas para se referir aos velhos, tais como “melhor idade”, “terceira idade”, “idoso” e suas consequências, uma vez que todas as palavras são carregadas de ideologia.

No capítulo seguinte, “Colunas de Mirian Goldenberg”, trataremos da análise das colunas selecionadas de Mirian Goldenberg, publicadas no jornal *Folha de S. Paulo*, entre 2012 e 2016, que tratam exclusivamente do tema “envelhecimento” e agrupadas por assunto (projeto de vida na velhice, mercado de consumo, o amor na maturidade, etc.). Nelas, a autora discorre como homens e mulheres reagem diferentemente à passagem do tempo, suas marcas nos corpos e as reações que provocam sobre os demais grupos sociais. Também serão apresentados trechos de sua produção bibliográfica, para mostrar o dialogismo entre sua produção jornalística e editorial e as ressignificações sobre envelhecimento de seu público leitor.

A metodologia do presente trabalho consiste em pesquisa documental, qualitativa e analítica das referidas colunas de Mirian Goldenberg que versam sobre a velhice. Foram selecionadas as que tratam de um gênero específico (homem ou mulher), bem como as que fazem referências a seus livros relacionados à velhice - *Coroas, corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade* (2008); *A Bela Velhice* (2015); *Corpo, envelhecimento e felicidade* (2011) e *Velho é lindo* (2016). Esses dois últimos, organizados por Mirian como também com textos de outros especialistas em terceira idade. Também serão analisadas as normas do Estado para o idoso, como o Estatuto do Idoso, as novas leis e suas modificações, principalmente no que diz respeito às aposentadorias.

Utilizaremos a Análise do Discurso de linha francesa para entender o dialogismo da obra da antropóloga com os demais autores sobre terceira idade e também para relacioná-la com os Estatutos e as novas leis.

Serão apresentados, ainda, os conceitos de jornalismo informativo (nota, notícia, reportagem, entrevista) e jornalismo opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura, carta), conceituados por Luiz Beltrão e José Marques de Melo (1994), que sistematizaram e classificaram o texto jornalístico, citados por Manuel Carlos Chaparro, em seu livro *Sotaques d'aquem e d'além mar* (2008).

Analisaremos se os gêneros textuais “coluna”, veiculado na *Folha de S. Paulo*, e “dissertativo”, que reconhecemos nas suas obras publicadas pelas editoras Record e Civilização Brasileira, permitem capacitar o público leitor sobre as causas e as consequências de uma velhice bem ou mal vivida e seus direitos. Manuel Chaparro (2008), Luiz Amaral (1997) e José Marques de Melo (1997) são alguns dos

autores que trarão sustentação teórica para essa discussão, bem como os analistas do discurso, especialmente Mikhail Bakhtin (2003) e seu conceito de dialogismo.

Nas considerações finais, faremos uma retomada das discussões anteriores acerca das colunas analisadas de Mirian Goldenberg na *Folha de S. Paulo* e em seus livros. Veremos que o envelhecimento é um processo dinâmico e progressivo e, como decorrência, surgem novos modelos de negócio, como estímulo ao consumo, ao culto ao corpo e aos estilos de vida da sociedade civil, com ênfase nos idosos.



## 2 O ENVELHECIMENTO E A VELHICE

A população mundial está envelhecendo e a velhice é colocada no debate social. Nesse sentido, a visibilidade desta questão merece ser refletida e analisada. Para tanto, teremos aqui alguns especialistas do assunto sobre esse processo de envelhecimento, suas diversas abordagens e nomenclaturas. Variados campos da ciência como a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia, a Gerontologia, o Direito estabelecem óticas sobre as necessidades e particularidades dos idosos.

### 2.1 O Processo do envelhecimento

“Há um motivo especial para se tratar com deferência o ancião: um dia, todos o seremos”.

Provérbio Chinês.

Cícero, escritor e político romano (106-43 a.C.), em seu livro *Saber Envelhecer* (2007), já fazia referências às características boas e ruins da velhice e também aos seus direitos e à sua necessidade de se fazer respeitar:

É, portanto, ao caráter de cada um, e não à velhice propriamente, que devemos imputar todas essas lamentações. Os velhos inteligentes, agradáveis e divertidos suportam facilmente a velhice, ao passo que a acrimônia, o temperamento triste e a rabugice são deploráveis em qualquer idade [...] A velhice só é honrada na medida em que resiste, afirma seu direito, não deixa ninguém roubar seu poder e conserva sua ascendência sobre os familiares até o último suspiro. Gosto de descobrir o verdor num velho e sinais de velhice num adolescente. Aquele que compreender isso envelhecerá talvez em seu corpo, jamais em seu espírito. (CICERO, 2007, p. 32).

Portanto, desde os tempos antigos, já se propunha que as pessoas procurassem resguardar seus direitos e que elas são as autoras principais de sua própria história, mas sem ter de se fazer de vítima, tanto em nível individual, como grupal. Castro (1983) define que a vitimização de grupos sociais é mais grave do que em nível individual. Nesse contexto, também vale ressaltar a vitimização do idoso com o afastamento às vezes precoce do trabalho e do poder decisório; acusações indevidas de senilidade, alcunhas pejorativas de “esclerosado”, recusa de mercado de trabalho da sua mão de obra experiente e a ridicularização da

condição de “velho” (que deveria estar no asilo, esperando a morte), além da própria violência doméstica.

Diversas nomenclaturas utilizadas para delimitar distinções entre os mais velhos são importantes: a “velhice” e a “terceira idade”, os “velhos”, os “idosos” e os “anciões”. Oficialmente, no Brasil, de acordo com o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003), em seu primeiro artigo, idoso é toda pessoa com mais de 60 anos de idade. Para esse estudo vamos assumi-las apenas como ponto de partida, mas não descartaremos definições semelhantes, cujas conotações variam de acordo com seus autores. Debert (2012), por exemplo, esclarece que existe uma heterogeneidade entre os idosos, afastando hipóteses elaboradas recentemente que supõem que a experiência do envelhecimento desencadeia um processo de homogeneização dos sujeitos envelhecidos. Segundo a autora, as nomenclaturas servem para delimitar as diferenças entre dois públicos bastante distintos (velhice e terceira idade). O termo “velhice” serviria para designar um período da vida de retraimento frente à pobreza, à dependência e à passividade. Tal denominação retrata o ancião como doente, isolado, abandonado pela família e alimentado pelo Estado. Já o termo “terceira idade” designa idosos ativos, inclusive sexualmente, aptos a desafios e a novas experiências, com poder aquisitivo suficiente para disfarçar os estigmas e os sinais estéticos do envelhecimento.

Mas, para responder às demandas dos mais velhos, além de antropólogos e gerontólogos, apresentam-se especialistas em psicologia e sociologia que emprestam seu saber para definir as necessidades daquele público e o modo de resolvê-las. A pluralidade de especialistas não impede a constituição de um campo de saber delimitado em que cada uma das disciplinas, à sua maneira, contribui para definir a última etapa da vida como uma categoria de idade autônoma, com propriedades específicas, dadas pelo avanço da idade e que exigem tratamentos especializados (DEBERT, 2006).

A velhice, sob a perspectiva da antropologia, é considerada uma categoria socialmente produzida, isto é, distingue-se entre um fato universal e natural, representado pelo ciclo biológico; e um fato social e histórico, representado pela variabilidade das formas com as quais se concebe o envelhecimento (DEBERT, 2006).

Quando se aborda a velhice na concepção de categoria socialmente construída, suas representações na sociedade e a posição social assumida pelos

mais velhos são fornecidas pelos mais jovens e adquirem sentidos particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos. O mesmo ocorre com outras etapas da vida, como infância, adolescência e juventude. Além disso, estas fases não constituem propriedades que os indivíduos adquirem com o avanço da idade cronológica, mas são elaboradas simbolicamente com rituais que definem fronteiras entre idades pelas quais os indivíduos passam e que não são, necessariamente, as mesmas em todas as sociedades (DEBERT, 2006).

Debert (2006) considera as formas pelas quais a vida é periodizada, as categorias de idade em uma sociedade e os grupos etários, sob o ponto de vista da antropologia, um material privilegiado para pensarmos a produção e a reprodução da vida social. Em suas pesquisas, a autora explicitou que, embora a velhice faça parte de um ciclo biológico, é uma categoria socialmente produzida e, portanto, não é uma categoria natural:

A dificuldade mais evidente, cujo tratamento dá início a boa parte dos manuais e cursos dirigidos à formação de antropólogos interessados em pesquisar o envelhecimento, é a consideração de que a velhice é uma categoria socialmente produzida. Faz-se, assim, distinção entre o fato universal e natural – o ciclo biológico, do ser humano e de boa parte das espécies naturais, que envolve o nascimento, o crescimento e a morte – e um fato social e histórico – a variabilidade das formas de conceber e viver o envelhecimento. Da perspectiva antropológica, e também da pesquisa histórica, trata-se de ressaltar, em primeiro lugar, que as representações sobre a velhice, a posição social dos velhos e o tratamento que lhes é dado pelos mais jovens ganham significados particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos. A mesma perspectiva orienta a análise das outras etapas da vida, como a infância, a adolescência e juventude. (DEBERT, 2006, p. 50).

Quando discutimos o tema “envelhecimento” deve ser incluída, necessariamente, uma análise de aspectos culturais, políticos e econômicos relativos a valores, preconceitos e sistemas simbólicos que acompanham a história das sociedades. Papaléo Netto (2002), dentro de uma visão biogerontológica, entende que envelhecimento é um processo vitalício dinâmico e progressivo, durante o qual existem modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte. A velhice, a última fase do ciclo da vida, caracterizada por redução da capacidade, do trabalho e de resistência, entre outras, associa-se à perda dos papéis sociais, solidão e perdas psicológicas,

motoras e afetivas. Porém, vale salientar que fatores socioculturais definem o olhar que a sociedade tem sobre os idosos e o tipo de relação que ela estabelece com esse segmento populacional.

A Psicologia Social presente nas obras de Ecléa Bosi é, muitas vezes, entrelaçada ao tema do tempo e das transformações que ele provoca nas relações humanas e na sociedade em geral. Em 1979, lançou o livro *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, que reúne depoimentos de idosos, maiores de 70 anos e que viveram, desde a infância, suas vidas na cidade de São Paulo. Por meio da memória dessas pessoas, estudou as transformações na cidade sentidas por eles ao longo dos anos e indica a sua militância pela causa social dos idosos resumida no livro em uma frase: “O velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele”.

A história da cidade é revisitada através da memória social de sujeitos que participaram de sua construção, e que na época (anos 70) suas vozes e presenças estavam amortecidas, não se falava com frequência dos velhos e nem, tampouco, da terceira idade e não se dava conta da expressividade narrativa dos velhos. Ecléa afirma que na memória dos velhos é possível verificar uma história social bem desenvolvida, pois elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas. E, diferentemente dos jovens e adultos, cujas memórias ainda estão absorvidas nas lutas e nas contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente que uma pessoa de idade.

O adulto ativo não se ocupa longamente do passado; mas quando o faz, é como se este lhe sobrevivesse em forma de sonho. Para o adulto ativo, vida prática é vida prática, e memória é fuga, arte, lazer, contemplação. Bem outra é a situação do velho, do homem que já viveu sua vida. Ao lembrar seu passado, segundo Ecléa Bosi (2001), ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida e se interessa pelo passado bem mais que o adulto e não se contenta de aguardar que as lembranças o despertem, ele procura decifrá-las nos seus velhos papéis, suas antigas cartas, nos outros velhos e tenta falar sobre aquilo de que se lembra ou até fixá-lo por escrito.

Para Bosi (2001), a velhice pode e deve ser considerada uma categoria social, além de ser um destino do indivíduo. O declínio biológico do ser humano tem significados distintos, em sociedades distintas, torna o conceito de velhice um tanto

difícil de precisar. A sociedade industrial é maléfica para a velhice, ela rejeita o velho, pois ele já não é mais produtor nem reproduzidor, e até cita Jean-Paul Sartre (filósofo e escritor francês), dizendo que: “[...] se a posse e a propriedade constituem, segundo Sartre, uma defesa contra o outro, o velho de uma classe favorecida defender-se-ia pela acumulação de bens, suas propriedades o defenderiam da desvalorização de sua pessoa.” (BOSI, 2001, p. 77).

Ecléa Bosi, ainda, diz também que não encontrou uma história linear ou mesmo ausência de contradições entre aquilo que é narrado por essas pessoas e os registros históricos:

Não me cabe aqui interpretar as contradições ideológicas dos sujeitos que participaram da cena pública. Já se disse que ‘paradoxo’ é o nome que damos à ignorância das causas mais profundas das atitudes humanas [...]. Explicar essas múltiplas combinações (paulistismo de tradição mais ademarismo; ou tenentismo mais paulistismo mais comunismo; ou integralismo mais getulismo mais socialismo) é tarefa reservada a nossos cientistas políticos, que já devem ter-se adestrado a estes malabarismos. O que me chama a atenção é o modo pelo qual o sujeito vai misturando na sua narrativa memorialista a marcação pessoal dos fatos com a estilização de pessoas e situações e, aqui e ali, a crítica da própria ideologia (BOSI, 2001, p. 458-459).

Debert (2012) faz considerações à velhice sob a perspectiva antropológica e que é considerada uma categoria socialmente produzida. Bosi (2001), por sua vez, analisa sob a Psicologia Social, e considera que a velhice pode e deve ser considerada uma categoria social. Tanto Debert quanto Bosi admitem que a velhice é uma categoria social criada, no entanto cada uma delas vê de uma forma diferente o indivíduo dentro desse espaço. Debert possui uma visão de que o idoso usa seu tempo de aposentadoria para estabilizar seu processo de desenvolvimento, já que a sociedade assim impõe. Bosi apresenta essa sensação de luta, pois pelo declínio biológico pode ser rejeitada, pois não mais produz. Quando se aborda a velhice na concepção de categoria socialmente construída, suas representações na sociedade e a posição social assumida pelos mais velhos são fornecidas pelos mais jovens e adquirem sentidos particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos.

Os idosos formam agrupamentos em torno de diversas atividades que os aproximam, como é o caso dos bailes da saudade onde se reúnem periodicamente nos clubes ou associações e compartilham seus sentimentos comuns e formas de “estar juntos”. Isso leva até à formação de localidades que por esse tipo de aproximação chegam a ser concentrações de idosos, como Copacabana, no Rio de

Janeiro, o bairro que possui o maior número absoluto de idosos entre os bairros do País<sup>4</sup>. Tais agrupamentos são também retratados como no documentário de Eduardo Coutinho, *Edifício Master* (2002) e no de Carla Camurati, *Copacabana* (2001). Neste último, a diretora, de forma lúdica, poética e bem humorada, descreve o envelhecer. Existem outros hábitos, que de certa forma também aproximam os membros dessa classe etária, porque estão agregadas a ritmos e regularidades que imprimem no dia a dia, como programas televisivos – atividades ao ar livre, passeios organizados, etc. Gilberto Velho (1999), também faz considerações sobre o tema:

Outro fator sociodemográfico significativo é o envelhecimento da população. [...]. Copacabana é hoje o bairro do Rio com maior proporção de moradores de mais de 60 anos, com índice de quase 25%, [...]. Na cidade do Rio de Janeiro, como um todo, a população de mais de 60 anos chega a quase 11,24%. Três prédios que pesquisei no final da década de 60 têm hoje mais de 60% de sua população nessa faixa etária. Quase todos os filhos saíram do bairro ou mesmo da cidade. (p. 18).

Velho (1994), cujo interesse pelo estudo e estilos de vida das camadas médias urbanas brasileiras foi marcante em todas suas obras e estudos, fez uma análise antropológica sobre a identidade em diferentes aspectos (dimensões étnica, de gênero, etária) e a preocupação científica e política com a diferença na sociedade moderna-contemporânea, e até que ponto a participação de um estilo de vida e em uma visão do mundo, implica em uma adesão para a demarcação de fronteiras e elaboração de identidades sociais. E Copacabana, embora não seja um processo homogêneo para toda a população, parece um caso particularmente fértil para a investigação das características e transformações da vida metropolitana como um fenômeno de sociabilidade e interação social.

Da mesma forma, Barros (1999), na sua análise das narrativas de histórias de vida coletadas durante as pesquisas sobre a memória e uso do espaço urbano pelos segmentos mais velhos da população no Rio de Janeiro, percebeu que idosos entrevistados elegiam determinados aspectos da vida social para interpretar as mudanças culturais e físicas na cidade. Também construíam a representação de um processo de transformações, a partir da proeminência da visão como o sentido mais eficaz para exprimi-las. E que o cotidiano das dificuldades, do trabalho cansativo, das apreensões quanto ao futuro, das desigualdades de oportunidades acaba sendo

---

<sup>4</sup> Dados do IBGE. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/07/ibge-copacabana-e-o-bairro-mais-idoso-do-pais.html>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

esmaecido quando os velhos entrevistados comparam esses anos com a atualidade. As lembranças trazem o deslumbramento com a modernidade deste momento e constroem a ideia de uma cidade que conseguia conjugar a afetividade com a abertura para novidades tecnológicas, para novas formas de sociabilidade, para uma nova linguagem de apreensão da realidade trazida pela familiaridade com o cinema.

Quando os velhos de Copacabana falam de saudades dos cinemas, parecem referir-se aos projetos sociais e individuais não satisfeitos, à sociedade atual que os põe de lado como velhos e a uma tecnologia que não conseguem mais acompanhar. As recordações dos idosos também nos alertam contra uma sociedade capaz de destruir os quadros sociais da memória. Tão temerosos e nostálgico, quando os entrevistados, como Carlos Drummond de Andrade que lastimou o fim dos cinemas que costumava frequentar, dizendo que quem não sentiu a perda de um cinema que frequentava, teria memória nublada ou coração de pedra, ciente de que a memória social tende a sumir com o desaparecimento de seus marcos espaciais.

Gilberto Velho, tal como Ecléa Bosi, enfatiza que a trajetória de vida de cada indivíduo e a sua memória é um fator importante nas sociedades ocidentais modernas:

Nas sociedades onde predominam as ideologias individualistas, a noção de biografia, por conseguinte, é fundamental. A trajetória do indivíduo passa a ter um significado crucial como elemento não mais contido mas constituidor da sociedade. É a progressiva ascensão do indivíduo psicológico, que passa a ser a medida de todas as coisas. Nesse sentido, a *memória* desse indivíduo é que se torna socialmente mais relevante. Suas experiências pessoais, seus amores, desejos, sofrimentos, decepções, frustrações, trauma, triunfos, etc. são marcos que indicam o sentido de sua singularidade enquanto indivíduo, que é constantemente enfatizada. Carreira, biografia e trajetória constituem noções que fazem sentido a partir da eleição lenta e progressiva que transforma o indivíduo biológico em valor básico da sociedade ocidental moderna. [...] A *memória* tem um significado fundamental nesse processo. (VELHO, 1994. p.100).

Gilberto Velho cita Alfred Schutz (filósofo e sociólogo especialista em fenomenologia), que desenvolveu a noção de projeto como “conduta organizada para atingir finalidades específicas”, e que o projeto de vida seria uma ação do indivíduo de escolher um, entre os futuros possíveis, transformando os desejos e as fantasias que lhe dão substância em objetivos passíveis de ser perseguidos, representando, assim, uma orientação, um rumo de vida. Nesse sentido, o projeto

não deve ser entendido como resultado de um cálculo matemático, estrategicamente elaborado, ou de um processo linear, como está presente no senso comum.

A consciência e valorização de uma individualidade singular, baseada na memória que dá consistência à biografia, é o que possibilita a formulação e condução de projetos. Portanto, se a memória permite uma visão retrospectiva mais ou menos organizada de uma trajetória e biografia, na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização dos meios através dos quais esses poderão ser atingidos. A consistência do projeto depende, fundamentalmente, da memória que fornece os indicadores básicos de um passado que produziu as circunstâncias do presente, sem a consciência das quais seria impossível ter ou elaborar projetos. As circunstâncias de um presente do indivíduo envolvem, necessariamente, valores, preconceitos, emoções. O projeto e memória associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade. Ou seja, na constituição da identidade social dos indivíduos, com particular ênfase nas sociedades e segmentos individualistas, a memória e o projeto individuais são amarras fundamentais e Velho até cita Louis Dumont, antropólogo autor do livro *O Individualismo* (1985), que define que a noção de indivíduo é uma elaboração da sociedade ocidental moderna. Nela, o indivíduo, enquanto sujeito concreto, sofre influências e tem como ponto de referência áreas culturais diversas.

São visões retrospectivas e prospectivas que situam o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações, dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão das etapas de sua trajetória. Gilberto Velho (1994) diz que a possibilidade de se traçar um projeto de vida está de certa forma comprometida com a importância e a valorização da noção de indivíduo na sociedade. A ideia de projeto de vida remete a um plano de ação que um indivíduo se propõe a realizar em relação a alguma esfera de sua vida em um arco temporal mais ou menos largo. Tais elaborações dependem sempre de um campo de possibilidades dado pelo contexto socioeconômico e cultural no qual cada pessoa se encontra inserido e que circunscreve suas experiências.

Analisando pesquisas sobre grupos de idade, Debert (2006) verifica que elas tanto mostram que a geração, mais do que a idade cronológica, é a forma privilegiada de os atores darem conta de suas experiências extrafamiliares, como também indicam que mudanças na experiência coletiva de determinados grupos não



são apenas causadas por mudanças sociais de ordem estrutural, mas que esses grupos são extremamente ativos no direcionamento das mudanças de comportamento, na produção de uma memória coletiva e na construção de uma tradição, e o conceito de geração ultrapassa o nível das relações na família, direcionando transformações que a esfera política tem que incorporar. E cita, ainda, Anthony Giddens (2012) para a ideia de que o ciclo de vida perde sentido na modernidade:

Anthony Giddens (1992), em *Modernity and Self Identity*, considera que a própria ideia de ciclo de vida perde sentido na modernidade, uma vez que as conexões entre vida pessoal e troca entre gerações se quebram. Nas sociedades pré-modernas, a tradição e a continuidade estavam estreitamente vinculadas com as gerações. O ciclo de vida tinha forte conotação de renovação, pois cada geração redescobria e revivia modos de vida das gerações predecessoras. Nos contextos modernos, o conceito de geração só faz sentido em oposição ao tempo padronizado. As práticas de uma geração só são repetidas se forem reflexivamente justificadas. O curso da vida transforma-se em um espaço de experiências abertas e não de passagens ritualizadas de uma etapa para outra. Cada fase de transição tende a ser interpretada, pelo indivíduo, como uma crise de identidade e o curso da vida é construído em termos de necessidade antecipada de confrontar e resolver essas fases de crise. (GIDDENS apud DEBERT, 2012, p. 53).

Gilberto Velho também concorda que quando os fundamentos da razão se propõem a substituir os da tradição, à primeira vista, a segurança e a certeza são as palavras de ordem. Mas, não há relação direta entre conhecimento e certeza; todo conhecimento é revisado à luz de novas práticas. É possível dizer que a ideia de modernidade se opõe ao conceito de tradicional, mesmo que, em algumas situações, ambos possam estar entrelaçados. Se tomarmos, por exemplo, uma cultura tradicional, o passado é honrado e os símbolos, valorizados. Por outro lado, é plausível afirmar que a tradição não é estática, já que a cada geração ela é reinventada.

Velho (1994) também coloca que a memória é fragmentada, e que sentido de identidade depende em grande parte da organização desses pedaços, fragmentos de fatos e episódios separados, o passado, assim, é descontínuo, e que a consistência e o significado desse passado e da memória articulam-se à elaboração de projetos que dão sentido e estabelecem continuidade entre esses diferentes momentos e situações.

Por isso mesmo, o projeto é dinâmico e é permanentemente reelaborado, reorganizando a memória do ator, dando novos sentidos e significados, provocando com isso repercussões na sua identidade. Assim, a biografia, valorizada ao extremo em um mundo individualista, está sujeita a periódicas revisões e reinterpretações. Ainda para Velho (1994, p. 104):

A ideia, já do senso comum, de que a memória é seletiva, em parte se explica, por essa dinâmica dos projetos e da construção de identidade, que leva as referências do passado a um processo permanente de *des* e *re*construção.

A realização dos projetos dos indivíduos toma consistência de acordo com as trajetórias dos indivíduos e a viabilidade de suas realizações dependerão da interação com outros projetos individuais e coletivos e da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades, sendo que esses projetos, tal como as pessoas, mudam, ou mesmo como diz Velho (1994), as pessoas mudam através de seus projetos e a transformação individual se dá ao longo do tempo. A heterogeneidade, a globalização e a fragmentação da sociedade moderna introduzem novas dimensões que põem em xeque todas as concepções de identidade social e consistência existencial, em termos amplos. E uma transformação do projeto original, aos poucos, pode ocorrer em função de interações e experiências inéditas.

Myriam Moraes Lins de Barros, em seu ensaio “Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice” (2006), abordou algumas questões relativas à velhice nas mulheres. Cita Schutz e Velho, quando analisou como o projeto de vida interferia na existência das entrevistadas:

O projeto é pensado em condições socioculturais específicas e está ligado aos valores da sociedade. É o aspecto socializado do conhecimento (Schutz, 1979) ou aspecto público da linguagem (Velho, 1979), que dá ao projeto a possibilidade de existência. A experiência social das mulheres deve ser pensada dentro da situação social em que se encontram, dentro, portanto, de valores que indivíduos de um determinado segmento das camadas médias urbanas manipulam. Alguns valores já foram aqui mencionados: a valorização da educação acadêmica, da profissionalização, a importância do status enquanto indivíduo, acrescido de padrões morais nos quais o catolicismo é figura predominante, implícita ou explicitamente. (BARROS, 2006, p. 155).

Barros (2006), que há quase 20 anos iniciou sua pesquisa para cobrir a lacuna sobre o tema velhice nas Ciências Sociais e na Antropologia, reuniu textos

que lidam com diferentes dimensões dessa problemática, e assim faz a apresentação de seu livro:

A velhice assusta. A certeza da finitude de todos nós sempre foi tema de filósofos, religiosos, pensadores, homens e mulheres de todos os tempos. A associação óbvia que se faz entre a velhice e a morte nada tem de novo, nem é própria da atualidade, embora saibamos que se realiza diferentemente em épocas e culturas distintas. Hoje, na sociedade contemporânea, com a exacerbação da atenção dada ao corpo, especialmente ao corpo são, vigoroso, ágil e sexualizado, a velhice incomoda por sua inexorabilidade, independentemente a todos os saberes que investigam o corpo humano na tentativa de adiar sua chegada e a da própria morte (BARROS, 2006, p. 7).

Quando faz considerações sobre divisão por idades, Barros (2006) apresenta uma hierarquia de poder e diz que aqueles que o detêm são, em geral, pessoas já não consideradas jovens pela sociedade. Também enquadradas na categoria de velhos, ou que pelo menos não se definem como tal, pois esta definição é estigmatizada pela sociedade atual, e que ser velho não significa apenas ser idoso, mas apresentar uma série de características negativas.

A velhice, como estigma, não está necessariamente ligada à idade cronológica. Os traços estigmatizadores da velhice evidenciados na literatura analisada ligam-se a valores e conceitos depreciativos: a feiúra, a doença, a desesperança, a solidão, o fim da vida, a morte, a tristeza, a inatividade, a pobreza, a falta de consciência de si e do mundo. Pensar na velhice nesses termos, não é limitando a uma idade cronológica, levanta ainda outra questão para a situação do velho na sociedade brasileira. Embora o estigma da velhice possa existir, nem todos os que chegam a determinada idade tornam-se passíveis de ser indivíduos estigmatizados. (BARROS, 2006, p. 139).

Vincent Caradec (2016), sociólogo francês e referência importante nesse campo de conhecimento, fez considerações a respeito da velhice e do envelhecimento, utilizando-se inclusive a definição de velhice no dicionário francês *Le Robert*:

Na França, como em muitos outros países, o imaginário do declínio está no centro das representações contemporâneas da velhice e do envelhecimento. Esse imaginário está por trás, por exemplo, das definições nos dicionários. O *Le Robert* define a velhice como o “último período da vida, sucedendo à maturidade, e caracterizado por um enfraquecimento global das funções fisiológicas e das faculdades mentais e por modificações atroficas dos tecidos e órgãos”. Quanto ao envelhecimento, é associado à senescência, termo forjado pela geriatria no fim do século XX para designar o enfraquecimento e retardamento das funções vitais, em decorrência da velhice. (CARADEC, 2016, p.11).

No Brasil, o governo vem instituindo diversas políticas públicas voltadas para o idoso, principalmente para preservação de seus direitos. Uma das mais importantes normas estabelecidas foi o Estatuto do Idoso, sancionado em 2003, em cujo terceiro artigo, menciona-se que:

Art. 3º - É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 2003).

Mas, mesmo com o os critérios de proteção sancionados pelo referido Estatuto, muitos desses direitos são desconsiderados. Idosos ainda são vítimas da exclusão social e dos maus-tratos da família. O desrespeito das vagas reservadas para os idosos nos estacionamento, os ônibus que passam direito do ponto ao vê-los sinalizando, o ar *blasé* dos passageiros que os desrespeitam quando ocupam um assento reservado para eles no metrô ou nos ônibus (às vezes até disfarçando que estão dormindo ou com um livro ou jornal aberto apenas para disfarçar) são alguns exemplos.

A Constituição Federal de 1988 estabeleceu, finalmente, regras para a Previdência Social, definindo um regime geral e de caráter contributivo e de filiação obrigatória, para que os trabalhadores filiados tivessem direito a benefícios e serviços. O mais importante deles foi a aposentadoria por idade, uma vez que, antes disso, as reivindicações eram segmentadas por categorias: apenas as mais organizadas (bancários, ferroviários, marítimos) obtinham melhores benefícios.

Júlio Assis Simões, em seu artigo *A maior categoria do país: o aposentado como ator político* (2006), mostra essa evolução:

Nos anos 90, os problemas relativos à aposentadoria e à Previdência social ganharam nova visibilidade política no Brasil. Os grandes responsáveis por isso foram os próprios aposentados e pensionistas, que ocuparam as ruas (e a mídia) não só com suas costumeiras filas diante de bancos e agências do INSS, mas também com caravanas, congressos e manifestações de protesto, cujos momentos mais marcantes foram “a mobilização pelos 147%”, entre 1991 e 1992, a mobilização contra o arrocho dos benefícios pagos pela Previdência Social e, mais recentemente, contra o projeto de reforma da Previdência social do próprio governo. (SIMÕES, 2006, p. 13).

Ao se referir às diferenças na aposentadoria para homens e mulheres, Barros (2006) considera que a mulher não é desvinculada de seu trabalho doméstico. A

mulher velha representa um elemento importante no cuidado dos netos. A velhice para a mulher não é uma categoria de idade cronológica, nem de degenerescência física e mental, mas um período de vida visto como derradeiro, diferentemente para o homem, na qual a aposentadoria representa uma maior modificação:

Para o homem, entretanto, a aposentadoria está ligada a uma redução nas relações sociais e na renda: a pensão que recebe como aposentado traz um novo problema para a formação de novos laços de amizade e mesmo para preservação dos antigos, devido à dificuldade de retribuição. (BARROS, 2006, p. 119).

Porém, hoje o Brasil e o mundo estão se deparando com uma nova realidade: a população idosa está aumentando, suas condições de saúde e capacidade produtiva são muito melhores, devido às evoluções tecnológicas e avanços da medicina. Com maior longevidade, demandam-se mais recursos do poder público, e, por isso, há os que defendem que a aposentadoria seja adiada, compartilhando da preocupação geral dos governantes com os gastos da Previdência.

De acordo com o IBGE, o número de idosos cresce e gera desafio maior à Previdência:

Com o aumento da expectativa de vida e a redução da taxa de fecundidade, a fatia de idosos na população brasileira chegou a 14,3% em 2015, segundo dados divulgados nesta sexta (2) pelo IBGE.

O número representa um crescimento de 46% em relação aos 9,8% verificados em 2005 e reforça o desafio para manter a sustentabilidade do sistema previdenciário, dizem técnicos do instituto.

Os dados são do estudo Síntese de Indicadores Sociais, elaborado com base em dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios).

"Dado o processo de envelhecimento populacional que vem sendo experimentado no país, é importante destacar os desafios que surgem neste cenário, que estão relacionados principalmente com a Previdência Social, a saúde, a assistência social, o cuidado e a integração dos idosos", conclui o estudo. (PAMPLONA, 2016).

Como a velhice passou a ser um dos temas brasileiros que mais ganharam importância nos últimos anos, a partir da década de 1980, graças a uma proliferação acentuada de iniciativas voltadas para seu atendimento, formaram-se em diversas cidades brasileiras conselhos de idosos junto às próprias administrações municipais e estaduais. Movimentos de aposentados se fazem presente mostrando seu protesto contra o descaso dos governos em relação ao idoso, para questionar a credibilidade

de sua administração política e econômica. Empresas, fundações, institutos e prefeituras, através de Programas de Preparação para a Aposentadoria (PPA), se preocupam em integrar em suas políticas de recursos humanos programas de preparação para a aposentadoria, contando, com isso, com profissionais da gerontologia e geriatria para oferecer aos trabalhadores de mais idade uma transição a sua futura condição de inativos. Deborah Stucchi (2006) assim descreve o problema:

Pensar na aposentadoria, portanto, é acompanhar como um problema que dizia respeito aos indivíduos, às suas famílias e às agências filantrópicas constitui-se em questão política. É compreender como o problema sustento na velhice transforma-se num direito do trabalhador, que, após certo número de anos de trabalho ou ao atingir determinada idade, passa a receber uma renda vitalícia. Ao pactuar o contrato trabalhista com o empregador, o indivíduo adquire a aposentadoria como direito e a velhice passa a ser um problema de alcance público. (2006, p.36).

Numa descrição histórica da criação da aposentadoria no Brasil, Clarice Peixoto (2006), por sua vez, relata que a primeira concessão ao direito à aposentadoria no Brasil ocorreu no século passado, por volta de 1890, para os funcionários públicos de estrada de ferro. Logo em seguida, outros funcionários públicos também adquiriram esses direitos (Ministério das Finanças, da Marinha, da Casa da Moeda, dos Portos do Rio de Janeiro). Entretanto, somente a partir dos anos 1920, com a Lei Elói Chaves, foram criadas as caixas de aposentadoria e de pensão, que iniciou um sistema de proteção social no interior das empresas. Já nos anos 1930, foi que se estendeu o sistema das aposentadorias para a maior parte das categorias profissionais.

Foi somente com a Constituição Federal de 1988 que se reconheceu pela primeira vez a importância da questão velhice e se estabeleceu que o valor da aposentadoria deveria se basear no salário mínimo e no seu artigo 20 registra “a família, a sociedade e o Estado têm o dever de cuidar de seus idosos, assegurando-lhes uma participação na vida comunitária, protegendo sua dignidade e bem-estar, garantindo-lhes o direito à vida”.

Essas modificações na legislação brasileira acentuaram a representação social do aposentado, que passa a ser fortemente associada à velhice, e as pessoas aposentadas, ou não-produtivas, independentemente da idade, são designadas de “velhas”. E é a partir da criação da aposentadoria que o ciclo de vida é

reestruturado, estabelecendo-se três grandes etapas: a infância e adolescência (tempo de formação), a idade adulta (tempo de produção), e a velhice (idade de repouso), isto é, o tempo do não trabalho.

A associação entre velhice e decadência atinge então todos os domínios da sociedade brasileira. Em artigo sobre a representação social da velhice, Debert mostra que a categoria velho, na percepção das pessoas envelhecidas pertencentes às camadas médias e superiores, está também associada à pobreza, dependência e incapacidade. Assim, em sua proposição de uma política para a velhice, essas pessoas sugerem melhoramento nos asilos para a “população velha e pobre”: o isolamento – mais confortável? – é a solução ideal de controle dos velhos pobres, assim como um mascaramento da velhice feia e acabada. Através da análise desses depoimentos, a autora mostra que “o velho é sempre o outro”. (PEIXOTO, 2006, p. 81).

Análise de alguns dados estatísticos feitas pela Pnad (Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio) verificou que 8,2 % da população de mais de 60 anos são mulheres, e os homens constituem 7,2%, 15% das mulheres idosas vivem sozinhas, enquanto apenas 8% dos homens são sós. O que agrava essa condição de solidão é que, desse, 60% das mulheres e 52% dos homens recebem, no máximo, um salário mínimo por mês e os que recebem mais de 10 salários mínimos são apenas 7% dessa população.

Os velhos que ainda vivem em grupo familiar - nas famílias extensas - constituem 41,9 % da população brasileira. Segundo Edith Motta, assistente social e antiga militante da causa da velhice, já falecida; “o problema dos velhos é a rejeição social. Eles precisam se sentir úteis. A gente sabe que muitas famílias rejeitam seus velhos, não a minha nem a sua, mas as outras”. Ou como diz Marie-Louise (72 anos): eu acho que a velhice vem sempre acompanhada da solidão, mesmo que seja moral. Mesmo no meio de filhos, penso que estamos sempre um pouco solitários. A gente não participa mais.... Mais a gente envelhece, mais a gente está só. A gente se sente só nomeio da multidão. Terrivelmente. Onde a gente se sente menos só é na casa da gente.” (PEIXOTO, 2006, p. 82).

Consoantes pesquisas apresentadas no *Guia Sersa* (2014), a segurança do idoso é bastante comprometida pelas omissões do Estado (que não cumpre as sanções impostas pelo próprio Estatuto). A própria família ou grande parte dela, bem como por pessoas próximas (vizinhos, amigos e familiares) são os principais agentes de violência contra o idoso, que pode se manifestar sob diversas formas, desde a

psicológica, como negligência e descaso, até agressões físicas. O *Guia Serasa*<sup>5</sup> apresenta os seguintes dados numéricos:

Constituição Federal diz que é obrigação dos filhos dar assistência aos pais. Contudo, segundo Eneida Gonçalves de Macedo Haddad, coordenadora do núcleo de pesquisa do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais (IBCCRIM) esses direitos ficam no papel. Estudo feito pelo IBCCRIM com base nas ocorrências registradas pela Delegacia de Proteção ao Idoso de São Paulo em 2000 mostra que 39,6% dos agressores eram filhos das vítimas, 20,3% seus vizinhos e 9,3% outros familiares. As ocorrências registradas com maior frequência foram as ameaças (26,93%), seguidas de lesão corporal (12,5%) e de calúnia e difamação (10%,84). O estudo mostrou, também, que parte das ocorrências são retiradas pelos idosos dias após a denúncia. Nos registros, os idosos argumentam que precisam viver com a família, têm de voltar para casa, e a manutenção da queixa atrapalharia a convivência.

O Estatuto do Idoso considera, no seu artigo 94, a questão da ampliação do conceito de menor potencial ofensivo e aplicação dos institutos redutores de penas.

Art. 94. Aos crimes previstos nesta Lei, cuja pena máxima privativa de liberdade não ultrapasse 4 (quatro) anos, aplica-se o procedimento previsto na Lei nº 9.099, de 26 de setembro de 1995, e, subsidiariamente, no que couber, as disposições do Código Penal e do Código de Processo Penal. (Vide ADI 3.096-5 - STF). (BRASIL, 2003, p. 940).

Sobre a questão da ampliação do conceito de menor potencial ofensivo, Marco Antonio Vilas Boas (2011) argumenta que no artigo anteriormente citado:

O dispositivo acima conjugou a lei material e a formal: a pena e a ferramenta para sua aplicação. Não deixou também de catalogar a possibilidade de vários procedimentos: partiu-se da lei que criou os juizados especiais criminais, com suas roupagens próprias e encerrou-se nos maiores rigores do Código de Processo Penal, mais rico em procedimentos e incidentes. Pode-se atingir, na última escala, o procedimento ordinário com suas sanções mais pesadas. (2011, p. 176).

O Estatuto do Idoso, assim, é destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, mas é bom lembrar que alguns direitos exigem dos idosos uma idade mais avançada (como, por exemplo, o direito à gratuidade no transporte coletivo, que exige a idade mínima de 65 anos na maior parte dos municípios), conforme previsão do art. 230 parágrafo 2 da CF/88, e que foi sem dúvida uma grande conquista adquirida pelos idosos.

<sup>5</sup> SERASA. *Guia Serasa de orientação ao cidadão*. Disponível em: <<http://www.serasaexperian.com.br/guiaidoso/99.htm>>. Acesso: 18 mar. 2012.



Nas normas do mesmo Estatuto, encontram-se preceitos amplamente debatidos pela sociedade, revelando um caráter protetivo dos direitos fundamentais do idoso, mas a situação atual ainda é extremamente precária (baixos valores da aposentadoria, alto custo dos remédios, dificuldades de locomoção, etc.).

[...] direitos esses que exigem idades diferentes, como a habilitação para o recebimento do Benefício de Prestação Continuada (BPC).

O BPC, o mais importante programa de garantia de renda destinado aos idosos, previsto na Constituição Federal e na Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), já trabalhou com diferentes critérios de idade...

Um desses aspectos é a quantidade maior de pessoas a demandar cuidados em diferentes níveis, inclusive aqueles destinados a quem se torna dependente de ajuda para tarefas mais elementares. Nesses termos, cabe ao País investir na formação de cuidadores, geriatras, fisioterapeutas e outros profissionais que se dedicam ao atendimento dos idosos. A demanda por esses profissionais vai aumentar consideravelmente nos próximos anos (PAIM, 2014).

Com o aumento da população idosa em todo o mundo, principalmente com desenvolvimentos tecnológicos e avanços da medicina (o que favorece ainda mais o crescimento da população idosa), talvez precisemos de medidas mais efetivas para ampliar esse sistema protetivo e uma maior conscientização dos governos para proteger nossos idosos e respeitar seus direitos.

## 2.2 Classificação etária

Tal qual a certeza da morte nos seres vivos, o envelhecimento é o único processo vitalício de que todos nós compartilhamos. Não há como esconder o envelhecimento, ele não é somente a passagem do tempo e sim uma manifestação biológica que ocorre durante toda a nossa vida. Podemos reconhecer uma pessoa idosa quando a vemos, porém nem sempre conseguimos ver a diferença entre o envelhecimento cronológico e o biológico, isto é, nem sempre conseguimos realmente estimar a idade real de uma pessoa: algumas aparentam ser mais velhas do que sua idade real, e vice-versa, mas isso também acontece com a idade mental de algumas pessoas. A vida é muito distinta, não é como se apresenta. Alguns são velhos com 30 anos, outros, jovens com 60. O posicionamento do velho na sociedade tem diferenças entre as diversas civilizações. Simone de Beauvoir (1990, p. 51) considera:

Veremos que, como em muitas outras espécies, nas sociedades humanas, a experiência e os conhecimentos acumulados são um trunfo para o velho. Veremos também que ele é muitas vezes expulso, mais ou menos brutalmente, da coletividade. Entretanto, o drama da idade não se produz, então, no plano sexual, mas no econômico. O velho não é, como entre os antropoides, o indivíduo que não é mais capaz de lutar, mas aquele que não pode mais trabalhar e que se tornou uma boca inútil. Sua condição nunca depende simplesmente dos dados biológicos: fatores culturais intervêm. Para o antropoide monopolizador de fêmeas, a velhice é um mal absoluto que o põe à mercê de seus semelhantes e o impede de se defender contra agressões exteriores. Ela acarreta uma morte brutal ou o definhamento solitário. Ao passo que, nas comunidades humanas, esse flagelo natural, a velhice, está integrado numa civilização que tem sempre, nem que seja num grau muito fraco, a característica de uma *antiphysis* e que pode, portanto, modificar profundamente o seu sentido. Assim, em certas sociedades, veem-se os velhos monopolizarem as mulheres, graças a um prestígio que os defende contra a violência.

Debert (2012), por sua vez, também coloca que essa institucionalização crescente do curso da vida envolve praticamente todas as dimensões do mundo familiar e do trabalho e está presente na organização do sistema produtivo, nas instituições educativas, no mercado de consumo e nas políticas públicas que, cada vez mais têm como alvo grupos etários específicos:

Na explicitação das razões que levaram à cronologização da vida, pesos distintos podem ser atribuídos a dimensões diversas. A padronização da infância, adolescência, idade adulta e velhice, pode ser pensada como resposta às mudanças estruturais na economia, devidas sobretudo à transição de uma economia que tinha como base a unidade doméstica para outra, baseada no mercado de trabalho. Inversamente, a ênfase pode ser dada ao Estado Moderno que – no processo de transformação de questões que diziam respeito à esfera privada e familiar em problemas de ordem pública – seria, por excelência, a instituição que orienta o curso da vida, regulamentando todas as suas etapas, desde o momento do nascimento até a morte, passando pelo sistema complexo de etapas de escolarização, entrada no mercado de trabalho e aposentadoria. (Quando se trata da cronologização da vida, é preciso levar em conta as variações nas etapas e na extensão em que o curso da vida é periodizado em sociedades modernas distintas, bem como o tipo de sequência cronológica que caracteriza a experiência de diferentes grupos sociais em uma mesma sociedade e as mudanças nela ocorridas em períodos de tempo relativamente curtos (DEBERT, 2012, p. 51).

A estigmatização do idoso nas sociedades contemporâneas e ocidentais também encontra respaldo nos estudiosos da cultura. Raymond Williams (2011), por exemplo, raciocina que os conceitos de “hegemonia”, “produção” e “forças produtivas” embutem a definição de “negócio”, isto é, a negação do ócio. A palavra “negócio” é a combinação de *nec* + *otium*. No latim, *otium* é descanso, lazer, ou quem não trabalha; a partícula *nec* é um advérbio de negação. Praticar o “não-ócio”

é negociar, trabalhar para, depois, dedicar-se ao que é positivo: viver em paz. Então, neste sentido, as pessoas idosas são, as que não trabalham, não praticam o “negócio” e, portanto, não fazem parte do sistema produtivo.

Norberto Bobbio (filósofo político e historiador do pensamento político) refletiu sobre a velhice a partir de sua condição de velho e tratou de forma comovente a irreversibilidade do envelhecimento biológico. Ele mostrou que a finitude da vida é sem volta: inicia com sinais silenciosos, mas visíveis, como os esquecimentos, a lentidão de movimentos físicos, mas é possível resistir à sua aceleração, quando mencionamos “Ainda estou aqui”, e classifica a velhice sob três perspectivas:

A velhice pode ser compreendida sob três perspectivas: a cronológica, a burocrática e a psicológica ou subjetiva.

A velhice cronológica é meramente formal. Estipula-se um patamar (uma idade) e todos que o alcançarem são considerados idosos, independentemente de suas características pessoais.

A velhice burocrática corresponde àquela idade que gera direitos a benefícios, como a aposentadoria por idade ou passe livre em ônibus urbanos.

A velhice psicológica, ou subjetiva, é a mais complexa já que não pressupõe parâmetros objetivos. Depende do tempo que cada indivíduo leva para sentir-se velho (BOBBIO, 1997, p. 17).

A velhice, entendida por Simone de Beauvoir como fenômeno biológico com consequências psicológicas, modifica a relação do homem no tempo, com o mundo e com a sua própria história. As relações e percepções do corpo, historicamente modificadas, nos fazem ver que a velhice, mesmo numericamente aumentada nas sociedades contemporâneas ocidentais de modo geral, tem sido tão positivada quanto adiada. Cada vez mais pessoas conseguem atingir 60, 70 e até mais de 80 anos de idade. No entanto, cabelos brancos podem receber uma coloração que devolve a cor e brilho; as rugas podem ser reduzidas graças às transformações de aplicações ou bisturis; as doenças, normalmente atribuídas à idade avançada, como as ligadas a desgastes ósseos ou do sistema circulatório, podem ser controladas seguramente por tratamentos clínicos fisioterápicos e/ou medicamentosos. Ou seja, envelhecer pode não ser um problema quando o corpo é desnaturalizado e reconstruído pela via do mercado da estética (mas não só esse mercado).

O corpo já foi "naturalizado" nas manifestações sobre doença, morte, velhice no século XIX e início do século passado. No entanto, no final do XX, foi dado a ler na busca de saúde e prazer infinitos, conforme Beauvoir (1990, p. 104). “Quando

uma sociedade é harmoniosamente equilibrada, assegura aos velhos um lugar decente, confiando-lhes trabalhos adaptados às suas forças. Mas não os privilegia mais”. Ainda segundo a autora, os efeitos do envelhecimento são diferentes para homens e mulheres:

A velhice não tem o mesmo sentido nem as mesmas consequências para os homens e para as mulheres. Apresenta para estas últimas uma vantagem particular: depois da menopausa, a mulher não é mais sexuada; torna-se a homóloga da menina impúbere e escapa, como esta, a certos tabus alimentares. As proibições que pesavam sobre ela, por causa da mácula mensal, são suspensas. Pode tomar parte nas danças, beber, fumar, sentar-se ao lado dos homens. Os fatores que contam a favor dos velhos machos intervêm também para lhes assegurar certos benefícios. Nas sociedades matrilineares, sobretudo, seu papel cultural, religioso, social e político é muito importante. Nas outras, sua experiência tem um certo valor. Atribuem-se às mulheres poderes sobrenaturais que lhes podem conferir prestígio, mas que também podem voltar-se contra elas. Em geral, seu estatuto permanece inferior ao dos homens. São mais negligenciadas e abandonadas com mais facilidade. (BEAUVOIR, 1990, p. 105).

Importante destacar que, para alguns teóricos, a palavra “idoso” foi consagrada e está atualmente em uso, em detrimento da palavra “velho” (diferentemente da posição de Mirian Goldenberg), que se tornou quase pejorativa, sugerindo algo já no seu final, sem mais esperanças, semelhante a “decrépito” ou “senil” (que pode vir a significar “doença”). Também outras denominações são utilizadas, tais como “ancião”, mas neste caso há uma conotação positiva: trata-se de alguém respeitável ou até venerável. Outros empregam “terceira idade” (expressão usada para maiores de cinquenta anos), ou “melhoridade”, fazendo alusões a que é nesta idade que melhor se aproveitaria a vida, pois as pessoas assim classificadas disporiam de certa estabilidade econômica, não mais teriam que trabalhar, pois não arcam mais com grandes responsabilidades financeiras e desfrutariam de tempo para aproveitar a vida.

A origem da palavra “idoso”, de acordo com Marco Antonio Vilas Boas (2011, p. 1), pode assim ser definida:

O vocábulo “idoso” tem sua origem latina no substantivo *aetas*, *aetatis*, de cujo acusativo *aetatem* (caso lexiogênico de onde nasceu a maioria das palavras num grande número de línguas modernas) deu-se existência à palavra “idade”. “Idoso” é vocábulo de duas componentes: “idade” mais o sufixo “oso” que, no léxico, denota “abundância ou qualificação acentuada”. Portanto, o vocábulo “idoso” pode significar: cheio de idade, abundante em idade, etc.

Pérola Melissa Vianna Braga, especialista em Estatuto do Idoso, define que, legalmente idoso, no Brasil, é toda a pessoa que tem 60 anos ou mais. Esta definição consta da Política Nacional do Idoso: Lei Federal 8.842/94, artigo 2, e artigo 1 do Estatuto do Idoso; Lei Federal 10.741/03. Esta definição é importante para evitar equívocos ou comparação com outros países, pois o conceito etário de idoso pode variar em cada país. “A diferença segue principalmente um critério socioeconômico e a Organização das Nações Unidas (ONU) determinou desde 1982 em Viena, Áustria que em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, a idade seria 60 anos”. (BRAGA, 2011, p. 60).

Segundo Naide Maria Pinheiro, promotora de Justiça de Defesa do Idoso e da Pessoa com Deficiência, da Comarca de Natal, durante muito tempo os profissionais que trabalhavam em defesa dos idosos acalentavam o desejo de dispor de uma legislação que regulasse e garantisse, de forma mais concreta, os direitos dessa parcela da população, embora todos fossem cientes de que os idosos, como pessoas que são, possuem os mesmos direitos assegurados a todas as outras, o que, em princípio, dispensaria a existência de uma lei específica sobre a pessoa idosa (PINHEIRO, 2008, p. 31). Até bem pouco tempo, contávamos, basicamente, com a Lei n. 8.842/94 que dispõe sobre a política nacional do idoso. A referida lei, porém, parecia uma mera carta de intenções, na qual foram especificados, essencialmente, os princípios e as diretrizes que norteavam mencionada política. Assim, conscientes da carência de norma jurídica que assegurasse maior concretude aos direitos dos idosos ansiávamos por muito mais. Para isso, era necessária uma lei que determinasse de forma direta os caminhos para se assegurar a proteção integral do idoso. “Para nossa alegria, nasce a Lei n. 10.741/2003 que, embora com imperfeições em muitos pontos, tem causado uma verdadeira revolução no que tange à proteção dos direitos das pessoas idosas”. (PINHEIRO, 2008, p. 31).

Já Wladimir Novaes Martinez, especialista em direito previdenciário, também aponta as imperfeições das leis e afirma que antes do Estatuto do Idoso (lei nº 10.741/03) não havia conceito legal do idoso e, mesmo depois dele, continua não existindo, porque além do critério cronológico, ele não é único, visto que, para a obtenção dos alimentos, o conceito de idoso é um (art. 11) e para os deficientes, é outro (art. 15 § 4o); para os internados, outro ainda (art. 16) e assim por diante. E Martinez continua apontando as imperfeições da lei em relação ao conceito de

idoso: em razão do transporte (art. 39), para os descontos (art. 40, II) e pode variar conforme a lei local (art. 41) no que diz respeito à tramitação de processos (art. 71). Até mesmo para a imunidade do Imposto de Renda era distinguido ( art. 153, § 2o, ii). Martinez, ainda, continua pontuando com outros critérios da lei:

Definição defensável – Até a Lei nº 10.741/03, podia ser o hipossuficiente economicamente, sem a cooperação ou o auxílio da família, socialmente desamparado e incapaz de pessoalmente realizar-se como ser humano, carente de atenção em vários aspectos [...]. Todavia é bom lembrar, tanto a Carta Magna quanto a lei ordinária não distinguem: para os diversos fins, é idoso o pobre ou o rico.

Distinção necessária – Importa não esquecer certa diferenciação que diz respeito à idade propriamente dita. Um sexagenário não é semelhante àquele que está acima de 90 anos. De igual forma, não revelando os anos de vida, se ele está saudável ou enfermo, fato que muitas vezes é confundido (MARTINEZ, 2005, p. 22).

O processo de envelhecimento da população brasileira é muito amplo e altera não só a vida dos indivíduos, mas também a estrutura familiar e da própria sociedade. Modifica também a demanda por políticas públicas e a pressão pela distribuição de recursos na sociedade. De acordo com o Censo Demográfico de 2010 do IBGE, essa alteração, em números, modificou-se em relação aos anteriores.

A representatividade dos grupos etários no total da população em 2010 é menor que a observada em 2000 para todas as faixas com idade **até 25 anos**, ao passo que os **demais grupos etários** aumentaram suas participações na última década. O grupo de crianças de **zero a quatro anos** do sexo masculino, por exemplo, representava 5,7% da população total em 1991, enquanto o feminino representava 5,5%. Em 2000, estes percentuais caíram para 4,9% e 4,7%, chegando a 3,7% e 3,6% em 2010. Simultaneamente, o alargamento do topo da pirâmide etária pode ser observado pelo crescimento da participação relativa da população com **65 anos ou mais**, que era de 4,8% em 1991, passando a 5,9% em 2000 e chegando a 7,4% em 2010<sup>6</sup>.

Se considerarmos as pessoas de 60 anos ou mais, esta variou entre 1998 e 2008 de 8,8 % para 11,1 % e terá, em 2025, a sexta maior população idosa do mundo em termos absolutos. De acordo com o pesquisador Les Mayhew (2012), a expectativa de vida de ambos os sexos está crescendo, pois o índice dos homens está aumentando a um ritmo mais acelerado, alcançando as mulheres:

---

<sup>6</sup> IBGE – Censo Demográfico de 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia>>. Acesso em: 05 mai. 2012.

O estudo mostrou que os homens ficaram atrás das mulheres em relação à expectativa de vida ao longo de várias décadas, mas que agora eles estão se aproximando. Se a atual tendência prosseguir, afirma o analista, ambos os sexos poderão viver, em média, até os 87 anos em 2030.

O interessante é que nos últimos 20 anos, a expectativa de vida de homens na faixa dos 30 anos aumentou em seis anos. Se seguir aumentando, nos próximos 20 anos, a expectativa de vida masculina irá coincidir com a feminina.<sup>7</sup>

No Brasil, de acordo com a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expectativa de vida do brasileiro, nascido em 2015, aumentou e passou a ser de 75,5 anos. Em 2014, era de 75,2 anos e em 2012 era de 73,4 anos. O aumento foi de 3 anos e 10 dias em relação a uma década atrás.

Publicação lançada nesta segunda-feira, 29, pelo IBGE mostra que, em 40 anos, a população idosa vai triplicar no País e passará de 19,6 milhões (10% da população brasileira), em 2010, para 66,5 milhões de pessoas, em 2050 (29,3%). As estimativas são de que a "virada" no perfil da população acontecerá em 2030, quando o número absoluto e o percentual de brasileiros com 60 anos ou mais de idade vão ultrapassar o de crianças de 0 a 14 anos. Daqui a 14 anos, os idosos chegarão a 41,5 milhões (18% da população) e as crianças serão 39,2 milhões, ou 17,6%, segundo estimativas do IBGE<sup>8</sup>.

Peixoto, em seu artigo “Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade...” (2006, p. 72), tece diversas considerações sobre classificação etária, definindo primeiramente a noção de velho. Para ele, essa noção está “[...] fortemente assimilada à decadência e confundida com a incapacidade para o trabalho: ser velho é pertencer à categorização emblemática dos indivíduos idosos e pobres.”

Também menciona, que a partir dos anos 1970, com a elevação das pensões, fez-se aumentar o prestígio dos aposentados, devido a uma nova política social para a velhice. Com isso observou-se uma transformação nos termos de tratamento, bem como outra percepção das pessoas envelhecidas, e considera que certos vocábulos tornados pejorativos foram suprimidos dos textos oficiais, e apresenta a utilização do termo *idoso* (que aparenta ser, segundo alguns especialistas do tema) não tão preciso quando *velho*, mas talvez mais respeitoso.

---

<sup>7</sup> BBC – Expectativa de vida dos homens pode alcançar a de mulheres até 2030. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/04/120423\\_vida\\_homens\\_bg.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/04/120423_vida_homens_bg.shtml)>. Acesso em: 16 jan. 2017.

<sup>8</sup> IBGE – Expectativa de vida do brasileiro. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2016/12/expectativa-de-vida-no-brasil-sobe-para-75-5-anos-em-2015>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

Se, é verdade que os velhos se tornaram pessoas respeitadas através do termo *idosos*, este parece ser ainda mais valorizado com a criação da categoria *aposentado*, que introduz melhorias nas condições de vida das pessoas envelhecidas: através de instrumentos legais elas passam a adquirir um estatuto social reconhecido. No entanto, a aposentadoria traça confortos homogêneos neste novo recorte das idades, criando assim uma identidade comum em torno do universo da velhice, uma vez que classifica as pessoas não-produtivas segundo a idade cronológica. O estabelecimento do direito à inatividade remunerada – a aposentadoria – permite a uma geração uma situação de disponibilidade e de ociosidade que se transforma em novos hábitos, em novos traços comportamentais e, portanto, em uma luta contra os estigmas de velho e velhote. (PEIXOTO, 2006, p. 74).

Continuando, Peixoto introduz um novo termo, a terceira idade, para designar os jovens aposentados, para os que a aposentadoria significava o não ter nada que fazer, mas que também o tempo liberado para realização de velhos sonhos, e à realização de um novo projeto de vida:

Faz-se então necessário criar um novo vocábulo para designar mais respeitosamente a representação dos jovens aposentados – surge a *terceira idade*. Sinônimo de envelhecimento ativo e independente, a terceira idade converte-se em uma nova etapa da vida, em que a ociosidade simboliza a prática de novas atividades sob o signo de dinamismo. (PEIXOTO, 2006, p.76).

Esse conceito, surgido na França, na década de 1970, foi também comentado, devido à sua importância, por Vincent Caradec (2016, p.12). Para ele:

Na década de 1970, surgiu na França uma nova expressão para designar a população de mais idade, ou pelo menos a parte mais jovem dessa população. A expressão, que seria amplamente difundida, e aos poucos se impondo, é o símbolo de uma transformação profunda do mapa das existências individuais: com a *terceira idade*, uma nova idade da vida adquire consistência e passa a ocupar um espaço temporal situado entre a idade adulta e a real velhice.

E acentuou sua importância, apontando como sendo uma nova juventude associada à possibilidade de descobrir novos horizontes e à realização de projetos:

Forjou-se, desse modo, uma nova imagem desse período de vida, associada ao lazer e ao cultivo pessoal e construída em oposição à velhice, que já agora se supõe surgir mais tarde, numa segunda etapa da aposentadoria. A terceira idade veio então a ser definida como um tempo de liberdade, inaugurando pelo desaparecimento das obrigações profissionais, e como uma “nova juventude” que todos devem aproveitar. Foi associada à possibilidade de descobrir novos horizontes e considerada um tempo de realização e desabrochar pessoal, propício à realização de projetos que não puderam ser concretizados até então e à exploração de aspectos inexploráveis da personalidade. (CARADEC, 2016, p. 16).



Mas, com isso, a distinção de jovens aposentados, dos idosos mais velhos, poderia ter que se definir ainda um novo termo, a *quarta idade*, termo francês, ainda não utilizado no Brasil:

No entanto, a unificação de todas as idades na rubrica aposentado, sob a etiqueta terceira idade, apresenta um outro recorte nas faixas de idade: parece agora importante distinguir os jovens idosos dos idosos velhos. Em consequência, surge uma nova expressão na nomenclatura francesa para classificar as pessoas de mais de 75 anos: é a *quarta idade*. A representação social que liga a terceira idade à continuidade da vida ativa através da autonomia e das práticas de sociabilidade, associando a essa imagem a idade biológica (da aposentadoria aos 74 anos), aproxima simultaneamente os representantes da quarta idade – os muito velhos –, à imagem tradicional da velhice, ou seja, à decadência ou incapacidade física. (CARADEC, 2006, p. 77).

Guita Grin Debert, quando analisa o idoso mais idoso e a sociedade unietária, menciona dois tipos de reação que, embora antagônicas, podem ser levadas em conta na reflexão da velhice como experiência homogênea:

Por um lado, a tese que a velhice é um problema por si só, capaz de sobrepor-se a diferenças socioeconômicas e étnicas, reaparece em estudos mais recentes. Nesse caso, a tendência é propor novos recortes em estágios de envelhecimento, com base na idade e no nível de independência funcional dos idosos. Critica-se assim, com razão, as pesquisas sobre o envelhecimento que englobam na categoria “velhos” os indivíduos com 60 anos ou mais, desconhecendo a diversidade no controle de uma série de recursos que existe entre aqueles que têm 60 anos e outros vinte ou trinta anos mais velhos. Neste sentido novos recortes são propostos: jovens idosos (65-75 anos); idosos-idosos (acima de 75 anos), como quer Uhlemberg (1987); ou ainda, idosos mais idosos (com mais de 85 anos), como sugere Johnson (1987), dariam ao envelhecimento recortes diferenciadores mais significativos. (DEBERT, 2012, p. 93).

E continua:

O segundo tipo de reação vai em direção radicalmente oposta. A ideia de que a idade cronológica não é o marcador significativo na vida dos indivíduos é levada ao limite. Trata-se de denunciar a forma como a sociologia tem alimentado os estereótipos da velhice como um período de retraimento em face da doença e da pobreza, uma situação de dependência e passividade que legitima as políticas públicas baseadas na visão do idoso como ser doente, isolado, abandonado pela família e alimentado pelo Estado. [...] Os idosos que não estão doentes ou emocionalmente deprimidos não se consideram velhos e, no grupo de pessoas de 75 anos ou mais, 4/5 não se sentem solitários. Não é o avanço da idade que marca as etapas significativas da vida; a velhice é, antes, um processo contínuo de reconstrução. (DEBERT, 2012, p 94).

### 2.3 Envelhecimento bem-sucedido

Myriam Moraes Lins de Barros posiciona a descoberta do tema velhice no Brasil com as preocupações de estudos antropológicos sobre o tema e as discussões de diferentes áreas de conhecimento e de intervenção na contemporaneidade. Para ela:

Pode-se dizer que a novidade do tema velhice nos estudos antropológicos, sobretudo no Brasil, acompanha o próprio movimento de descoberta da velhice por parte da sociedade. Em nosso país, a visibilidade da velhice e dos velhos na última década pode ser atestada não só pelos dados demográficos divulgados pelos meios de comunicação de massa, mas também pela experiência cotidiana dos habitantes das nossas cidades, que hoje convivem com velhos e velhas nos domínios da vida privada e também em diferentes espaços públicos. Pode-se dizer que, aos poucos, a velhice ultrapassa os limites das vidas particulares de cada um e de cada família, para, com outras tantas questões, atrair a atenção de nossa sociedade. (BARROS, 2006, p. 9).

Desde a data da publicação da citação acima, a população idosa no Brasil vem crescendo com maiores proporções e, nos últimos 10 anos, uma pesquisa do IBGE apontou que a presença de idosos, a partir de 60 anos no total da população foi de 9,8%, em 2005, para 14,3%, em 2016<sup>9</sup>. De acordo com os mesmos dados divulgados, pode-se apreender que o número de idosos com 80 anos ou mais pode passar de 19 milhões em 2060, um crescimento de mais de 27 vezes em relação 1980, quando o Brasil tinha menos de 1 milhão de pessoas nessa faixa etária. Já na projeção para 2016, o País contabiliza 3.458.279 idosos com mais de 80 anos.

Sueli Aparecida Neri e Anita Liberalesso Freire, no livro organizado *E por falar em boa velhice* (2000), nos apresentam o artigo “Envelhecimento bem-sucedido e bem-estar psicológico”. Nele, as estudiosas escrevem sobre o envelhecimento bem-sucedido, partindo de algumas questões:

Desde que os meios de comunicação intensificaram a divulgação das perspectivas dos demógrafos em relação ao envelhecimento populacional do Brasil, as pessoas têm-se preocupado com questões ligadas à qualidade de vida na velhice. Será possível ter uma velhice feliz? O que fazer para chegar a ela? Quando uma pessoa deve começar a se preocupar com medidas preventivas em relação ao processo de envelhecimento? Existiria, hoje, uma “fonte de juventude”, criada pela ciência? Vale a pena

<sup>9</sup> IBGE – Em 10 anos cresce o número de idosos no Brasil. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/12/em-10-anos-cresce-numero-de-idosos-no-brasil/>> Acesso em: 23 jan. 2017.

permanecer jovem sem usufruir das etapas seguintes da vida? (NERI;FREIRE, 2000, p. 21).

Mesmo sem responder a cada das perguntas acima, afirmam que o mais importante é não ficar parado numa etapa da vida como ser incompleto, inacabado, estagnado, mas manter a integridade mental e física até os últimos anos da vida. Identificar as virtudes da velhice, descobrir a riqueza de uma vida vivida plenamente, é tema de interesse geral.

Uma vez que grande número de pessoas espera gozar de uma longa velhice, o significado do envelhecimento bem-sucedido passa a ter maior importância, especialmente hoje, quando se sabe que velhice não implica necessariamente em doença e afastamento, que o idoso tem potencial para mudança e muitas reservas inexploradas. Aumenta a consciência de que os idosos podem sentir-se felizes e realizados e de que, quanto mais forem atuantes e estiverem integrados em seu meio social, menos ônus trarão para a família e para os serviços de saúde (NERI; FREIRE, 2000, p. 22).

Também nos dá a ideia de que o envelhecimento bem-sucedido está muito avançado hoje e que, na Gerontologia, o conceito de velhice bem-sucedida, inicialmente, foi proposto pela primeira vez nos Estados Unidos, no início da década de 1960, sugerindo que envelhecer bem era produto da participação em atividades associadas à satisfação, à manutenção da saúde e à participação social. A proposição desse conceito foi uma mudança ideológica importante no estudo do envelhecimento, incentivando a investigação sobre os aspectos positivos na velhice e sobre o potencial de desenvolvimento associado ao envelhecimento. Estudiosos sugeriram que o envelhecimento bem-sucedido seria composto por três fatores: engajamento com a vida; manutenção de altos níveis de habilidades funcionais e cognitivas e baixa probabilidade de doença e incapacidade relacionada à prática de hábitos saudáveis para redução de riscos.

A própria Organização Mundial de Saúde enfatiza que envelhecer bem faz parte de uma construção coletiva e que deve ser facilitado pelas políticas públicas e por oportunidades de acesso à saúde ao longo do curso de vida. Desse modo, a definição de envelhecimento ativo baseia-se na otimização das oportunidades de saúde, participação, segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas. É objeto de diversas pesquisas sobre os mecanismos envolvidos no processo de envelhecimento, apesar de a maioria de seus fatores determinantes já serem conhecidos, bem como formas de atuar sobre eles, atenuando-os ou protelando-os. Muitos problemas podem ser evitados com

medidas preventivas como nutrição equilibrada, exercícios físicos, condições ambientais adequadas e disposição interna para enfrentar as dificuldades inerentes ao processo. Muitos programas sociais foram desenvolvidos e são muito procurados por adultos de meia-idade e idosos, mas as pessoas devem estar cientes de que ainda não existem fórmulas científicas para rejuvenescimento, nem receitas mágicas para envelhecer bem. Também nos posiciona que essa preocupação com o envelhecimento bem-sucedido não é uma coisa nova, e também se refere a Cícero (2000, p. 23), que já mencionamos no início do capítulo, como necessidade de respeito exigindo seu direito:

A ideia de envelhecimento ideal, bem sucedido, de uma longa velhice sem perda do vigor físico e da agilidade mental atrai o interesse das pessoas desde a Antiguidade. Cícero, em seu livro *De Senectute*, partindo da ideia de que o indivíduo tem o poder de construir uma imagem positiva da velhice e de seu envelhecimento, afirma que essa etapa da vida não é feita apenas de declínio e perdas, mas abriga muitas oportunidades de mudanças positivas e de um funcionamento produtivo. Enquanto Cícero enfatiza a força do caráter que vem com a idade, Platão associa a velhice com calma e liberdade. E, na atualidade, diversos estudiosos dão ênfase à variedade de forças ligadas à longa existência, como calma, tranquilidade, liberdade e sabedoria. Isso reflete uma corrente de pensamento na ciência que enfatiza os aspectos positivos do envelhecimento, ao invés de estudar apenas as perdas e os declínios, como habitualmente tem sido feito.

Conforme já destacamos nesta pesquisa, Simone de Beauvoir já utilizou também a expressão “a bela velhice”, em seu livro *A Velhice* (1990, p. 46), mas, com o sentido de uma velhice vigorosa, ou seja, quando o idoso encontra um equilíbrio moral e físico, “[...] e não que seu organismo, sua memória, suas capacidades de adaptação psicomotora sejam os de um homem jovem. Nenhum homem que vive muito tempo escapa à velhice; é um fenômeno inelutável e irreversível” (p.46).

O declínio da crença de que uma velhice bem-sucedida se associa a eventos sobrenaturais, à sorte, ou ao coroamento de uma vida virtuosa coincidiu com a ampliação da crença na ciência como a fonte mais confiável de compreensão dos fatos naturais. Assim, o ser humano passou a conviver cada vez mais com informações sobre fatores que conduzem a uma velhice bem ou mal sucedida. É dado científico que a velhice se caracteriza pelo declínio das funções biológicas, da resiliência e da plasticidade. Ainda que ocorram de forma diferenciada entre pessoas, as perdas que caracterizam a velhice provocam o aumento da dependência dos indivíduos em relação aos elementos da cultura e da sociedade. Por outro lado, e ao contrário do que se pensa, é possível a preservação e ganhos evolutivos em determinados domínios do funcionamento, como o intelectual e o

afetivo, sendo este último capaz de atuar de maneira compensatória sobre as limitações cognitivas.

Resumidamente, o conhecimento científico e empírico acumulado até o momento nos permite afirmar que envelhecer não é sinônimo de doença, inatividade e contração geral no desenvolvimento - apesar de as crenças e atitudes negativas sobre a velhice ainda serem hegemônicas em alguns contextos culturais, sobretudo entre as sociedades ocidentais, e, possivelmente, entre algumas sociedades orientais contemporâneas. Desse modo, há novos valores e conceitos em construção e que são difundidos em diferentes contextos do mundo, com a economia cada vez mais globalizada.

Para falarmos de envelhecimento saudável, é necessário pensar na interação de múltiplos fatores, dentre eles: saúde física e mental, independência de vida diária, integração social, suporte familiar e independência econômica, entre outros.

Gisela Castro cita Peter Laslett - historiador inglês de Cambridge, especialista em História da população e da Estrutura Social -em sua análise da terceira idade e a mediação do consumo:

Peter Laslett, ao tratar da terceira idade em obra influente dos anos 1980, advoga a necessidade de uma compreensão mais refinada do envelhecimento — e notadamente da aposentadoria, que passa a ser ressignificada como o momento privilegiado em que se teria conquistado o direito de se dedicar a atividades voltadas mais exclusivamente para o desfrute da vida. Nesse estudo empreendido pelo autor aos sessenta e poucos anos, Laslett propõe decompor a categoria “idade” em seus diferentes componentes de análise. Como resultado dessa operação, temos a idade cronológica, a idade biológica, a idade social, a idade pessoal e, finalmente, a idade subjetiva.

Reconhecemos que as relações entre a idade social e a idade biológica costumam ser complexas e fazem parte das disputas simbólicas que caracterizam nossas sociedades.(CASTRO, 2015b, p.105).

Castro (2015b) critica Laslett que toma como universais os padrões e costumes da classe média para se referir à terceira idade que, assim como as demais, também é mediada pelo consumo. Na contemporaneidade, conhecida como a era do consumo, “a promessa da eterna juventude é um mecanismo fundamental de constituição de mercados de consumo” (DEBERT, 2012, p. 66). Mas, segundo Castro:

A segmentação operada por esses mercados de consumo utiliza os 50 ou 55 anos como idade de corte para classificar o consumidor como idoso. Parece problemático pretender englobar num único estrato o consumidor idoso, uma vez que o comportamento de indivíduos de 50, 60, 70, 80, 90

anos - incluindo-se ainda os centenários, que já não são tão raros entre nós. Na resignificação dos modos de vivenciar e representar a velhice como “melhor”, “maior” ou mesmo “feliz” idade, sugere-se o modelo, o da velhice ativa e gratificante contra arraigados estereótipos negativos comumente associados à velhice. Esse modelo positivo é associado a estilos de vida baseados no consumo de bens e serviços considerados adequados e desejáveis” (CASTRO, 2015b, p. 105).

## 2.4 A reinvenção da velhice

Simone de Beauvoir, em seu livro *A velhice* (1990), inspirou muitos autores e se tornou referência sobre o assunto no modo característico escolhido para o tratamento dado aos velhos no país. Sua declaração, já no início do livro, anuncia:

Admitir que eu estava no limiar da velhice era dizer que esta espreitava todas as mulheres e que já se apoderara de muitas delas. Com gentileza ou com raiva, um grande número de pessoas, sobretudo pessoas idosas, repetiram-me insistentemente que “velhice, isso não existe! ”. Há apenas pessoas menos jovens do que outras, e nada mais. Para a sociedade, a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar. [...] Aí está justamente por que escrevo este livro: para quebrar a “conspiração do silêncio”. (BEAUVOIR, 1990, p. 7).

Mirian Goldenberg, inspirada pelo livro de Beauvoir, escreve um artigo na *Folha de S. Paulo*, em 25/05/2014, sobre a conspiração do silêncio:

### **Conspiração do silêncio**

A maior parte da violência cotidiana praticada contra os idosos não é denunciada, muito menos punida

No Brasil, os filhos e os netos são os principais agressores dos velhos.

De acordo com os dados do Disque 100, serviço gratuito por telefone da secretaria de Direitos Humanos, as maiores queixas de violência contra os velhos são negligência, violência psicológica e abuso financeiro.

Entre 71.358 suspeitos de agressão mencionados nas denúncias, os filhos foram apontados como agressores em 36,6 mil casos (51,5% do total) e os netos, em 5,9 mil (8,25%).

As vítimas são do sexo feminino em 64% dos casos (28,3 mil).

Foram 29,4 mil registros de negligência (75% do total). A queixa mais recorrente é a de falta de amparo, seguida de negligência em alimentação, em limpeza e higiene e em assistência à saúde. Cresceram os casos de autonegligência, velhos que se isolam para não incomodar parentes e amigos.

No ranking de violência estão também a violência psicológica (citada 21.832 vezes, 56% dos casos), o abuso financeiro (16.796 vezes, 43% dos casos) e a violência física (10.803 vezes, 27,7%).

O número de denúncias cresceu 65,7%. Foram 38.976 em 2013, contra 23.523 em 2012.

Mas é importante alertar que a maior parte da violência cotidiana contra os velhos não é denunciada, muito menos punida.

É fácil imaginar que muitos velhos se isolam, ficam deprimidos ou preferem morrer ao se perceberem vítimas dos próprios filhos e netos. Provavelmente os agressores de hoje sofrerão o mesmo tipo de violência quando forem mais velhos.

Não é possível culpar somente as famílias por essa trágica realidade. É preciso denunciar a escandalosa omissão do Estado e a total ausência de serviços públicos que ofereçam cuidado, proteção e assistência aos velhos.

**Simone de Beauvoir escreveu que existe uma verdadeira conspiração do silêncio cercando a velhice.**

"Paremos de trapacear: o sentido de nossa vida está em questão no futuro que nos espera. Não sabemos quem somos, se ignorarmos quem seremos: aquele velho, aquela velha, reconheçamo-nos neles. Para começar, não aceitaremos mais com indiferença a infelicidade da idade avançada, mas sentiremos que é algo que nos diz respeito. Somos nós os interessados."

É mais do que urgente quebrar esse silêncio. Somos nós os principais interessados: os velhos de hoje e os velhos de amanhã. (FSP, 25 mai. 2014, grifo nosso).

De acordo com Castro (2015b), a desvalorização do velho em nossas sociedades está diretamente relacionada com os preconceitos do "idadismo", termo que vem do inglês (*ageism*) e que ainda é pouco conhecido, tanto por estudiosos como nos meios de comunicação, mas que é "uma das formas insidiosas de preconceito que acarreta a discriminação por idade", sendo, dessa forma, um tema que merece atenção e apoio. Nesse sentido, vemos crescer uma luta contra o "idadismo" por meio de promoções de imagens positivas dos mais velhos na mídia e que faz parte até da agenda de recomendações da ONU para o conturbado cenário do envelhecimento da população mundial. Combater esse preconceito "significa desafiar estereótipos e visões arraigadas que nos impedem de celebrar a diversidade e as diferenças que nos caracterizam como seres humanos e fomentarmos novas formas de convívio social, incluindo as interações baseadas no respeito e na solidariedade entre gerações".

De acordo com Marco Morsch - professor mestre em administração de empresas, o novo consumidor idoso é um filão de oportunidades e, até 2030, a terceira idade vai dobrar no Brasil. Muitas empresas ainda não perceberam o potencial desse nicho promissor de consumidores e como são seus novos hábitos e atitudes. Com maior longevidade, autonomia, qualidade de vida e independência financeira, a terceira idade está se tornando a grande força do mercado de consumo. Segundo publicação do site Administradores:

[...] o mercado brasileiro parece não estar preparado para esse filão: 45% dos idosos sentem dificuldades para encontrar produtos adequados para sua idade. Essa impressão é mais notada pelas mulheres (47%) e pelas pessoas entre 70 e 75 anos (51%)<sup>10</sup>.

<sup>10</sup> ADMINISTRADORES. Novo consumidor idoso: um filão de oportunidades. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/negocios/novo-consumidor-idoso-um-filao-de-oportunidades/89944/>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

Apelidados pelo eufemismo de consumidores da melhor idade (suavizando eventuais preconceitos e valorizando sua maturidade e sabedoria), esse segmento representa um mercado em crescimento exponencial, com peculiaridades relevantes no que diz respeito a fatores econômicos, socioculturais e psicológicos de consumo. Seus membros constituem, na verdade, uma nova geração de idosos que chegam à fase da velhice com algumas diferenças importantes e cruciais dos idosos da geração anterior. Com mais tempo disponível e considerável poder aquisitivo, o consumidor idoso é um nicho potencialmente lucrativo. No entanto, surpreendentemente, a maioria das empresas tem sido lenta em reconhecer as necessidades desse segmento e as oportunidades de vendas, sobretudo em setores como saúde, turismo, lazer, entretenimento e varejo.

Em *A Reinvenção da Velhice* (2012), a antropóloga Debert oferece uma análise do processo que vem presidindo a construção social da velhice no Brasil, resultado do aumento da população mais velha. A partir de suas considerações, pode-se inferir que a velhice exige uma atenção pública, não podendo ser vista apenas de uma forma negativa devido a baixa capacidade produtiva, fator relevante na modernidade na qual o velho passou a ser apresentado como um problema social.

Atualmente, o idoso é um ator presente no conjunto de discursos produzidos. O aumento populacional de idosos não é suficiente para explicar a quebra da “conspiração do silêncio” sobre o tema da velhice. Os idosos ganharam visibilidade midiática não apenas porque aumentaram de número, mas porque o envelhecimento é um fenômeno complexo que envolve, por um lado, rejeição social por ser visto como uma etapa da vida desfavorecida, mas, por outro, atenção, por representar o futuro de muitos de nós.

Ainda segundo Debert (2012), assistimos, por um lado, a uma progressiva socialização da gestão da velhice: problemas que antes eram tratados no âmbito familiar e na esfera privada dos indivíduos, hoje são debatidos na esfera pública do poder, pela sociedade, por campos especializados como a Gerontologia e pelos próprios idosos, cada vez mais conscientes de seus direitos. Por outro lado, não está ausente um processo de “reprivatização”, onde transformam a velhice numa responsabilidade individual. E continua:



A tendência contemporânea é rever os estereótipos associados ao envelhecimento. A ideia de um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de realizar projetos abandonados em outras etapas e estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos. (DEBERT. 2012, p. 14).

No Brasil, de acordo com Debert (2012), somente a partir dos anos 1930, com a emergência da velhice como problema social, é que a reflexão sobre o tema passou a ocupar espaço maior nas áreas como sociologia e psicologia, levando a criação da gerontologia como campo interdisciplinar de estudos e pesquisas, dando novo interesse à geriatria, que é o ramo da medicina voltada para a velhice. Somente depois dos anos 1960, os problemas ligados à saúde dos velhos recebeu maior espaço nas revistas médicas prestigiadas e associações e sociedades de geriatrias foram criadas. Tratamento acadêmico sobre a velhice começou a ocorrer somente a partir dos anos 1970, tornando-se tema de pesquisas e de estudos, tanto que, no IX Congresso Brasileiro de Geriatria e Gerontologia de 1991, 169 trabalhos foram apresentados sobre o tema.

A partir daí, o tema se faz presente no debate sobre novas políticas públicas do Estado, nas interpelações dos políticos em momentos eleitorais e pelos setores privados da sociedade, dando um caráter econômico e social aos métodos aplicados até mesmo na definição de novos mercados de consumo e novas formas de lazer. Os integrantes do que se convencionou chamar de 'terceira idade' crescem a cada ano e já são uma porção considerável na nossa população, o que coloca desafios para as famílias, para as empresas e para o governo. Debert (2012, p. 34) explica duas das principais vertentes sobre o envelhecimento:

No primeiro deles trata-se de construir um quadro apontando a situação de pauperização e abandono a que o velho é relegado, em que ainda é, sobretudo, a família que arca com o peso dessa situação [...] No segundo, trata-se de apresentar os idosos como seres ativos, capazes de dar respostas originais aos desafios que enfrentam em seu cotidiano, redefinindo sua experiência de forma a se contrapor aos estereótipos ligados à velhice.

Além disso, o envelhecimento físico ou a idade legal tornam-se mecanismos fundamentais de classificação e de separação de seres humanos, o que, para a autora, também gera perguntas em relação aos mercados de consumo:

A promessa da eterna juventude é um mecanismo fundamental de constituição de mercados de consumo. As oposições entre “jovem velho” e o “jovem jovem” e entre o “velho jovem” e o “velho velho” são formas de estabelecer laços simbólicos entre indivíduos, criando mecanismos de diferenciação, em um mundo em que a obliteração das fronteiras entre os grupos é acompanhada de uma afirmação, cada vez mais intensa, da heterogeneidade e das particularidades locais.(DEBERT, 2012, p. 66).

Debert (2012) refere-se a Lars Tornstam que definiu, em um artigo de sua obra *The Quo Vadis of Gerontology : On the scientific paradigm of Gerontology*, os paradigmas da teoria gerontológica para ilustrar sua reflexão sobre o envelhecimento: a “perspectiva da miséria” e a perspectiva do idoso como “fonte de recursos”. Essas perspectivas que a orientaram em suas pesquisas sobre o tema e nessa direção também influenciaram as pesquisas de Myriam de Barros (1981), Clarice Peixoto (1995), Flávia Motta Mattos (1990), Anita L. Neri (1991) e os da própria Debert (1988), entre outros. “Os estereótipos do abandono e da solidão, que caracterizariam a experiência de envelhecimento, são substituídos pela imagem dos idosos como seres ativos, capazes de oferecer respostas criativas ao conjunto de mudanças sociais que redefinem a experiência de envelhecimento” (2012, p. 206), com novas formas de sociabilidade e de lazer que marcam essa etapa da vida, onde um novo ideal de produtividade emerge de um conjunto de receitas que ensinam, aos que não querem se sentir velhos, a melhor maneira de conduzir a vida e participar de atividades preventivas.

No Brasil, pesquisas de cunho qualitativo mostraram que a tendência de mostrar perspectivas da miséria na velhice era superestimada pelos mais jovens, mas que, devido às diferenças de rendas no país, a grande maioria dos mais pobres representavam o quadro trágico da velhice. A própria escolha dos grupos estudados estava dirigida para setores específicos e numericamente pouco representativos, não podendo generalizar os resultados das pesquisas de cunho qualitativo. A celebração do envelhecimento não é exclusiva para a terceira idade ou para grupos de convivência de idosos, mas tem na mídia o palco central para a criação e divulgação das novas imagens.

Para Castro (2015a), quando se trata da questão do envelhecimento populacional, é imprescindível a preocupação com a dimensão sociocultural da velhice, além de simplesmente se preocupar com a passagem do tempo no curso da vida. A autora cita Featherstone e Hepworth, ambos pesquisadores ingleses, como pioneiros na reflexão acadêmica sobre as imagens do envelhecimento e no modo

como utilizam duas principais estratégias para se tentar definir formas de discurso sobre esta fase da vida: a primeira mobiliza a crítica ferrenha à noção da velhice como doença; a segunda que define rituais e normas de comportamento associados à idade, levando em consideração as diferentes faixas etárias que caracterizam a velhice. “Hoje já existe toda uma gama de discursos científicos sobre a velhice e o envelhecimento que são reapropriados em outros circuitos, como o midiático. As narrativas do consumo em circulação constituem parte importante das representações sociais vigentes” (2015a, p. 4). Guita Debert (2000, p.72) expressa preocupação semelhante, ao ponderar que:

[...] é preciso atentar para o modo como se opera uma dissociação entre a juventude e uma faixa etária específica e a transformação da juventude em um bem, um valor que pode ser conquistado em qualquer etapa da vida, através da adoção de formas de consumo e estilos de vida adequados.

Dando continuidade a mesma reflexão, Castro (2015b, p. 4) pontua que:

A transformação da terceira idade em segmento de mercado movimenta a economia e enseja novas configurações nas cartografias do consumo. Hoje convivemos com diferentes modelos de jovens, adultos e idosos – e é justamente nesta riqueza simbólica que a linguagem publicitária vai buscar elementos para constituir sua retórica.

A transformação da velhice em segmento de consumo, a construção discursiva do ideário *ageless* e da juventude como valor articulam as formas de discriminação com base no preconceito etário. Ao contrário de outras formas de discriminação já mais amplamente combatidas, o idadismo (*ageism*) é um preconceito amplamente disseminado embora ainda pouco discutido nas ciências sociais, notadamente no campo da Comunicação.

Em seu estudo comparativo, Castro (2015b, p. 4) analisou:

Uma seleção de comerciais brasileiros e britânicos que recorrem à figura do idoso como elemento de retórica. A publicidade destes dois países desfruta de sólida reputação no âmbito internacional e ambas podem ser consideradas qualitativamente equivalentes. Entende-se a publicidade como texto cultural de forte significação econômica, social e política, que simultaneamente interpela e constitui seu público-alvo. Na produção de cada campanha, a linguagem publicitária se serve de elementos sócio-culturais em circulação no meio social, reinterpretando-os em narrativas de cunho informativo-persuasivo. Por meio dos modos de endereçamento e do potencial afetivo destas imagens, a retórica publicitária contribui para disseminar maneiras de ser e estilos de vida associados a certas lógicas e práticas de consumo.

A terceira idade é considerada um nicho massivo com poder expressivo de consumo. Como afirma Bezerra:

A imagem outrora negativa foi substituída por uma mais saudável e ativa do velho. Pesquisas realizadas também no Brasil alcançaram resultados semelhantes. Como motivo de tal mudança, percebe-se claramente que com o aumento considerável do número de idosos mostrados nos dados demográficos e com o direito a aposentadoria, a exclusão ou a representação negativa desta categoria desconsiderava uma parcela significativa de consumidores com poder aquisitivo e cada vez mais em ascensão no mercado de consumo. Estes agora dispõem de tempo, saúde e recursos para consumir e realizar atividades de lazer e com um diferencial; atividades específicas para a categoria. Uma série de produtos e serviços destinados a esse gênero [que] vem sendo produzida para atender a essa parcela da sociedade e, paralelo a isso, a mídia mobiliza os recursos necessários para despertar nessa categoria a necessidade do consumo. (BEZERRA, 2006, p. 3).

Em consequência, uma nova imagem do idoso é criada: os “velhos jovens” (que foi bem explicitada por Debert em 1997). Para essa nova categoria, são veiculadas imagens preconcebidas da terceira idade que enfatizam a importância de manter-se saudável (corpo e mente) e, como consequência, a necessidade de produtos que auxiliam a conquistar tais metas.

A antropóloga Mirian Goldenberg, tem se dedicado a pesquisar como mulheres e homens se relacionam com essa etapa da vida. Em seu livro *A bela velhice* (2013) fala de liberdade, sexualidade, tempo, amizades, segurança, projetos, família, vitalidade, mas também sobre como, nessa fase da vida, ser homem ou mulher muda significativamente os sonhos, as atitudes e expectativas. Inevitável tocar em temas como corpo, casamento e relacionamento quando o assunto é envelhecer, ser “velho”, ser *ageless*. Esta etapa da vida pode ser, afinal, uma bela experiência, conforme declarou no programa *Café Filosófico* da TV Cultura, gravado em 27 de setembro de 2013<sup>11</sup>.

As regras e condutas em relação à sexualidade do ser humano estão presentes desde o início da civilização. A sexualidade foi sempre desvinculada de interesses afetivos e ligada apenas à reprodução; pensamento esse que percorre as culturas desde os povos primitivos, passando pelos gregos, romanos, Idade Média. Os mitos e estereótipos negativos e repercussões do processo de envelhecimento são muito mais intensos nas questões ligadas à sexualidade e constituem uma realidade particularmente contaminada por preconceitos. (RISMAN, 2005).

O idoso deve ser considerado um cidadão, um ator com voz ativa no processo de elaboração de projetos e não apenas um indivíduo passivo e consumidor de

---

<sup>11</sup> CAFÉ FILOSÓFICO. Levado ao ar em 27 de setembro de 2013. Disponível em: <http://www.cpfcultura.com.br/2014/08/06/a-bela-velhice-com-mirian-goldenberg-versao-tv-cultura/> Acesso em: 05 nov. 2015.

serviços médicos e sociais, sinônimo de entrega ao ócio, inércia, acomodação e lamentação. O idoso como grande parte da população brasileira deve ter uma legitimação social produzida em discursos que se dizem prenunciadores de uma verdade. A criação de um ator político implica o estabelecimento de laços sociais entre os indivíduos heterogêneos numa multiplicidade de outros aspectos. O idoso como ator político converteu a solidariedade entre gerações e a dimensão moral das políticas em uma questão central da cidadania.

Debert (2012) afirma que o tema da velhice saudável parece ter uma estrutura narrativa própria que organiza seu tratamento não só nas revistas voltadas para o público feminino, mas também quando o interesse é a divulgação da ciência para os leigos. A narrativa se constrói através da oposição de três tempos:

- a) O passado, em que a velhice era um momento em que os padrões da velhice era um momento de isolamento, de retração, de espera da morte, onde predominam textos literários abordando o abandono e a solidão dos velhos, depoimentos de indivíduos mostrando o quadro sombrio da velhice ou através de descrições de comportamentos e atitudes que fornecem um quadro de dramas associados velhice;
- b) O presente em que os padrões da velhice são radicalmente transformados em uma experiência cheia de atividades prazerosas e joviais, com reportagens mostrando essas transformações como fosse a novidade revelada por cada matéria. Pessoas com mais de 80 anos são apresentadas, afirmando que hoje mantêm com sucesso e destreza nas mesmas atividades de 20 ou 30 anos atrás ou que: “estes são os melhores anos de minha vida” ou que “só envelhece quem se acomoda”. O bem-estar dos velhos no presente é ainda reforçado pelos gerontólogos e outros especialistas, que confirmam que o avanço da idade não traz nenhum tipo de problemas para quem tem uma atitude positiva perante a vida.
- c) O futuro tem um lado sombrio em que é obrigatória a apresentação das projeções sobre o crescimento demográfico da população idosa e os custos financeiros que ele trará para o Estado e a sociedade como um todo: a “crônica da crise anunciada” tem data marcada – geralmente 2025 é anunciado como o ano da catástrofe da Previdência aqui no Brasil, caso

não ocorram os aumentos dos impostos e a diminuição dos valores da aposentadoria e da idade dos aposentados.

De acordo com Castro (2015b), “o “envelhecer bem” associado ao manter-se ativo, bem disposto — e jovem, e o binarismo normativo e hierárquico entre velhos e não velhos, permeia a construção social da juventude como padrão desejável. Os jovens estão associados a atributos como saúde, jovialidade e beleza, enquanto, para os mais velhos, reservam-se as conotações desagradáveis, como a fragilidade física e/ou mental na senescência e a incapacidade de cuidar de si próprio”.

Nessa concepção hipertrofiada de juventude como valor, este é um atributo a ser preservado em qualquer idade como sinônimo de “boa” saúde. O envelhecimento passa a ser visto como algo contra o qual se torna imperioso lutar. Saúde, boa forma física (fitness) e beleza formam um todo indissociável que fundamenta a noção de bem-estar e movimentam sobremaneira as dinâmicas do consumo. Especialmente no que diz respeito à aparência, e mais diretamente em relação às mulheres, não combater os efeitos do tempo e “deixar-se envelhecer” se confunde com lassidão moral. Apesar de frequentemente serem bem-intencionados, os esforços para manter o envelhecimento “bem-sucedido” podem se transformar em insensatez e tirania social. (CASTRO, 2015b, p. 106).

O interesse no potencial de consumo do público mais velho “enseja certa profusão na mídia de imagens positivas da velhice”. Castro (2015b) descreve o modo como “essa fase da vida é vista como um período gratificante, principalmente por estarem livres das obrigações do trabalho e da criação dos filhos, podendo, enfim, dedicar-se aos cuidados pessoais como realizar projetos, até então não realizados, como, por exemplo, viagens, aprender sobre vinhos e cuidar de sua aparência física, comumente relacionados às diversas tecnologias do rejuvenescimento, aliadas ao vestuário e acessórios da moda”, e complementa:

Em geral essas imagens apresentam indivíduos de meia-idade em excelente forma física, aparentando desfrutar de um estado perpétuo de lazer e puro deleite.

Nesse tipo de estratégia criativa das narrativas do consumo, são frequentes as alusões às gratificações e prazeres da socialização, o que não raro inclui os relacionamentos amorosos entre pessoas maduras. Entra em cena o que Debert e Brigueiro denominam como a “erotização da velhice”, sendo a sexualidade “um dos pilares do **envelhecimento ativo**, modelo de gestão do envelhecimento mais generalizado no mundo contemporâneo. (CASTRO, 2015b, p.106, grifo no original).

Essas novas imagens do envelhecimento são, sem dúvida, expressão de um contexto marcado por mudanças culturais que redefinem a intimidade e a construção das identidades.

Debert (2012) afirma que o discurso gerontológico é um dos elementos fundamentais no trabalho de racionalização e de justificação de decisões político-administrativas e no caráter das atividades voltadas para um contato direto com os idosos. Mesmo que o poder de decisão não seja do gerontólogo, ele é o agente que, em última instância, tem autoridade legítima de definir as categorias de classificação dos indivíduos e de reconhecer nestes os sintomas e os índices correspondentes às categorias criadas, e que “velho” não é uma categoria de autoidentificação nos programas, nas associações e nem mesmo nos asilos. Nesses contextos, o velho é sempre um outro e, a velhice, um drama de todos em qualquer idade, porque todos ficarão velhos um dia”. Em numa sociedade altamente hierarquizada como a brasileira, corre-se o risco de transformar o direito de escolha num dever, numa obrigação de todo o cidadão, e no caso da geriatria, essa interlocução, ao desnaturalizar a velhice, dissolve seus dramas, cria a possibilidade de seu desaparecimento do nosso leque de preocupações sociais e, assim, transforma os gerontólogos em participantes de um novo tipo de “conspiração do silêncio”.

Mas o importante é que, como declarou Goldenberg (2013), mesmo existindo diferenças nas formas de encarar a velhice no discurso entre homens e mulheres, é possível fazer um “projeto de vida”, para poder ter, enfim, a felicidade.

O projeto de vida para os homens é mais ligado a atividades profissionais, mesmo não remuneradas, e às famílias (eles sempre falam da família de modo positivo), para as mulheres, não, as mulheres mais velhas não falam tanto de trabalho, o significado de vida para elas tem mais a ver com liberdade de escolha e coisas que não poderiam fazer antes, para muitas delas o casamento foi uma espécie de prisão: elas tiveram de cuidar da casa, dos maridos e dos filhos durante muitos anos. (GOLDENBERG, 2013, p. 57).

Voltaremos a analisar estas diferenças de como encarar o envelhecimento por homens e mulheres, apontadas por Mirian, em seus artigos, no próximo capítulo.

### 3 COLUNAS DE MIRIAN GOLDENBERG

Como explica o filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin (2003, p. 261), “Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. O jornalismo impresso, assim como todos os outros suportes midiáticos, adota diferentes gêneros do discurso para veicular informação, notícia, opinião, humor.

A heterogeneidade dos gêneros de discurso “é tão grande que não há nem pode haver um plano único para o seu estudo” (BAKHTIN, 2003, p. 262), mas reconhecemos, por meio dos tipos relativamente estáveis de enunciados, o que diferencia um editorial, de uma coluna, de um artigo, de uma crônica, de uma charge, de uma caricatura, para ficarmos em apenas alguns exemplos.

Tais categorias permitem ao leitor reconhecer as peculiaridades de um gênero, compreender seu significado e ocupar “simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda[r] ou discorda[r] dele (total ou parcialmente), completá-[l]o, aplicá-[l]o, prepara[r]-se para usá-lo”. (BAKHTIN, 2003, p. 271).

Compreender um enunciado é uma atividade tão ativa quanto sua produção, uma vez que “toda compreensão é prenhe de resposta e, nessa ou naquela forma [...] o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2003, p. 271).

Portanto, nada mais desatualizado que separar o falante do ouvinte; o receptor do produtor de enunciados. O produtor/receptor também pode se antecipar às respostas ou ceder a transmissão da palavra ao outro. Temos, então, o “diálogo real, em que se alternam as enunciações dos interlocutores” (BAKHTIN, 2003, p. 275) e também as obras que caracterizam o autor e sua individualidade, cujos princípios as separam de outras “da mesma corrente, das obras das correntes hostis combatidas pelo autor, etc.” (BAKHTIN, 2003, p. 279).

As unidades da língua são os sons, as palavras e as orações, e Bakhtin, em seu discurso sobre os gêneros do discurso, observou que a comunicação verbal se dá através de enunciados que, segundo ele, são as unidades reais da comunicação verbal. As unidades da língua têm significação, porém é como se não tivessem autor, não pertencem a ninguém. Cada palavra, cada oração, cada período tem uma completude, porém não possibilita resposta. O enunciado, por sua vez, tem autor e por isso revela uma posição, e tem um destinatário. Quando alguém assume uma palavra e a dirige a outra pessoa, ela se torna um enunciado.



O dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado. Todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado e, então, temos pelo menos duas vozes. Sendo, portanto, sempre heterogêneo, revelando duas posições.

Apesar de o vocábulo “diálogo” significar solução de conflitos, entendimento, promoção de consenso, busca de acordo; as relações dialógicas podem ser contratuais ou polêmicas, de divergência ou de convergência, de aceitação ou de recusa, de acordo ou de desacordo, de entendimento ou de desinteligência, de avença ou de desavença, da conciliação ou de luta, de concerto ou de desconcerto. Bakhtin define alguns conceitos de dialogismo, um deles é o constitutivo, que se constitui a partir de uma réplica a outro enunciado, como postula Fiorin (2008, p. 24), ao retomar Bakhtin. Diferentes posições levam a uma contradição entre as vozes participantes, levando a uma polêmica entre uma e outra, sobre a qual está em oposição. Em outras palavras: “todos os enunciados constituem-se a partir de outros enunciados” (FIORIN, 2008, p. 30).

Além do dialogismo constitutivo, que não se mostra no fio do discurso, há outro que se mostra. Trata-se da incorporação pelo enunciado da voz ou das vozes de outrem no enunciado. É o dialogismo composicional, o que Bakhtin chama de concepção estreita de dialogismo, mas não menos importante. É o modo de funcionamento real da linguagem, é o próprio modo de constituição do enunciado. São formas de inserir o discurso alheio no próprio enunciado e uma das formas é inserir abertamente o discurso alheio, fazendo sua citação direta ou indireta, é o discurso objetivado. Um terceiro conceito é da subjetividade, “constituída pelo conjunto de relações sociais de que participa o sujeito” (FIORIN, 2008, p. 55). Isso quer dizer que “cada indivíduo tem uma história particular de constituição de seu mundo interior, pois ele é resultante do embate e das interrelações desses dois tipos de vozes” (FIORIN, 2008, p. 56): as que são incorporadas como voz da autoridade e as que são permeáveis à impregnação por outras vozes (FIORIN, 2008, p. 56).

Neste trabalho, reconhecemos o dialogismo composicional nas citações feitas por Mirian Goldenberg em suas colunas a outros autores e a si mesma nos livros autorais. Para efeito de clareza, voltamos a explicar que essa modalidade de dialogismo “trata [...] da incorporação pelo enunciador da voz ou das vozes de outro(s) no enunciado”.

José Luiz Fiorin, novamente em seu livro, *Introdução ao pensamento de Bakhtin* (2008), reproduz uma citação de Bakhtin sobre dialogismo:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar (BAKHTIN apud FIORIN, 2008, p.18).

Um profissional de um periódico de grande circulação nacional, como Mirian Goldenberg, da *Folha de S. Paulo*, nosso corpus primário, posiciona-se ideológica e discursivamente em relação às diferentes matérias cotidianas já ocorridas ou em vias de acontecer nesta e em outras mídias. Ela conhece as formações discursivas e interage com elas; é uma “colunista”, gênero de discurso caracterizado por ser opinativo e formador de opiniões.

Na classificação brasileira de José Marques de Melo (1994, p. 56), o gênero jornalístico se caracteriza “pelo conjunto das circunstâncias que determinam o relato que a instituição jornalística difunde”. Marques de Melo agrupa os gêneros conforme a intencionalidade determinante dos relatos. **Informação**: reprodução do real, descrição do real a partir do atual e do novo. **Opinião**: leitura do real, identificação do valor do atual e do novo na conjuntura que nutre e transforma os processos jornalísticos. (CHAPARRO, 2008, p. 109).

Tabela 1 – Gêneros jornalísticos

JORNALISMO INFORMATIVO	JORNALISMO OPINATIVO
Nota	Editorial
Notícia	Comentário
Crônica	Artigo
Reportagem	Resenha
Entrevista	Coluna
	Crônica
	Caricatura
	Carta

Fonte: Marques de Melo (1994, p. 56).

Manuel Carlos Chaparro, por sua vez, fez uma contribuição muito importante na classificação dos gêneros jornalísticos ao dar um fim à separação entre jornalismo opinativo e informativo e propor em seu lugar os textos jornalísticos híbridos. Para o pesquisador:

O relato jornalístico acolhe cada vez mais a elucidação opinativa e o comentário da atualidade exige cada vez mais a sustentação em informações qualificadas. Opinião e informação perderam, portanto, eficácia enquanto critérios de categorização de gêneros jornalísticos. (CHAPARRO, 2008, p.108).

Chaparro defende uma nova discussão sobre a teoria dos gêneros jornalísticos, ancorando-a nas ciências da linguagem, porque gêneros, como também ensinou Mikhail Bakhtin, citado anteriormente, são formas de discurso. (CHAPARRO, 2008, p. 118). Chaparro distingue duas grandes categorias: “comentário” e “relato”, abaixo das quais encontram-se outros gêneros.

Tabela 2 – Gêneros do discurso

<b>Gênero comentário</b>		<b>Gênero Relato</b>	
<b>Espécies argumentativas</b>	<b>Espécies gráfico-artísticas</b>	<b>Espécies narrativas</b>	<b>Espécies práticas</b>
Artigo	Caricatura	Reportagem	Roteiros
Crônica	Charge	Notícia	Indicadores
Cartas		Entrevista	Agendamentos
Coluna		Coluna	Previsão do tempo
			Cartas-consulta
			Orientações úteis

Fonte: Carlos Chaparro (2008, p. 118).

Para Chaparro (2008, p. 128), “coluna”:

[...] é uma espécie marcante discursiva do jornalismo brasileiro. Agrega características que a tornam tão eficaz tanto (Comentário da atualidade) quanto para a narração (Relato da atualidade). Tem, portanto, vocação híbrida, e isso também a diferencia das outras espécies.

Embora, para aplicar os critérios classificatórios de José Marques de Melo, a Coluna tenha sido classificada apenas na categoria da Opinião, colheram-se indícios suficientes, nos estudos da amostra de 1945/94, para estabelecer o caráter híbrido da espécie. Para confirmar ou negar essa suposição, usou-se a amostra de 1995, fazendo-se medições, separadas para formas diferentes de registro. A espécie foi qualificada como argumentativa quando servia ao Comentário da atualidade, e como narrativa quando fazia o Relato da atualidade.

Na *Folha de S. Paulo*, jornal de circulação nacional, alguns formatos opinativos estão presentes. Com mais 90 anos de história, a *Folha* passou por inúmeras transformações ao longo das décadas que fizeram dela um veículo informativo de muito prestígio dentro da imprensa brasileira e junto ao público leitor. A *Folha* cobriu as mais variadas situações que obrigaram o jornal a se posicionar diante de acontecimentos. Por pressões de governos, ou por força da população, a *Folha* emitiu suas opiniões ao longo de sua história. Mas qual a maneira de um periódico se posicionar criticamente diante de um fato? Quem são os responsáveis por emitir as opiniões do periódico? Até que ponto uma opinião pode ser considerada do jornal ou do profissional que a *Folha* publicou em suas páginas? Utilizando o jornal *Folha de S. Paulo* como *corpus primário* e seus textos opinativos como manifestações de opinião dos seus autores, a pesquisa parte desses pressupostos para responder a essas questões.

Luiz Amaral, no seu livro *Jornalismo, Matéria de primeira página* (1997), confirma que "o colunista não pode ser, de forma alguma, um jornalista inexperiente... ele não pode ficar, jamais, no subúrbio da notícia". Significa que opinará com mais segurança – e assim prestará melhor serviço de orientação ao leitor. – tentando obter as melhores fontes e reunir condições de respeito e confiabilidade para circular nas salas e antessalas de ministérios, autarquias, embaixadas, grandes empresas, sindicatos, reuniões sociais etc. Sobre a importância do colunismo no gênero opinativo, embora criticando a arrogância de alguns que se consideram "o sal da terra", lembra Luiz Amaral que "homens de negócio, publicistas, ministros e governadores não passam sem a leitura de sua coluna preferida, quando não duas ou três". E explica por que:

O motivo desse prestígio é que a coluna não é o resumo dos principais acontecimentos do dia, mas a explicação íntima desses fatos, o dado que faltou ao grande noticiário e que não chegou ao conhecimento do público, o lado pitoresco do acontecimento, o detalhe curioso, a história particular de cada decisão. O colunista concorre com o repórter, o comentarista e o redator. Do primeiro, há que ter o gosto pelo furo, da notícia em primeira mão; do segundo, a sagacidade, a agudeza de espírito, a perspicácia de dizer o máximo com o mínimo de palavras. E a tudo isto somar o bom-humor constante e a originalidade, a fim de tornar sua coluna um lugar sempre atraente. (*Ecibernético*, 01 set. 2016.)<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> *Ecibernético*. Disponível em: [http://www.ecibernetico.com.br/colunaradar/Artigos/artigo\\_coluna\\_editorial.htm](http://www.ecibernetico.com.br/colunaradar/Artigos/artigo_coluna_editorial.htm). Acesso em: 01 set. 2016.

Por esses e muitos outros motivos, Mirian Goldenberg foi convidada a ser colunista de um dos jornais de maior circulação do Brasil, a *Folha de S. Paulo*. E o que mostra o leitor do jornal, Gilberto Alves Stabeli, em 8/10/2012, quando comentou seu impacto quando leu o artigo "A Bela Velhice", de Mirian Goldenberg, no *Caderno Equilíbrio*:

8/10/2012 - 06h01

Artigo sobre velhice é para ser guardado, diz leitor  
LEITOR GILBERTO ALVES STABELI  
DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)

O artigo "A bela velhice", de Mirian Goldenberg ("Equilíbrio"), é para ser recortado e guardado com carinho. Nele, a velhice é tratada sem preconceitos, sem o rótulo de "melhor idade" -- algo que considero uma panaceia.

Alcançar a idade que alcançamos --tenho 66 anos-- é um privilégio. Podemos não só ousar e cantar. Podemos tudo. Só depende de nós mesmos estabelecermos um projeto de vida que nos motive cada vez mais, encarando e vencendo desafios. Viva a bela velhice! (FSP, 08 out. 2012).

Isso ocorreu logo após da publicação de outro histórico artigo em 10/09/2012, também no mesmo jornal, de Michael Kepp, jornalista americano radicado há 29 anos no Brasil, e autor do livro *Tropeços nos Trópicos -crônicas de um gringo brasileiro* (2011). Ele também encarou, com o mesmo espírito, esta faixa etária.

#### **As meninas da 'hidro'**

Quando meu ombro ficou bom e parei de fazer as aulas, senti falta daquela turma de idosas curiosas

Dois anos atrás, quando o ortopedista me recomendou hidroginástica para que eu me recuperasse de uma cirurgia no ombro, minha mulher me ajudou a visualizar como seria minha nova turma aquática.

Ela é a mais jovem da sua turma de "hidro", formada por uma dúzia de mulheres na casa dos 70 ou 80 anos, em sua maioria. Eu, então com 60 anos, hesitei em entrar naquela turma, por uma razão tola e vaidosa.

Pensei que estar na companhia de idosas faria com que eu me sentisse mais velho - e eu queria me sentir mais jovem. É por isso que homens mais velhos se casam com mulheres que têm menos da metade de suas idades.

Por isso tenho amigos de 40 e poucos anos. Com eles, me sinto mais jovem. Mas não pelos motivos que imaginei. Esses cariocas, criando seus filhos e trabalhando muito para pagar contas, são tão estressados que eu, livre dessas pressões, sou mais descontraído que eles.

As velhinhas na minha aula de hidro fizeram com que eu me sentisse mais idoso pela mesma razão. São bem mais descontraídas que eu, jornalista com prazos de fechamento a cumprir.

E mais curiosas. Sim, elas já tiveram seu devido quinhão de sofrimento. Muitas são viúvas e algumas já perderam filhos. Mas a vida ainda as fascina.

Essas aposentadas fazem trabalho voluntário ou têm passatempos, vão ao teatro ou a shows e enfrentam viagens longas. Uma delas tinha visitado o Cazaquistão, simplesmente porque nunca tinha estado lá antes. Duvido que um dia eu tire férias em qualquer país com o nome terminando em "istão".

A curiosidade e a boa forma física - bem melhor que a minha- as rejuvenescem. Por isso eu as chamava de meninas: "Poxa, meninas, reduzam o ritmo. Vocês estão me matando".

Eu as chamava de meninas também porque, ao trombar com elas de propósito na água ou quando as atingia com meu "macarrão" -um tubo de espuma que dá suporte na água-, elas riam como garotas. Ou então diziam carinhosamente: "Ué, menino!", talvez porque se lembrassem de seus filhos.

As "meninas" se mostraram muito diferentes dos velhinhos que conheço, que são pouco curiosos, fora de forma e sempre cansados. Homens que raramente fazem hidroginástica, vão ao teatro ou a shows. Voluntariado, então, nem pensar.

Quando parei de fazer a aula, depois de meu ombro se recuperar, senti falta das "meninas".

Sim, elas fizeram com que eu me sentisse mais velho - porque me mostraram que somos apenas tão velhos quanto nos sentimos.

MICHAEL KEPP, jornalista americano radicado há 29 anos no Brasil, é autor do livro "Tropeços nos Trópicos - crônicas de um gringo brasileiro" (ed. Record) [www.michaelkepp.com.br](http://www.michaelkepp.com.br). (FSP, 10 set. 2012).

A partir daí, Mirian se tornou um nome popular na Internet nas emissoras de televisão pela interação de seus leitores, não só pelas colunas, mas também pelos seus livros, que não são poucos, e são lidos por um público muito maior do que costumeiramente alcançado pela pesquisa acadêmica. Mirian utiliza o dialogismo, tanto em seus livros quanto em suas colunas, para uma interação de seu discurso com outros especialistas do assunto em questão. Segundo Bakhtin (2003), o conceito de dialogismo composicional, que trata da incorporação da voz ou das vozes de outro(s) no enunciado, são maneiras externas e visíveis de mostrar outras vozes no discurso.

### 3.1 Principais colunas e bibliografia sucinta de Mirian Goldenberg

Mirian Goldenberg nasceu em Santos (São Paulo) em 1957 e desde 1978 mora na cidade do Rio de Janeiro. É doutora em Antropologia Social e professora do departamento de Antropologia Cultural no programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Seus estudos estão ancorados teoricamente em Pierre Bourdieu, Nobeit Elias, Gilberto Freire, Erving Goffman, Roberto DaMatta, e Gilberto Velho, entre outros; sendo Simone de Beauvoir sua maior inspiradora. É autora de livros relacionados à velhice – *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade* (2008); *A Bela Velhice* (2015); e livros organizados sobre o assunto - *Corpo, envelhecimento e felicidade* (2011) e *Velho é lindo* (2016). Também publicou obras sobre sexualidade: *A Outra* (1990); *Toda mulher é meio Leila Diniz* (1995); *A arte de pesquisar* (1997); *Nu e vestido* (2002); *Por que homens e mulheres traem?* (2010); *Intimidade; Tudo que você não queria saber sobre sexo* (2012); *Os novos desejos* (2000); e *De perto ninguém é normal* (2005).

Mirian Goldenberg, desde 2007, realiza pesquisas sobre o tema do envelhecimento e tem dado muitas sugestões de como se preparar para viver bem essa etapa da vida. Foi convidada a realizar conferências na Alemanha sobre a ideia que desenvolveu de corpo como capital (adiante retomaremos este tema) e lá entrevistou mulheres na faixa etária dos 50 anos, constatando que elas se encontravam no auge de suas vidas em termos de trabalho e poder e que, com ou sem marido, não se importavam com o envelhecimento. Voltando ao Brasil, ficou a se perguntar como as mulheres brasileiras da mesma faixa etária viviam esse momento de decadência e assim iniciou seus estudos sobre envelhecimento.

Dentre as mais de 1700 pessoas pesquisadas pela antropóloga (GOLDENBERG, 2013), ela destaca a necessidade da preparação para termos uma bela velhice, pois todos os que irão chegar a essa idade precisam ter um projeto de vida, encontrar coisas que gostem de fazer, aprender a dizer “não” (vide coluna “a arte de dizer não”, de 01/01/2013), dar muitas risadas, enfrentar o medo e buscar a liberdade. Por meio de depoimentos nos seus livros, procura mostrar o caminho de cada um para envelhecer bem. Também enfatiza que a palavra fundamental é “liberdade”, mas cultivar amizades e, acima de tudo, respeitar seus próprios desejos, é muito importante. Quanto ao lado ruim da velhice, a autora cita as doenças, as dores, os problemas familiares, o dinheiro insuficiente. Mas, quando a saúde está boa e as idosas têm dinheiro necessário para viver, ficam felizes com o envelhecimento, pois além de conquistar liberdade e alegria, conseguem ter mais foco e tempo para se cuidar. As mulheres com mais de 60 anos, no universo pesquisado pela socióloga, estão vivendo muito bem, com alegria e liberdade.

Quando trata de “belos velhos”, ela destaca alguns exemplos ilustres: Caetano Veloso, Rita Lee, Mick Jagger, Ney Matogrosso, Jane Fonda, Fernando Henrique Cardoso, Suzana Vieira. A geração atual de velhos, que não é midiática, mas que passou por tantas revoluções comportamentais nos anos 1960 e 1970, mudou a forma de se vestir, de encarar o sexo e o amor. São essas pessoas que estão criando a nova imagem dos velhos.

Segundo Mirian Goldenberg, é preciso se preparar para a bela velhice e, para tanto, um projeto de vida é essencial tanto para os velhos de hoje quanto para os de amanhã. E em *A Bela Velhice* (2013) deixa claro que precisamos aprender desde cedo a construir nossa velhice para que lá na frente não nos arrependamos por não havermos valorizado nossa própria liberdade adquirida tardiamente. Homem, mulher, branco, negro, homossexual ou heterossexual, se viverem, serão igualmente

velhos. É uma categoria que atingirá todo mundo, da qual todos farão parte um dia. Que a bela velhice seja bem-vinda!

A TV Cultura, em uma de suas apresentações do programa *Café Filosófico*, exibiu uma entrevista com Miriam Goldenberg, cujo tema era “A bela velhice”. Filmado em 6 de agosto de 2014, foi reproduzida na matéria impressa<sup>13</sup> abaixo:

Aos 75 fica excelente”

*A velhice não é um problema para quem não se preocupa apenas com beleza. Para muitos, é a chance de se libertar das obrigações da vida adulta e dar início a projetos e atividades criativas, diz a antropóloga Miriam Goldenberg no café filosófico CPFL*

Quem investe muito na aparência vai ter uma velhice complicada, escreve Simone de Beauvoir no livro “A velhice”. Para a escritora francesa, é inevitável que o corpo se transforme, mas muitas pessoas, sobretudo mulheres, se transformam em monstros para disfarçar as mudanças inerentes à velhice.

E para quem a velhice não é complicada? Para quem tem projetos de vida ou investiu em outros capitais. Por exemplo, para quem trabalha com a criatividade, como professores e escritores. Muitos descobriram na velhice a sua vocação”, afirma a antropóloga Miriam Goldenberg no café filosófico CPFL que a TV Cultura levou ao ar no domingo, 03/08.

No programa, Goldenberg citou o exemplo de artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, Rita Lee e Marieta Severo para lançar um desafio: “duvido que alguém consiga encontrar neles um retrato negativo de envelhecimento. São pessoas chamadas “sem idade”. Fazem parte de uma geração que não aceitará o imperativo ‘seja velho”.

Para a antropóloga, o trabalho com criatividade e a condução de projetos pessoais fazem da velhice uma oportunidade para a construção de uma nova vida. “Em meu trabalho, encontrei homens e mulheres que depois dos 60 foram cantar em coral. Mulheres que foram dançar. Que vão para as academias e vão fazer ginástica, ou pilates, e adoram fazer. Que curtem os netos, não por obrigação, mas porque curtem passear, viajar, levar os netos ao cinema. Que fazem cursos, palestras, faculdades. E vão ao teatro.”

Ela diz identificar, no entanto, diferenças nas formas de encarar a velhice no discurso entre homens e mulheres. “O projeto de vida para os homens é mais ligado a atividades profissionais, mesmo não remuneradas, e às famílias. Eles sempre falam da família de modo positivo. Para as mulheres, não. As mulheres mais velhas não falam tanto de trabalho. O significado de vida para elas tem mais a ver com liberdade de escolha e coisas que não poderiam fazer antes. Para muitas delas o casamento foi uma espécie de prisão: elas tiveram de cuidar da casa, dos maridos e dos filhos durante muitos anos”.

Segundo Goldenberg, a chegada dessas mulheres à “bela velhice”, nome de seu livro inspirado na obra de Simone de Beauvoir, coincide com a libertação das obrigações dentro de casa. A sensação de liberdade tem início a partir dos 50 anos e se intensifica aos 60. “Aos 75 fica excelente.

Como já vimos no capítulo anterior, Simone de Beauvoir (1990) entende a velhice como fenômeno biológico com consequências psicológicas, modificando a relação do homem no tempo, com o mundo e com a sua própria história. As relações e percepções do corpo, historicamente modificadas, nos fazem ver que a velhice,

<sup>13</sup> *CAFÉ FILOSÓFICO*. Disponível em: <<http://www.institutocpfl.org.br/cultura/2014/08/06/a-bela-velhice-com-miriam-goldenberg-versao-tv-cultura/>>. Acesso em: 01 out. 2016.



mesmo numericamente aumentada nas sociedades contemporâneas ocidentais de modo geral, tem sido tão positivada quanto adiada.

A cronologização da vida, segundo Debert (2012), tem pesos distintos e podem ser atribuídos a dimensões diversas: a padronização da infância, adolescência, idade adulta e velhice. Quando se trata da cronologização da vida, é preciso levar em conta as variações de cada uma das etapas, a extensão de cada uma delas, bem como sua sequência cronológica, pois elas divergem de acordo com os diferentes grupos sociais de uma mesma sociedade.

### 3.1.1 Projeto de Vida na Bela Velhice

Mirian Goldenberg é uma antropóloga que se comunica com seus leitores com grande simplicidade e objetividade, em entrevistas, nos livros e também em suas colunas. Para escrever *A Bela Velhice* (2013) estudou profundamente a obra *A velhice* (1990), de Simone de Beauvoir, bastante citada em sua obra. Mirian afirma que os velhos atualmente vivem com mais liberdade, são inclassificáveis (*ageless*), uma nova categoria. Segundo ela, assim como Ecléa Bosi, citada no capítulo anterior, acha que a velhice pode e deve ser uma categoria social, além de um destino do indivíduo.

Uma nova fase da vida em que é preciso viver com mais beleza, humor e alegria. Nas suas colunas e também em seus livros, ela trata separadamente os aspectos diferentes dos envelhecimentos masculino e feminino. As mulheres em todas as suas faixas etárias acreditam que o envelhecimento masculino é melhor. Talvez porque o homem não seja tão cobrado pela aparência e comportamento. Interessante que somente as mulheres com mais de 60 anos discordaram.

O Artigo “A bela velhice”, publicado na *Folha de S. Paulo*, em 16/10/2012, e inspirador de seu livro homônimo, foi uma de suas principais colunas sobre o tema, e lhe rendeu notoriedade que desfruta até hoje:

#### **A bela velhice**

16/10/2012

No livro "A Velhice", Simone de Beauvoir, após descrever o dramático quadro do processo de envelhecimento, aponta um possível caminho para a construção de uma "bela velhice": ter um projeto de vida.

No Brasil, temos vários exemplos de "belos velhos": Caetano Veloso, Gilberto Gil, Ney Matogrosso, Chico Buarque, Marieta Severo, Rita Lee, entre outros.

Duvido que alguém consiga enxergar neles, que já chegaram ou estão chegando aos 70 anos, um retrato negativo do envelhecimento. São típicos exemplos de pessoas chamadas "ageless" ou sem idade.

Fazem parte de uma geração que não aceitará o imperativo: "Seja um velho!" ou qualquer outro rótulo que sempre contestaram.

São de uma geração que transformou comportamentos e valores de homens e mulheres, que tornou a sexualidade mais livre e prazerosa, que inventou diferentes arranjos amorosos e conjugais, que legitimou novas formas de família e que ampliou as possibilidades de ser mãe, pai, avô e avó.

Esses "belos velhos" inventaram um lugar especial no mundo e se reinventam permanentemente.

Continuam cantando, dançando, criando, amando, brincando, trabalhando, transgredindo tabus etc. Não se aposentaram de si mesmos, recusaram as regras que os obrigariam a se comportarem como velhos. Não se tornaram invisíveis, apagados, infelizes, doentes, deprimidos.

Eles, como tantos outros "belos velhos" que tenho pesquisado, estão rejeitando os estereótipos e criando novas possibilidades e significados para o envelhecimento.

Em 2011, após assistir quatro vezes ao mesmo show de Paul McCartney, perguntei a um amigo de 72 anos: "Por que ele, aos 69 anos, faz um show de quase três horas, cantando, tocando e dançando sem parar, se o público ficaria satisfeito se ele fizesse um show de uma hora?". Ele respondeu sorrindo: "Porque ele tem tesão no que faz".

O título do meu livro "Coroas" é uma forma de militância lúdica na luta contra os preconceitos que cercam o envelhecimento. Tenho investido em revelar aspectos positivos e belos da velhice, sem deixar de discutir os aspectos negativos.

Como diz a música de Arnaldo Antunes, "Que preto, que branco, que índio o quê?/Somos o que somos: inclassificáveis". Acredito que podemos ousar um pouco mais e cantar: "Que jovem, que adulto, que velho o quê?/ Somos o que somos: inclassificáveis". (FSP, 16 out. 2012).

Mirian Goldenberg (2016), se referindo à obra de Simone de Beauvoir, *A velhice*, diz quanto a achou, inicialmente, cruel, e que teve a sensação de que nada poderia ser feito para que chegasse à última fase da vida de forma produtiva, plena e feliz. No entanto, após muitas leituras e discussões, com alunos e colegas, acabou descobrindo uma forma mais positiva de experimentar o envelhecimento, mudando a forma de interpretar Simone de Beauvoir. Encontrou nas entrelinhas de *A velhice* um caminho possível para construção de uma "bela velhice": o projeto de vida, que deve e pode ser traçado desde a infância.

Myriam Moraes Lins de Barros (2006) também escreve sobre projeto de vida na velhice e defende que o projeto é pensado em condições socioculturais específicas e está ligado aos valores da sociedade e que definem uma nova forma de encarar a velhice.

Gilberto Velho (1994) diz que a trajetória de vida do indivíduo tem um significado crucial e que suas experiências pessoais, seus amores, desejos, sofrimentos, decepções, frustrações, traumas, triunfo são marcos que definem sua

singularidade como indivíduo e que a memória desse indivíduo tem um significado fundamental. Carreira, biografia e trajetória constituem noções que fazem sentido a partir da eleição básica lenta e progressiva que transforma o indivíduo no valor básico da sociedade moderna. A consciência e valorização de uma individualidade singular, baseada na memória, é o que possibilita a formulação de projetos de vida. A memória é fragmentada e o sentido de identidade depende da organização desses pedaços, fragmentos de fatos e episódios separados. O projeto é sempre dinâmico e é permanentemente reelaborado, o indivíduo pode alterar projetos ao longo de sua trajetória, negociando sua realidade contemplada por outros projetos, de indivíduo ou grupos.

Nos projetos de grupos, que classifica como coletivos, estão incluídos traços de família, grupos, instituições, entre outros, todos passíveis de diferentes interpretações individuais devido às particularidades de status, trajetória e, no caso de uma família, de gênero e geração, assim sendo, mesmo os projetos coletivos não podem ser considerados homogêneos, pois não é porque eles sendo coletivos que são igualmente compartilhados por todos, pois os projetos são continuamente reinterpretados.

Lembrando do conceito de Bakhtin de discurso objetivado, Mirian Goldenberg incorpora vozes alheias para afirmar a importância de um projeto de vida. Só nessa coluna ela cita “homens de mais de 60 anos”, “um professor de 65 anos”, “um engenheiro de 73 anos e outro de 69 anos”. Tais enunciados, abertamente citados, referendam seu próprio discurso.

### **Você tem um projeto de vida?**

08/04/2015

Tenho conversado com muitos homens de mais de 60 anos. Eles dizem que para experimentar uma velhice feliz só precisam de saúde, amor e dinheiro suficiente para construir uma vida simples e tranquila.

Muitos querem continuar fazendo as coisas que sempre fizeram. Outros optam por fazer uma mudança radical de vida.

A oposição entre as ideias de "obrigação" e de "desejo" é uma chave importante para compreender as suas escolhas nessa fase da vida, como mostrou um engenheiro de 69 anos: "Não trabalho mais para provar o meu valor, trabalho porque tenho tesão no que faço. Estou fazendo um curso de filosofia, viajo, namoro, cuido da casa e aprendo muito sobre a vida com os meus netos. Com tantos projetos para realizar, com tanta coisa para aprender, não tenho tempo para ficar me lamentando da vida. Nunca fui tão feliz. Não consigo me ver como um velho".

Um professor de 65 anos disse: "Sempre quis ser professor. Amo dar aula e, mesmo podendo me aposentar, continuo ensinando. Recebi convites para fazer outras coisas, mas escolhi fazer o que realmente dá significado à minha vida, mesmo que não ganhe muito dinheiro e que não tenha o reconhecimento que um educador merece ter".

Para eles, o mais importante é que os seus projetos de vida sejam motivados pela própria vontade, e não pela necessidade de responder às inúmeras demandas sociais e familiares.

Um engenheiro de 73 anos afirmou: "Prefiro mil vezes trabalhar a ficar em casa, enchendo a cara, engordando e vendo televisão. Todo mundo acha que devo parar de trabalhar, que trabalho muito para a minha idade. Mas se eu parar sei que vou ficar deprimido, me sentir inútil, um merda. Tenho um trabalho interessante e uma família ao meu lado, especialmente minha esposa, meus filhos e netos. Quem disse que eu sou um velho?"

Como mostrei no livro *A Bela Velhice*, ter uma velhice com significado não é um caminho apenas para as celebridades. Aprendi com meus pesquisados que para cada indivíduo singular existe um projeto também singular, que só pode ser construído por ele.

Portanto, não é possível imitar os projetos de vida dos outros. Cada um de nós é o único autor e o único responsável por construir, passo a passo, o próprio projeto de vida. Você já descobriu o seu? (*FSP*, 08 abr. 2015).

Vindo do latim *proiectum* (que significa algo a ser lançado à frente), o conceito de projeto refere-se ao conjunto de atividades coordenadas e interrelacionadas que visam cumprir um objetivo específico. Este também é o conceito de Alfred Schutz, citado por Gilberto Velho, que diz que a consistência de um projeto depende, fundamentalmente, da memória que fornece os indicadores básicos de um passado que produziu as circunstâncias do presente, sem as quais seria impossível ter ou elaborar projetos. Pode-se dizer que um projeto de vida é a direção que uma pessoa estabelece para a sua própria existência com base em seus valores. Um homem planeja as ações que irá tomar ao longo da sua existência com o objetivo de concretizar os seus desejos e metas, o que implica a escolha de determinadas direções e a exclusão de outras. Além disso, podem existir pressões do ambiente social ou familiar para determinar o projeto individual. Além do conceito de projeto de vida, Miriam Goldenberg diz que aprendeu nas suas pesquisas que, para cada indivíduo singular, existe um projeto também singular, que só pode ser construído por ele.

Portanto, não é possível imitar os projetos de vida dos outros. Cada um de nós é o único autor e o único responsável por construir, passo a passo, o próprio projeto de vida. Louis Dumont (1985) se refere ao individualismo e que a possibilidade de se traçar um projeto de vida está de certa forma comprometida com a importância e a valorização da noção de cada indivíduo na sociedade, e que nela cada indivíduo enquanto sujeito concreto sofre influências e tem como ponto de referência áreas culturais diversas.

Recentemente, a *Folha* publicou uma matéria com o título: "Após recorde de 122 anos, a tendência é que as pessoas vivam até os 115 anos", mostrando que os avanços médicos das últimas décadas aumentaram não apenas a expectativa de vida, mas, também, a qualidade de vida.

Lutamos tanto para ter sucesso, dinheiro, fama e poder, mas o que é realmente importante na velhice? Quais são as características dos homens e mulheres que estão inventando uma "bela velhice"?

Na minha pesquisa "Corpo, envelhecimento e felicidade" tenho entrevistado brasileiros de mais de 90 anos.

Sara, 91, começou a nossa conversa dizendo: "Já sei, você quer saber quais são os meus projetos de vida". Surpresa com seu entusiasmo, concordei: "Isso mesmo, quero saber quais são os seus projetos".

Ela contou que está escrevendo um livro com histórias da sua família e quer publicar alguns casos engraçados na rede social Facebook.

Sara, 91 anos, está escrevendo suas memórias; Telma, 90 anos, estuda na Universidade da Terceira Idade; Anderson, 93 anos, toca pandeiro em um grupo musical; Regina, 90 anos, dança todas as sextas-feiras; Luiz, 92 anos, caminha diariamente 5 km; Ivone, 90 anos, viaja com as amigas; Ruth, 92 anos, não perde um só filme ou peça de teatro; Taís, 94 anos, conversa com as filhas pelo Skype; João, 92 anos, estuda filosofia; Maria, 91 anos, toca piano para os amigos; Irene, 90 anos, planeja uma viagem para o exterior com os netos.

Todos são independentes, lúcidos e têm boa saúde ou, como dizem, com problemas de saúde "administráveis" e "sob controle". Eles não se aposentaram de si mesmos. Todos têm seus projetos, grandes e pequenos, que dão significado às suas vidas.

Quanto mais observo os "belos velhos", mais tenho o desejo de conseguir chegar aos 90 anos (ou mais), com a mesma energia, entusiasmo e vitalidade. Eles estão me ensinando a construir os meus projetos de vida que irão dar algum sentido à minha existência. Com eles, perdi o medo de envelhecer.

Há quase 30 anos pesquiso homens e mulheres de todas as idades, mas, agora, prestando atenção nos que têm mais de 90 anos, sempre me pergunto: Quais são os meus projetos de vida? O que é realmente importante para construir uma "bela velhice"? (*FSP*, 18 out. 2016).

Barros (2006) menciona que um projeto de vida também depende da situação social em que as pessoas se encontram, considerando os valores que indivíduos de um determinado segmento das camadas médias urbanas manipulam: educação acadêmica, profissionalização, status, padrões morais que incluem a religião. Mirian Goldenberg, no artigo acima, mostra a importância da participação dos idosos em grupos sociais, e que apesar de todos serem independentes, os projetos de vida são indispensáveis para construir uma "bela velhice". As noções de realização na velhice não são necessariamente aquelas que tiveram anteriormente.

Mirian fala de si para mostrar aos leitores que a preocupação com um projeto de vida deve ser uma preocupação constante. Ela certamente conta com a adesão de seus leitores, uma vez que, como já vimos em Mikhail Bakhtin, os discursos preveem uma réplica, uma resposta.

O público leitor da *Folha de S. Paulo* parece corresponder às camadas médias da sociedade, lembradas e estudadas pelos antropólogos Gilberto Velho

(1999) e Guita Debert (2012). Trata-se de um discurso que se retroalimenta, uma vez que a colunista recebe inúmeras cartas de apoio e também aceita convites de programas televisivos. Atualmente tem participado como convidada do programa *Encontro com Fátima Bernardes* na Rede Globo, tendo, assim, a oportunidade de reforçar suas ideias e ganhar mais visibilidade.

Seus leitores enfatizaram “o desejo de estudar e de trabalhar em algo que lhes dê prazer e que querem ser produtivos e ativos nessa fase da vida. Não querem apenas ocupar o tempo, passar o tempo, preencher o tempo, perder tempo. O tempo, para eles, é algo extremamente valioso e que não pode ser desperdiçado”, suas colunas funcionam como forma de inspiração e que a ideia de um projeto de vida faz com que eles continuem trabalhando em algo que dê sentido a suas vidas e que isso vai depender de cada indivíduo.

#### **Botox no cérebro**

22/10/2013

Escrevi para a *Folha*, em novembro de 2012, o texto "A bela velhice".

Um fato me chamou a atenção. Costumo receber muito mais mensagens de mulheres comentando os meus textos. No caso de "A bela velhice" só recebi e-mails de homens. O primeiro foi o seguinte:

"Cara Mirian, tenho 69 anos, acabei de me aposentar. Ler o seu texto me deu ânimo para buscar alternativas mais prazerosas para o futuro. Estava em busca de cursos de reciclagem. Sua crônica me induziu à reflexão: estou cheio de ser o que sempre fui profissionalmente. Mais do que isso: você me deu forças para buscar algo novo e que me dê prazer. Muito obrigado."

Os leitores enfatizaram o desejo de estudar e de trabalhar em algo que lhes dê prazer. Querem ser produtivos e ativos nessa fase da vida. Não querem apenas ocupar o tempo, passar o tempo, preencher o tempo, perder tempo. O tempo, para eles, é algo extremamente valioso e não pode ser desperdiçado.

Eles gostaram, particularmente, da ideia de ter um projeto de vida na velhice. Eles não precisam mais, mas querem continuar trabalhando em algo que dê sentido às suas vidas. Eles querem, mais do que tudo, encontrar um significado para a última fase de suas vidas.

Cheguei à conclusão de que o lema para uma "bela velhice" poderia ser: "eu não preciso (mais), mas eu quero". Eles querem ter tesão no que fazem, envelhecer do jeito que escolheram e não de acordo com as convenções sociais. Não querem se aposentar de si mesmos.

Em uma entrevista sobre a passagem do tempo e a velhice, a atriz Marieta Severo, de 66 anos, disse: "Vejo tanta gente preocupada em colocar botox na testa, eu queria poder colocar botox no cérebro. Tenho verdadeiro pavor de perder a capacidade mental, é isso o que mais me assusta quando penso na velhice. Quero ser uma atriz velha com capacidade de decorar um texto, quero ser lúcida na vida e na família".

A "bela velhice" não é um caminho apenas para celebridades. A beleza da velhice está exatamente na sua singularidade. E também nas pequenas e grandes escolhas que cada indivíduo faz, em cada fase da vida, ao buscar concretizar o seu projeto de vida e encontrar o significado de sua existência. (*FSP*, 22 out. 2013).

Também deixa claro a participação de seus leitores que obtiveram sucesso na realização de um projeto de vida, fazendo analogia com o efeito da aplicação de um “botox no cérebro” e que não é necessário fingir que ainda é jovem para ser feliz.

**As pessoas mais felizes e bonitas são as fora dos padrões de beleza e juventude**

27/12/2016

Por que você não faz uma cirurgia para corrigir as pálpebras caídas? E preenchimento ao redor dos lábios para tirar o bigode chinês?

Tenho sofrido um bombardeio de perguntas perturbadoras como estas, especialmente por parte de algumas amigas. Elas insistem que eu preciso, urgentemente, fazer algumas "correções" nas pálpebras, pescoço e seios, além de lipoaspiração e aplicação de botox, lifting facial e outros procedimentos disponíveis no mercado da beleza.

Até recentemente as perguntas para quem pensava em fazer uma cirurgia plástica eram: Por que você quer fazer? Você acha que vale a pena correr o risco de ficar deformada e até mesmo de morrer?

Hoje, as perguntas mudaram e sou testemunha de um massacre sobre as mulheres: Por que você não faz uma plástica? Você não quer parecer mais jovem?

A resposta mais óbvia é que eu tenho medo de ficar com a "cara plastificada". Mas elas dizem: Ninguém vai perceber, fica muito natural. Digo que receio as complicações pós-operatórias. Elas são contundentes: É só fazer com um excelente cirurgião, não tem riscos. Falo que não sou tão vaidosa quanto elas, que só uso filtro solar e nem sei como fazer uma maquiagem básica. Elas reagem indignadas: Você não quer ficar dez anos mais jovem? Você é culpada por estar ficando uma velha!

A verdadeira resposta é que eu acredito que os velhos são lindos. Não consigo achar que uma pele esticada e um nariz perfeito são mais bonitos do que as rugas que contam a história de uma vida plenamente vivida.

Tenho o hábito de ficar observando as pessoas em todos os lugares. Adoro ir à praia só para ver corpos de todos os tipos, tamanhos, cores e idades. As pessoas que eu acho mais bonitas, e que parecem mais felizes, são justamente aquelas que estão completamente fora dos padrões de beleza e de juventude.

Apesar de ter muitos medos com relação ao meu envelhecimento, decidi investir o meu tempo, dinheiro e energia nos meus projetos de vida, e não me angustiar tanto com as transformações inevitáveis do meu corpo.

Afinal, se eu acredito que é possível inventar uma bela velhice, por que faria uma cirurgia plástica para fingir que sou mais jovem?

Feliz 2017 para todos: os velhos de hoje e os velhos de amanhã! (FSP, 27 dez. 2016).

Mirian, tal qual Debert, defendem que a tendência contemporânea é rever os estereótipos associados ao envelhecimento. A ideia de um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. E que ninguém precisa disfarçar o envelhecimento físico com cirurgias plásticas para fingir ser mais jovem e que as experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de realizar projetos

abandonados em outras etapas e estabelecer relações mais profícuas com o mundo.

Também Simone de Beauvoir, como já vimos, afirmava que cada vez mais pessoas conseguem atingir 60, 70 e até mais de 80 anos de idade e que os cabelos brancos podem receber urna coloração que devolve a cor e o brilho; as rugas podem ser reduzidas graças às transformações de aplicações ou bisturis; as doenças, normalmente atribuídas à idade avançada, como as ligadas a desgastes ósseos ou do sistema circulatório, podem ser controladas seguramente por tratamentos clínicos fisioterápicos e/ou medicamentosos.

### **3.1.2 Quem envelhece melhor, homens ou mulheres?**

No seu livro *A bela velhice* (2013), a autora narra que as mulheres sempre acharam que os cabelos brancos nos homens eram um charme e, as rugas, sinal de maturidade. Mas, ao atingirem idade mais avançada, lá veem que não, que elas envelheceram muito melhor, tanto em termos de saúde como de aparência física. Elas se cuidam muito mais, vão com frequência ao médico, tratam a pele, pintam o cabelo, comem melhor, se exercitam mais e, então, se sentem mais livres. Nessa faixa etária elas percebem que estão mais livres das obrigações que sempre tiveram. Costumam dizer “Essa é a minha vez, a minha hora, vou cuidar mais de mim . É o melhor momento da minha vida, é quando posso ser livre e ser eu mesma. Pena que notei isso tão tarde!”. Ao longo da vida, a mulher tem medo de envelhecer, muito mais que o homem.

Mirian Goldenberg (2013) acredita que os homens mudam muito na velhice e não falam de liberdade, já que sempre a tiveram e por isso não invejam nada nas mulheres. No entanto, passam a valorizar a família e a casa, ao contrário do que faziam na juventude, quando valorizavam mais os afetos, e os bens conquistados pelo trabalho. Já as mulheres, durante a juventude, valorizam a aparência, ficam obcecadas pelo corpo, mas depois, com a maturidade, passam a valorizar mais a saúde e a qualidade de vida.

Para Simone de Beauvoir (1990), como já vimos, a velhice não tem o mesmo sentido, nem as mesmas conseqüências para os homens e para as mulheres, pois, para elas, apresenta uma vantagem particular: depois da menopausa, a mulher não é mais sexuada; torna-se a homóloga da menina impúbere e escapa, como esta, a



certos tabus alimentares. As proibições que pesavam sobre ela, por causa da mácula mensal, são suspensas. Pode tomar parte nas danças, beber, fumar, sentar-se ao lado dos homens. Mas os fatores que contam a favor dos homens ainda lhes asseguraram certos benefícios. Ou seja: apesar do papel cultural, religioso, social e político das mulheres ser muito importante, ainda são mais negligenciadas e abandonadas com mais facilidade que os homens.

A expectativa de vida das mulheres brasileiras é 7,2 anos a mais que os homens, com uma expectativa de 78,8 anos contra 71,6 anos para eles, numa expectativa média de 75,5 para o total da população, segundo os dados das Tábuas Completas de Mortalidade do Brasil de 2015, divulgadas pelo IBGE<sup>14</sup>. O que não significa que elas chegam na velhice em melhores condições de saúde, e sim, talvez porque os homens se expõem a mais riscos durante a vida.

Neste cenário, destaca-se a feminização da velhice o Brasil, de acordo com a Secretaria de Direitos Humanos (SDH)<sup>15</sup>, de como era a proporção no ano 2000, 2010 e uma projeção para o ano 2020.

Tabela 3 – Proporção da população idosa no Brasil

	2000		2010		2020	
	Masculina	Feminina	Masculina	Feminina	Masculina	Feminina
Proporção de população idosa (60 e mais)	7,80%	9,30%	8,40%	10,50%	11,10%	14,00%
População idosa	6.533.784	8.002.245	7.952.773	10.271.144	11.328.144	15.00.250

Fonte SDH: Dados sobre o envelhecimento no Brasil.

Mirian Goldenberg, em diversas colunas, se refere às diferenças entre mulheres e homens para envelhecer, como: *Amigas, Ridículas, Quem envelhece melhor?, Velho está na moda, Botox no cérebro, Elas estão se achando, Me deixa ficar velha!*, etc.. Muitas vezes repetindo os mesmos conceitos, mas sempre aproveitando para uma chamada positiva a suas leitoras.

<sup>14</sup> IBGE. Tábuas Completas de Mortalidade do Brasil de 2015. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/disseminacao/destaques/2016\\_11\\_22\\_tabua\\_2015.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/disseminacao/destaques/2016_11_22_tabua_2015.shtm)>. Acesso em: 26 jan. 2017.

<sup>15</sup> SDH - Dados sobre o envelhecimento no Brasil. Disponível em: <[www.sdh.gov.br/assuntos/...idosa/dados.../DadosobreoenvelhecimentonoBrasil](http://www.sdh.gov.br/assuntos/...idosa/dados.../DadosobreoenvelhecimentonoBrasil)>. Acesso em: 26 jan. 2017

Ruth de Aquino, colunista de *Época*, escreveu uma coluna intitulada “*Entrando nos sessenta*”, e decidiu fazer as mesmas perguntas, separadamente, a uma mulher, Mirian Goldenberg, e a um homem, o psicanalista Sócrates Nolasco (autor de quatro livros sobre o universo masculino), sobre essa passagem dos 60 anos, sabendo que ambos estudam há muito essas questões. Na opinião de Ruth, ambos acham que a mulher enfrenta essa nova fase da vida com menos acomodação, mais energia e mais curiosidade. Reproduzimos esta entrevista na íntegra, apesar de extensa,<sup>16</sup> por ser bastante pertinente, tendo Mirian apresentando seus pensamentos também transmitidos em suas colunas e Sócrates dando sua visão masculina:

“Mulheres envelhecem melhor que homens”

A afirmação é de Mirian Goldenberg, antropóloga, que acaba de publicar um livro intitulado *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Mas também é o ponto de vista do psicanalista Sócrates Nolasco, autor de quatro livros sobre o universo masculino, que acha a mulher acima de 60 anos mais inquieta e mais aberta que seus companheiros sessentões.[...]

**Ruth de Aquino – 60 anos para a mulher, 60 anos para o homem. Quais são as principais semelhanças e as principais diferenças?**

**Mirian Goldenberg** – Existe uma inversão: as mulheres querem aproveitar o mundo, viajar, passear, dançar, ver filmes e peças, fazer cursos... os homens querem ficar em casa, curtir a família, os filhos, netos, valorizam muito a esposa.... elas se cuidam mais, eles bebem mais.... elas vão a médicos, fazem ginástica, eles engordam, gostam do chopinho com amigos ou mesmo sozinhos. Elas envelhecem melhor, apesar do mito de que o homem envelhece melhor.

**Sócrates Nolasco** – Com o aumento da expectativa de vida, homens e mulheres estão podendo viver mais. O que percebo é que as mulheres se mantêm mais ativas em suas vidas do que os homens que as construíram exclusivamente em torno do trabalho. A fase após os 60 requer intimidade consigo mesmo, uma vida que se interioriza e descobre o que a juventude jamais poderia saber.

**Ruth – O que a mulher especialmente pode esperar da fase dos 60 aos 80 anos?**

**Mirian** – Maior liberdade, maior felicidade, menos medo da opinião dos outros, mais descobertas... muitas me dizem “É a melhor fase da minha vida, nunca fui tão feliz, pela primeira vez na vida posso ser eu mesma”.

**Sócrates** – Existe algo mais triste do que envelhecer, e é permanecer criança. É tão importante para um jovem saber que a vida não começa nesta fase, quanto, na velhice, saber que a vida não termina com o envelhecimento. Envelhecer no mundo de hoje é mais difícil do que era anteriormente. A vida vazia não leva a um bom envelhecimento. Desconhecer a si mesmo é um mau prognóstico para o envelhecimento. Autonomia e independência emocional devem ser conquistadas através de uma vida rica e produtiva.

**Ruth – O que é mais barra enfrentar nessa idade? E o que é mais prazeroso ou libertador?**

<sup>16</sup> *Época*. Mulheres envelhecem melhor que homens. 30 out. 2011. Disponível em: <<http://colunas.revistaepoca.globo.com/mulher7por7/2011/10/30/%E2%80%9Cmulheres-envelhecem-melhor-que-homens%E2%80%9D/>>, Acesso em: 10 set. 2016.

**Mirian** – Para a mulher que se preocupa muito com a opinião dos outros, com a aparência, com o fato de ter um namorado ou marido, pode ser uma fase mais complicada, pois ela vai olhar só para a natural decadência do corpo ou para a falta de homem. Mas, para as outras, é um momento de extrema liberdade, de descobrir novos prazeres, de ter o espaço e o tempo para si mesma, de se priorizar.

**Sócrates** – Em cada fase da vida, existem aspectos a administrar. Uma boa dica é entender quais são as transformações físicas e emocionais do passar dos anos para saber como superá-las positivamente. A superação é o destino humano, não se pode negligenciar isso. Sentir-se velho é pior do que ter 60 ou 80 anos, e para sentir-se assim não tem idade. Poucos sabem ser velhos, pois ao envelhecer creio que devemos nos tornar mais loucos e sábios, nisto reside a paixão pela vida. Quem ama a vida a vive em liberdade, a maioria dos jovens tem medo de viver o que sente.

**Ruth – Como se preparar para os 60 anos?**

**Mirian** – Tendo projetos de vida que sejam prazerosos, investindo em si mesma, não sendo dependente dos homens ou dos filhos e aprendendo a não se preocupar muito com o que os outros pensam. Deixando de achar que família e filhos vão garantir a felicidade no futuro.

**Sócrates** – É possível e desejável se preparar, quando se envelhece é preciso ser mais ativo do que quando jovem. A melhor maneira de se preparar para a etapa seguinte da vida é vivendo a atual em profundidade e conteúdo. A juventude é cansativa, preservá-la como anos dourados é tolice. É importante saber contentar-se com o que cada fase da vida oferece para torná-la melhor.

**Ruth – Você pretende dar uma super festa aos 60? Parece ser moda hoje em dia, embora eu tenha amigas que resolvam sumir, viajar. Tem atriz que falsifica a carteira de identidade.**

**Mirian** – Não, nunca fiz festa de aniversário, para mim é um dia como qualquer outro, comemoro a vida nas minhas realizações cotidianas, não gosto de celebrar datas específicas.... para mim, os 60 serão apenas mais uma etapa, não necessariamente diferente de agora, que estou com 54.

**Sócrates** – Um escritor inglês costumava dizer que um homem é tão mais velho quanto se sente, e uma mulher é tão mais velha quanto parece (o que parece cruel). Na velhice, a morte fica mais próxima como fato. Não existe uma regra para comemorar, mas fugir de si mesmo em qualquer momento da vida não parece ser boa estratégia para quem deseja viver o último ato da comédia humana.

**Ruth – Da mesma forma que se falava na crise dos sete anos de casamento, existe hoje uma crise do casamento aos 60 anos de idade? Por que aumentaram divórcios na terceira idade? As idades mentais entre homem e mulher continuam diferentes aos 60? Como valorizar o companheirismo nessa idade e manter o amor?**

**Mirian** – Muitos casais se renovam depois da saída dos filhos de casa e da aposentadoria, buscam prazeres juntos, viagens, programas culturais, conversas.... Outros descobrem que sem os filhos eles não têm muito em comum, são estranhos que construíram uma família. A identidade da mulher, mesmo daquela que trabalha fora de casa, está ancorada na vida familiar, em seus papéis de dona de casa, esposa e mãe. Por isso ela se sente desobrigada de um monte de funções aos 60 anos. Já o homem, quando se aposenta, perde uma das principais fontes de construção e valorização da identidade masculina: o trabalho. Ao se retirar do mundo profissional, ele provoca um problema no espaço doméstico, antes dominado pela esposa e pelos filhos. Muitos sexagenários se frustram porque percebem que a família não deu o retorno que imaginavam e que os amigos são muito mais importantes nesta fase da vida. Como hoje se vive muito mais, há um desejo de renovação, uma esperança de se reinventar com outra pessoa ou mesmo a sós mesmo.

**Sócrates** – Com a possibilidade de viver mais, aumentou o número de pessoas que querem tentar algo novo, uma fantasia, uma ilusão. Talvez, mas o que cada um espera de sua vida? Como deseja vivê-la? Na artificialidade da mentira de uma vida eternamente jovem, como se a juventude não fosse aborrecida e sem profundidade? Os prazeres migram de lugar em nossas vidas, com 10 anos são uns, com 20 e 30 outros e

assim sucessivamente. Tentar manter padrões de excitabilidade sempre nos mesmos patamares exclui a possibilidade de formar parcerias solidárias, cúmplices e comprometidas. O amor se aprende desce cedo através das escolhas que fazemos, e das que optamos por não fazer. O que acrescenta, valoriza e faz crescer deve ser preservado se quisermos realmente ser felizes. (*Época*, 30 out. 2011).

Segundo Barros (2006), quando se abordam as diferenças entre o homem e a mulher no envelhecimento, ao homem velho se dá maior atenção, na medida em que se percebe a aposentadoria como uma mudança radical de vida (uma passagem de um mundo amplo e público para um mundo doméstico e restrito). A aposentadoria está ligada a uma redução nas relações sociais e na renda, pois a pensão que recebe como aposentado traz um novo problema para a formação de novos laços de amizade e mesmo para preservação de antigos, devido à dificuldade de retribuição. Já na mulher, a velhice não traz essa carga de mudança abrupta, a mulher na velhice está no último estágio de um contínuo sempre ligado à esfera doméstica, não só porque a grande maioria não teve uma vida profissional ativa, como também porque é a este mundo interno do lar, da família e da casa que a mulher está ideologicamente vinculada. As mulheres ganham pior, têm menos acesso à educação, assumem mais tarefas e mais responsabilidades dentro de casa e, apesar de viverem mais, chegam à velhice em condições piores de saúde. Como muitas não têm renda própria, chegam a essa idade em condições financeiras mais vulneráveis.

#### **Quem envelhece melhor?**

14/05/2013

Na minha pesquisa sobre corpo, envelhecimento e felicidade, 38% das mulheres e 25% dos homens entrevistados disseram ter medo de envelhecer.

Ambos os sexos temem as mesmas coisas em relação ao envelhecimento: doenças, limitações físicas, dependência, necessidade de dar trabalho aos outros, perda de memória, solidão, abandono, desrespeito, falta de dinheiro e morte.

Só os homens, no entanto, mencionaram o medo de ficar sem emprego na velhice, de ter arrependimentos, de frustrações, ficar inútil, chato ou deprimido.

Quando perguntei: "Quem envelhece melhor: o homem ou a mulher?", os pesquisados de todas as faixas etárias afirmaram que os homens envelhecem melhor do que as mulheres.

Um único grupo afirmou que as mulheres envelhecem melhor do que os homens. Esse grupo específico acredita que os homens ficam mais dependentes de outras pessoas do que as mulheres na velhice, têm mais problemas de saúde, morrem mais cedo, bebem mais, comem mal, são sedentários, ficam deprimidos depois da aposentadoria, têm menos amigos, não sabem aproveitar o tempo livre etc.

Que grupo seria esse, afinal, que se diferencia de todos os demais?  
Curiosamente, apenas as mulheres de mais de 60 anos acreditam que os homens envelhecem pior.

Justamente aquelas que já envelheceram negam a crença que sempre alimentaram: a de que o envelhecimento masculino é melhor do que o feminino. A experiência concreta da velhice prova que elas estavam completamente enganadas.

Uma fonoaudióloga de 65 anos declarou: "Sempre acreditei que os homens envelheciam muito melhor, que suas rugas e seus cabelos brancos eram um charme. Quando envelheci de verdade percebi que isso é uma grande mentira".

Essa entrevistada considera que está "muito melhor" do que o seu marido em todos os sentidos: mais bonita, mais feliz e com mais saúde.

"Além de careca e barrigudo, ele passa o dia inteiro vendo televisão."

Mais velhas, elas constatam que, na prática, as mulheres estão mais bonitas, mais cuidadas e mais saudáveis do que os homens. Além disso, elas afirmam que estão mais felizes, mais independentes e que estão aproveitando muito mais as vantagens da maturidade do que os homens.

Por que, então, as mulheres mais jovens têm tanto medo de envelhecer e continuam reforçando a crença de que os homens envelhecem melhor? (FSP, 14 mai. 2013).

Pesquisa realizada por Mirian (2015) afirma que, no Brasil, a tendência da mulher idosa é vestir-se como jovem até bem tarde e em algumas famílias cariocas a filha, a mãe e a avó se vestem de forma muito semelhante, chegando até a trocar entre elas algumas roupas. Algumas pesquisadas até se privam da vida afetiva, pois não se enquadram mais em um determinado padrão de beleza. São elas mesmas, e não os homens, que as excluem. É como uma vitimização das mulheres nessa faixa etária. Por outro lado, existem grupos femininos com mentalidade de liberdade e de adaptação com ideias de ganhos, descobertas, amadurecimento, serenidade, tolerância, sabedoria, aceitação e cuidado maior de si mesmas.

São muito diferentes as posturas dos homens e das mulheres, como as mostradas na coluna abaixo. Entrevistados empregam a palavra "ridículas" para se referirem àquelas que não se libertaram das amarras dos preconceitos da opinião alheia e, por isso, desnaturalizam o corpo e o reconstroem pelas vias do lucrativo mercado da estética.

### **Ridículas**

16/04/2013

Na minha pesquisa sobre corpo, envelhecimento e felicidade eu perguntei aos entrevistados: "Você deixaria de usar algo porque envelheceu?". O resultado mostra uma diferença de gênero marcante: 96% das mulheres responderam "sim"; 91% dos homens, "não".

Quando pedi: "Dê um exemplo de uma pessoa que envelheceu mal", as mais citadas foram atrizes, cantoras e apresentadoras de televisão "que não aceitam o envelhecimento", "negam a idade", "fingem que são jovens" e "se comportam de forma inadequada para a idade". Os pesquisados enfatizam

que, por não aceitarem o envelhecimento, elas são "ridículas": usam roupas inadequadas para a idade que têm, fazem excesso de cirurgias plásticas e namoram homens mais jovens.

Uma professora de 60 anos reclama: "De um lado, existe a obrigação de permanecer jovem, com o corpo, o comportamento e o espírito alegre, exuberante. De outro, há o medo de parecer ridícula por não me comportar e não me vestir como uma mulher de 60 anos. Acho que tenho que ser mais discreta, elegante, quase invisível. Qual a medida certa? É um grande mistério".

Já os homens pesquisados disseram que não mudariam ou não mudaram nada em sua forma de vestir, permanecendo, quando mais velhos, fiéis ao mesmo estilo que sempre tiveram.

Uma jornalista de 59 anos disse: "Aposentei meus shorts, saias curtas, botas, camisetas decotadas, jeans e vestidos justos, apesar de continuar magra e com o corpo em forma. Passei por uma verdadeira transformação para me tornar uma senhora respeitável. Já o meu marido continua o mesmo garotão, vestindo o mesmo jeans desbotado, as mesmas camisetas surradas, o mesmo tênis velho. Morro de inveja!".

O marido, um jornalista de 62 anos, contou: "Minha mulher parece outra pessoa. Cortou o cabelo bem curto. Mudou o guarda-roupa inteiro depois dos 50 anos. E ela é uma mulher linda, com o corpo mais bonito do que o de muita garota. Ela abandonou tudo o que sempre usou e gostou. Acha que tem que se vestir como uma velha só para os outros não fazerem fofoca".

O que você acha pior ao envelhecer: continuar tendo comportamentos e roupas de "jovem" ou mudar completamente de estilo em função do medo de ser considerada "ridícula"? (FSP, 16 abr. 2013).

Já como colunista do jornal, Mirian fez referências a artigos anteriores, no caderno *Equilíbrio*, para escrever a coluna de 22/01/2013, a "Melhor idade". Nela mostra que o principal não é o envelhecimento mas a liberdade, ainda que tardiamente conquistada, "ser eu mesma", com foco nos próprios desejos e no cuidado de si, e não a preocupação com o que os outros pensam. E pelo que reportaram as suas leitoras, apenas depois de envelhecerem que ficaram mais felizes. Como em um depoimento de uma pessoa amiga, que aos 85 anos após ficar viúva e ao ser questionada se estava bem, respondeu: "Estou ótima, agora posso até escolher o sabor de meu sorvete", dando a entender a submissão anterior durante todo seu relacionamento com seu companheiro e, agora, a liberdade, quando pode ser ela mesma e realizar seus próprios desejos e escolhas.

### **Melhor idade**

22/01/2013

"A arte de dizer não", publicada no dia 1º de janeiro, foi a minha coluna de maior sucesso no caderno *Equilíbrio*.

Mais de 2.500 leitores recomendaram o texto no site da Folha. Recebi centenas de mensagens de mulheres que distribuíram o texto para as amigas, fixaram na geladeira, colaram no computador, guardaram na bolsa etc.

Uma psicóloga de 52 anos escreveu: "A sua coluna, de forma despretensiosa, mas encantadora, dá muitas dicas para sermos mais felizes. A sensação de não estar 'sozinha', de que outras mulheres sentem a mesma coisa, traz um enorme alívio. Ficamos conscientes de que não

somos as únicas que sofremos com as cobranças sociais e familiares. Você, sem querer, tornou-se a 'porta-voz' das angústias da mulher brasileira. Seus textos têm mostrado que nós podemos trilhar um outro caminho: o da libertação das amarras do preconceito, da opinião alheia, da obsessão com a perfeição e com a aparência. Você tem me incentivado a ter coragem de ser 'eu mesma'. Como fez Leila Diniz".

Uma atriz de 56 anos disse: "O gosto que senti ao ler as dicas da sua coluna foi o de felicidade. Imprimi e coleí na minha geladeira. Vou tomar muitas cápsulas desses 'nãos' todos os dias e, com certeza, vou ser muito mais feliz. Basta de querer provar o meu valor. Chega de querer agradar a todo mundo.

Já desperdicei muito tempo da minha vida buscando o reconhecimento dos outros. Agora, é hora de cuidar de mim. Pena que descobri isso tão tarde".

Uma dentista de 63 anos afirmou: "Adorei a ideia de ligar o botão do 'foda-se'. Depois de ler sua coluna, cheguei à conclusão que estou na minha 'melhor idade': a idade do 'foda-se!'".

Portanto, não é o envelhecimento que é valorizado pelas mulheres: o que é valorizada é a liberdade, ainda que tardiamente conquistada, de "ser eu mesma", com foco nos próprios desejos e no cuidado de si.

Lendo as inúmeras mensagens que recebi, é fácil perceber que a "melhor idade" é aquela em que, finalmente, as mulheres conseguem ser mais livres.

Muitas brasileiras afirmam que só conseguiram ser mais felizes e livres depois que envelheceram.

Será que é necessário esperar tanto tempo? (FSP, 22 jan. 2013).

Debert (2012), ao escrever sobre programas de terceira idade, sejam eles Universidades da Terceira Idade, associações profissionais, clubes recreativos, afirma que, embora em maior número que no passado, ainda são muitos limitados. E que todos os programas foram e estão sendo criados para resgatar a dignidade do idoso, reduzir problemas de solidão, quebrar os preconceitos e estereótipos que os indivíduos tendem a internalizar. Mas a participação majoritária é das mulheres, sempre em torno de 80%, em programas do tipo Universidade da Terceira Idade e clubes recreativos. Já a participação dos homens só é maior apenas nas associações de aposentados, pois lá procuram mostrar que ainda estão envolvidos em uma luta que beneficiará a cada um, jovens e velhos, e à sociedade como um todo. "A diferença do público mobilizado em cada ramo remete a visões distintas das transformações ocorridas no processo de envelhecimento e dos desafios que homens e mulheres enfrentam na atualidade" (DEBERT, 2012, p. 182).

#### **Nunca é tarde.**

07/02/2012.

Mulheres mais velhas aprendem que a verdadeira realização é poder investir nos próprios desejos

No Brasil, o corpo é um capital. A crença de que o corpo jovem, magro e perfeito é uma riqueza produz uma cultura de enorme investimento na forma física e, também, de profunda insatisfação com a própria aparência.

Quase 100% das brasileiras se sentem infelizes com o próprio corpo.

Ter uma família também é importantíssimo. Casar e ter filhos é um desejo ainda muito presente em todas as gerações e classes sociais. Muitas

brasileiras, no entanto, se sentem frustradas por não serem reconhecidas ou valorizadas por maridos e filhos.

Uma professora de 41 anos disse: "Passei a vida inteira cuidando da casa, do marido e dos filhos. Meu marido me traiu com uma garota de 22 anos. Meus filhos nem respondem aos meus telefonemas. Deles, só recebo patadas. Minha única alegria são meus gatos e cachorros".

Ao pesquisar mulheres mais velhas, descobri outra realidade. Muito mais importante do que a aparência e o marido é a liberdade que adquiriram com a maturidade.

Uma médica de 63 anos disse: "Descobri que a verdadeira realização não está no corpo perfeito, na família perfeita, no trabalho perfeito, na vida perfeita, mas na possibilidade de exercer meus desejos, explorando caminhos novos e tendo a coragem de ser diferente. Descobri que não devo me comparar a outras mulheres, pois posso ser única e especial".

Mais velhas, elas passam a exibir seus corpos sem medo do olhar dos outros, sem vergonha das imperfeições e sem procurar a aprovação masculina.

Aprendem que a felicidade pode estar em coisas simples, como dar risadas com as amigas, ter uma alimentação saudável, caminhar na praia. Passam a investir nos próprios prazeres, como fazer pilates, estudar, viajar etc.

Elas passam a cuidar de si mesmas com o mesmo carinho que dedicaram aos filhos, marido, familiares. Não se sacrificam mais e não se esforçam tanto para provar o próprio valor. O centro do cuidado deixa de ser para o outro e passa a ser para si.

Uma professora aposentada de 75 anos disse: "Não tenho marido e sou feliz. Invisto meu tempo, energia e dinheiro em mim. Não me preocupo mais com a opinião dos outros. Não tenho mais medo de dizer o que penso e quero. Tudo ficou muito melhor com a idade. Fiquei mais segura, confiante e autêntica. Pena que descobri a liberdade de ser eu mesma tão tarde. Espero que minhas netas descubram o valor da liberdade muito mais cedo". (FSP, 07 fev. 2012).

Muitos idosos, principalmente as mulheres, declaram que ao completar 60 anos podem fazer aquilo que bem entender sem ter que justificar nada para ninguém, expressando uma forma de libertação de todas as limitações impostas durante toda sua vida. Essa é uma forma de autoafirmação da professora aposentada de 75 anos que, satisfeita com sua percepção de liberdade, posicionou seu desejo de que suas netas consigam descobrir o valor da liberdade mais cedo que ela. Em seu livro *Coroas* (2015), adapta as ideias de Pierre Bourdieu sobre capital para expressar um tipo de capital extremamente valioso para as brasileiras, o "capital marital". Ter um marido é um verdadeiro capital para a mulher brasileira, ideia já concebida por Simone de Beauvoir, citada por ela:

#### **O capital marital**

"É em seu outono, em seu inverno, que a mulher se liberta de suas cadeias, constrói uma vida própria. Pode também permitir-se enfrentar a moda, a opinião; furta-se às obrigações mundanas, aos regimes e às preocupações com a beleza. Infelizmente, ela descobre essa liberdade no momento em que não tem mais o que fazer com ela. Por volta dos 50 anos, está em plena posse de suas forças, sente-se rica de experiências. É mais ou menos nessa idade que o homem ascende às mais altas posições, aos cargos mais importantes: quanto a ela, ei-la aposentada. Só lhe ensinaram a dedicar-se e ninguém reclama mais a sua dedicação. Inútil, injustificada, contempla os longos anos sem promessa que lhe restam por viver e



murmura: 'Ninguém precisa de mim.' Ela espera as homenagens, os sufrágios masculinos, espera o amor, a gratidão e os elogios do marido, do amante; espera deles suas razões de existir, seu valor e seu próprio ser. Ela é apenas um elemento da vida masculina ao passo que o homem é toda sua vida." (BEAUVOIR apud GOLDEMBERG, 2015, a p. 28).

E escreve a coluna “Eu não preciso de homem”, mostrando depoimentos de “mulheres que não têm um marido podem tentar transformar a falta dele em algum tipo de virtude, pois elas podem se achar mais poderosas, independentes e até mesmo superiores, já que não precisam dos homens”.

### **Eu não preciso de homem!**

25/08/2015

Recentemente, duas mulheres bonitas e bem-sucedidas profissionalmente me relataram experiências desagradáveis com as amigas.

Uma arquiteta de 56 anos disse:

"Estou em crise com meu marido e uma grande amiga foi muito agressiva. Ela perguntou: 'Por que você não se separa? Por que você precisa tanto dele?'. Parece que ela é muito mais independente do que eu só porque é divorciada. Foi uma verdadeira acusação do tipo: 'você não consegue se separar porque é uma mulher submissa'. Na verdade, ela está desesperada para ter um homem. Só que é tão dura e chata que ninguém aguenta. Ela morre de inveja de mim".

Ter um marido, ou o que chamei de "capital marital", pode provocar reações femininas violentas, como mostra uma designer de 51 anos:

"Eu tinha acabado de me separar e estava com um novo namorado. Uma amiga me criticou: 'Já? Por que você precisa tanto de homem?'. Achei o comentário ferino e imediatamente reagi: 'Eu não preciso de homem para nada e é justamente porque eu não preciso que eu tenho um. Eu acho uma delícia ter um homem para chamar de meu. Não quero um troféu para exibir para ninguém, pois o meu valor não está em ter ou não um homem'".

Ela disse que não precisa de nenhum homem para resolver seus problemas e que sempre gostou de fazer tudo sozinha.

"Uma das melhores coisas da vida é ter dinheiro e capacidade para resolver todos os meus problemas sozinha. Se algo quebra, chamo alguém para consertar na mesma hora. Se preciso de alguma coisa, compro imediatamente. Também adoro fazer tudo sozinha: viajar, ir ao cinema, passear. É muito bom não precisar de um homem para este tipo de coisa".

Os dados demográficos mostram que, ao envelhecer, as mulheres têm mais dificuldades para casar do que os homens. Em um mercado matrimonial desfavorável, ter um marido pode ser considerado um capital. Aquelas que não têm um marido podem tentar transformar a falta dele em algum tipo de virtude. Elas podem se achar mais poderosas, independentes e até mesmo superiores já que não "precisam dos homens".

No entanto, como disse a arquiteta: "Não preciso de nenhum homem para provar o meu valor, mas quem não gosta de ter um parceiro bacana para rir, conversar, namorar e saborear a vida?"

[...]

Algum leitor sabe de quem é a ideia de "Sexalescentes"? Se sim, peça para ele (ou ela?) sair do armário e assumir a autoria.

Aposto que o texto foi escrito por uma "coroa poderosa". E você? (FSP, 25 ago. 2015).

Mirian apresenta depoimentos de pessoas tidas como idosas pela sociedade, mesmo que ainda não correspondam aos critérios estabelecidos pela Lei ou pelo Estatuto do Idoso, que é de 60 anos. Pode-se concluir que essa categorização, baseada única e exclusivamente em senso comum, reforça o preconceito do idadismo, como apresentamos no capítulo anterior, com citações de Gisela Castro.

Nesta coluna ela faz referências a mulheres de 56 e 51 anos que, apesar de ainda não pertencerem à faixa etária de pessoas idosas, já dão a ideia da necessidade de se libertarem do “capital marital”. O medo de que, ao envelhecer, as mulheres teriam maior dificuldade para se casarem, como se ter um marido fosse a única solução para a felicidade, é substituído por mulheres maduras e independentes, que não precisam de ninguém para provar seus valores, ainda que apreciem a convivência com parceiros para rir, namorar e saborear ainda mais a vida.

Mirian Goldenberg utilizou a coluna abaixo como apresentação de seu livro organizado e recentemente lançado, *O Velho é lindo* (2016):

**Velho é lindo** 10/09/2013

Durante anos tive o hábito de anotar os meus sonhos.

Acordava de madrugada e escrevia tudo o que havia sonhado.

Depois de registrar o sonho, tentava voltar a dormir --o que não era nada fácil. Como tenho muitas noites de insônia, decidi parar de escrever durante as madrugadas.

No entanto, recentemente tive dois sonhos que me pareceram muito especiais. Enquanto sonhava, dizia para mim mesma: "Este sonho eu preciso anotar, é importante para as minhas reflexões sobre homens e mulheres".

O primeiro foi com dois amigos que conversavam sobre suas dificuldades amorosas. Um deles pergunta: "Por que as mulheres nunca dizem diretamente o que querem?"

E o outro, com um sorriso irônico, responde o que lhe parece óbvio: "Porque o que as mulheres querem é que você adivinhe o que elas querem sem que elas digam nada".

Acordei com a sensação de que se as mulheres aprendessem a dizer o que querem as relações amorosas seriam muito mais simples, prazerosas e felizes. E escrevi: "No Brasil, mesmo dentro da mulher mais poderosa, sobrevive uma Barbie cor-de-rosa".

No segundo sonho eu estava dando aula e dizia para os meus alunos: "A única categoria social que inclui todo mundo é velho. Somos classificados como homem ou mulher, homo ou heterossexual, negro ou branco. Mas velho todo mundo é. O jovem de hoje é o velho de amanhã. Por isso, como nos movimentos libertários do século passado do tipo "black is beautiful", deveríamos vestir uma camiseta com as ideias "eu também sou velho!" ou, melhor ainda, "velho é lindo!"."

Fomos em passeata até Copacabana, todos unidos, os velhos de hoje e os velhos de amanhã, vestindo camisetas e levando cartazes.

Na manifestação, inspirada em Martin Luther King, fiz um discurso apaixonado: "Eu tenho um sonho que um dia o velho será considerado lindo e que poderemos viver em uma nação em que as pessoas não serão julgadas pelas rugas da sua pele, e sim pela beleza do seu caráter. Livres! Somos livres, enfim!"

Acordei de madrugada repetindo alegremente a frase: "Somos livres, enfim!". E com vontade de ir para Copacabana me manifestar gritando: "Eu também sou velha!" e "Velho é lindo!"

Aí lembrei por que desisti de anotar os meus sonhos e voltei a dormir. (FSP, 10 set. 2013).

Mas na continuidade de sua apresentação do livro, ela complementa que logo após o lançamento participou de um congresso internacional de moda e que durante a sua exposição afirmou: "que o mercado [ao] reproduzi[r] as imagens dos velhos do século passado [...] não enxerga os "novos velhos", que têm projetos de vida, saúde, amor, felicidade, liberdade e beleza" (GOLDENBERG, 2016, p. 8) e convocou o público a mudar essas antigas representações e participar da campanha - "Velho é lindo!". Campanha esta (que ela descreve neste artigo), que teve origem em um sonho no qual em movimentos libertários do tipo "*black is beautiful* (inspirada em Martin Luther King), todos deveriam vestir camisetas com as ideias "eu também sou velho" (já que todos um dia seremos) ou, melhor ainda, "velho é lindo!", e seguir numa passeata até Copacabana, a mesma Copacabana de Gilberto Velho, Eduardo Coutinho, Carla Camurati e Myriam Barros, bairro de maior concentração de idosos do país.

Neste livro, ela reuniu artigos que buscam trazer reflexões importantes e originais para se pensar em um envelhecimento visto de uma maneira positiva, plena e feliz, onde seus autores revelam a velhice como sendo uma fase da vida repleta de descobertas, de amizades, de liberdade e de felicidade e que todos já que eles acreditam que ser "velho é lindo".

### **Elas estão 'se achando'**

07/10/2014

Nas minhas colunas na *Folha*, escrevo muito mais sobre as insatisfações femininas do que sobre as masculinas. No entanto, sempre que escrevo ressaltando o ponto de vista masculino recebo uma enxurrada de e-mails de mulheres.

Em uma coluna escrevi sobre o desejo masculino de assumir plenamente a paternidade desde o nascimento dos filhos. Como podem fazer isso se a licença paternidade é de apenas cinco dias?

Recebi um e-mail indignado de uma mulher: "A senhora é mãe? Como sabe que um pai pode alimentar e cuidar de um bebê?"

Escrevi sobre o "borogodó" e recebi inúmeras mensagens de mulheres. Elas afirmaram enfaticamente que têm borogodó, que são engraçadas, leves e divertidas. Acusaram outras mulheres de serem chatas e exigentes. Elas, ao contrário, seriam muito interessantes e até mesmo superiores à maioria das mulheres (e dos homens, também!).

Quando mostrei que os homens reclamam da falta de mulher interessante e admirável no mercado afetivo e sexual, elas escreveram afirmando que são bonitas, independentes e inteligentes. Perguntaram incisivamente: "Onde estão esses homens que buscam mulheres interessantes?"

Nos três casos, percebi que muitas mulheres se sentem criticadas ou ofendidas quando os homens falam sobre as suas dificuldades. Elas reagem de forma defensiva, ou até mesmo agressiva, e dizem que são interessantes e admiráveis e que, apesar disso, não encontram homens para se relacionar.

É difícil explicar que ter borogodó e ser interessante depende do reconhecimento do outro. No caso, do reconhecimento masculino.

Não basta achar que tem borogodó para efetivamente ter borogodó. Não basta se achar interessante para ser uma mulher interessante. Não basta querer ser admirada para ser uma mulher admirável.

Os outros precisam reconhecer essas qualidades. E, infelizmente, os homens dizem que essas qualidades são cada vez mais difíceis de encontrar nas mulheres de hoje.

Os jovens têm uma expressão divertida para explicar esse tipo de reação feminina. Dizem: "Ela está se achando". (FSP, 07 out. 2014).

Parece que muitas mulheres "estão se achando" interessantes, admiráveis e com borogodó. Falta apenas que os homens (que elas tanto querem) concordem com elas. (FSP, 07 out. 2014).

Escrevendo sobre as insatisfações femininas (e também masculinas), Miriam realça que "não basta reclamar e se achar injustiçada, não basta se achar interessante para ser uma mulher interessante, não basta querer ser admirada para ser uma mulher admirável. As suas qualidades devem ser reconhecidas pelos outros e que, infelizmente, os homens dizem que essas qualidades são cada vez mais difíceis de encontrar nas mulheres de hoje.

Os jovens têm uma expressão divertida para explicar esse tipo de reação feminina. Dizem: "Ela está se achando"."

### **3.1.3 Movimento das coroas poderosas, a importância do corpo**

O corpo é, no Brasil, um verdadeiro capital, afirma Miriam Goldenberg, em seu livro, de 2008, *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Em sua pesquisa comparativa com mulheres brasileiras e alemãs, encontrou diferenças no que se diz respeito ao envelhecimento do corpo: as alemãs até acham uma falta de dignidade uma mulher querer parecer mais jovem, e o que importa é a individualidade, a inteligência e a conversa, e parecem mais confortáveis com seu envelhecimento que as brasileiras. Essas duas características estão em primeiro lugar: a ênfase na decadência do corpo e na falta de homem. Utilizou algumas ideias de Pierre Bourdieu, para quem os capitais (econômico, cultural, social, político, simbólico, físico, entre outros) definem as probabilidades de ganho num campo determinado. Diferentes campos colocam diferentes capitais, podendo um capital ser

extremamente valioso em um campo e não ter o menor valor em outro. No Brasil, Mirian acredita que o corpo funciona como um capital importante em diversos campos.

### **Quantos anos você acha que eu tenho?**

28/06/2016

Uma professora defendia a ideia de que as pessoas podem ser consideradas *ageless* (sem idade) quando uma aluna perguntou: "Quantos anos você tem?"

A professora reagiu: "Quantos anos você acha que eu tenho?"

Constrangida, a aluna pensou duas vezes antes de responder: "38?"

A professora disse: "Se você acha 38, eu tenho 38!".

A aluna suspirou aliviada por ter acertado a idade que a professora tanto desejava aparentar.

As duas compartilharam um jogo tipicamente feminino: a aluna sabia que devia mentir e a professora, mesmo sabendo que é uma mentira, ficou muito feliz com os "38".

A cena é a mesma, só que com um aluno. Ele perguntou a idade da professora e ela reagiu: "Quantos anos você acha que eu tenho?" Ele respondeu sem hesitar: "54".

A resposta feriu mortalmente a professora. O aluno, ao dizer exatamente a idade que a professora tem, sem jogar o jogo feminino de mentir a idade (provavelmente por desconhecer este tipo de jogo), desmascarou a fantasia de que ela aparenta ser mais jovem do que realmente é.

A professora descreveu a crueldade do aluno para uma colega alemã. A alemã não conseguiu entender por que a brasileira se sentia feliz quando os outros diziam –ou melhor, mentiam– que ela parecia ter menos idade.

"Por que você quer parecer mais jovem? Por que dizer a própria idade é um drama para você? Por que você sente vergonha de ter 54 anos? Este é um comportamento muito infantil, não combina com uma mulher madura. Você não acha uma falta de dignidade querer ser o que você não é?"

Em uma cultura em que o corpo jovem é uma verdadeira riqueza, um "corpo-capital", é compreensível que as mulheres tenham pânico de envelhecer e de revelar a idade. No entanto, quando a mulher é valorizada por outros capitais, ela pode envelhecer com mais dignidade, liberdade e felicidade.

Termino com um conselho de amiga. Nunca pergunte a uma mulher: "Quantos anos você tem?". Se ela responder: "Quantos anos você acha que eu tenho?", você terá que mentir muito, mas muito mesmo, para deixá-la feliz. (*FSP*, 28 jun. 2016).

Colunista, desde 2010, da *Folha de S. Paulo*, Mirian, antes disso, já escrevia e tinha alguns artigos publicados neste jornal, onde divulgava suas opiniões sobre a velhice. Lançou o "Movimento das Coroas Poderosas" que considerou sua coluna de maior sucesso, recebendo inúmeras mensagens e apoiando entusiasticamente a proposta, conforme publicação de 01/10/2011, a qual define as coroas poderosas "como mulheres que não se preocupam com rugas, celulites, pescoço, quilos a mais. Elas estão se divertindo com tudo o que conquistaram na maturidade: liberdade,

segurança, charme, amizades, sucesso, reconhecimento, respeito, independência e muito mais”.

### **Movimento das coroas poderosas**

01/10/2011

O envelhecimento traz uma grande mudança: você deixa de existir para os outros e se liberta pela 1ª vez.

Na Bienal do Livro do Rio participei do debate "Elas não envelhecem mais: as novas velhas".

Comecei discordando do título, dizendo que no Brasil envelhecemos, sim, e precocemente. Aos 30 anos já estamos preocupadas com fios de cabelos brancos, ruguinhas que começam a aparecer, quilinhos a mais. Na Alemanha, onde fiquei alguns meses entrevistando mulheres, aos 60 elas não falam dessas questões. Falam do trabalho, da casa, das viagens, dos projetos.

Aqui, mesmo antes dos 30, as mulheres só falam da decadência do corpo e da falta de homem. Ou ainda das faltas dos seus homens (falta de comunicação, de romance, de carinho, de elogios, de sexo, de fidelidade etc.).

Contei o caso de uma cinquentona, magra e bonita, que encontrou o ex-marido sessentão, barrigudo, careca e sem alguns dentes. Olhando para o pescoço dela, ele disse: "Você envelheceu um pouquinho", para em seguida acrescentar: "Mas suas mãos continuam jovens".

Traumatizada com o olhar acusador do ex, ela agora só anda de echarpe para esconder a velhice retratada no pescoço.

Na Bienal, após um debate sobre a valorização do corpo jovem e magro em nossa cultura (que fez com que eu criasse a ideia de que o corpo é um capital), ficou uma pergunta no ar: como as mulheres poderiam se libertar dessa prisão?

Concordei, então, com o subtítulo da mesa: "as novas velhas". Muitas mulheres mais velhas conseguem se libertar da ditadura da aparência e se preocupar mais com saúde, qualidade de vida e bem-estar.

Elas tiram o foco do olhar dos outros, e passam a priorizar o próprio prazer, desejos, vontades.

A grande mudança com o envelhecimento parece ser essa mudança de foco, deixar de existir para os outros e passar a ser "eu mesma" pela primeira vez na vida. É uma verdadeira libertação.

Assim, fundei o Movimento das Coroas Poderosas. As coroas poderosas são mulheres que não se preocupam com rugas, celulites, pescoço, quilos a mais. Elas estão se divertindo com tudo o que conquistaram na maturidade: liberdade, segurança, charme, amizades, sucesso, reconhecimento, respeito, independência e muito mais.

Portanto, como presidente do Movimento das Coroas Poderosas, convoco todas as mulheres que estão cansadas de sofrer com as pressões sociais, a decadência do corpo e a falta de homem (ou as faltas dos homens) a se unirem ao nosso grito de guerra: "Coroas poderosas unidas, jamais serão vencidas!". (FSP, 01 out. 2011).

E, posteriormente, em 05 de junho de 2012, fez um novo apelo às coroas poderosas com o seu “manifesto” endereçado a elas:

### **Manifesto das coroas poderosas**

05/06/2012.

Mulheres de qualquer idade que estão cansadas de sofrer com as pressões sociais unam-se.

No dia 1º de junho de 2010 publiquei a minha primeira coluna no Equilíbrio. Desde então, foram dezenas de textos de muita repercussão, como "Nem marido, nem namorado", "O marido como capital", "Novas velhas", "Sozinhas", entre tantos outros. No entanto, a coluna de maior sucesso foi a que intitulei "Movimento das Coroas Poderosas". Recebi inúmeras mensagens apoiando entusiasticamente a proposta.

Para comemorar dois anos de um intenso e prazeroso diálogo com meus leitores e leitoras, decidi publicar o "Manifesto das Coroas Poderosas". Aquelas que quiserem aderir ao movimento (ou sugerir ideias) podem escrever.

Os asteriscos finais são uma homenagem à histórica entrevista de Leila Diniz a "O Pasquim", em 1969. Leila é a musa que inspirou a criação do "Movimento das Coroas Poderosas" e de todos os textos aqui publicados. Ela morreu, aos 27 anos, em um acidente aéreo, em 14 de junho de 1972. Aí vai o manifesto:

"A coroa poderosa não se preocupa com rugas, celulites, quilos a mais. Ela está se divertindo com tudo o que conquistou com a maturidade: liberdade, segurança, charme, sucesso, reconhecimento, respeito, independência e muito mais.

Ela quer rir, conversar, sair, passear, dançar, viajar, estudar, cuidar da saúde, ter bem-estar e qualidade de vida, enfim, 'ser ela mesma' e não responder, desesperadamente, às expectativas dos outros. Quer exibir o corpo sem medo do olhar dos homens e das mulheres, sem vergonha das imperfeições e sem procurar a aprovação dos outros.

A coroa poderosa descobriu que a felicidade não está no corpo perfeito, na família perfeita, no trabalho perfeito, na vida perfeita, mas na possibilidade de 'ser ela mesma', exercendo seus desejos, explorando caminhos individuais e tendo a coragem de ser diferente. Ela sabe que não deve jamais se comparar a outras mulheres, porque cada uma é única e especial. Portanto, como presidente, secretária, tesoureira e única militante do 'Movimento das Coroas Poderosas' (já que todas as amigas que chamei para participar do movimento se sentiram ofendidas) convoco todas as mulheres, de qualquer idade, que estão cansadas de sofrer com as pressões sociais, com a decadência do corpo e com a falta de homem (ou com as faltas dos seus homens) a se unirem ao nosso grito de guerra:

'Coroas poderosas unidas jamais serão vencidas!'

'F\*\*\*-se as rugas, as celulites e os quilos a mais!'" (FSP, 05 jun. 2012).

Myrian Moraes Lins de Barros (2006) realça a importância e a valorização da noção de cada indivíduo na sociedade no seu projeto de vida, e cita Dumont sobre a importância disso na sociedade ocidental moderna. Cita também Velho (1979) que diz que quanto mais exposto estiver o indivíduo a experiências diversificadas, quanto menos fechada for sua rede de relação no nível do seu cotidiano, mais marcada será sua autopercepção de individualidade singular, que, por sua vez, determinada consciência singular corresponderá a uma maior elaboração de um projeto de vida.

Ao afirmar que a "coroa poderosa não se preocupa com rugas, celulites, quilos a mais e que ela está se divertindo com tudo o que conquistou com a maturidade: liberdade, segurança, charme, sucesso, reconhecimento, respeito, independência e muito mais", Mirian Goldenberg está posicionando que essas

coroas estão, dentro da sua rede de relação, se liberando na sociedade ocidental moderna, de conceitos negativos atribuídos às mulheres.

Faz uma chamada a suas leitoras para que sejam elas mesmas e felizes, exercendo seus desejos, explorando caminhos individuais e tendo a coragem de serem diferentes, na qual cada uma é única e especial.

Que queiram “rir, conversar, sair, passear, dançar, viajar, estudar, cuidar da saúde, ter bem-estar e qualidade de vida, enfim, serem elas mesmas e não responderem, desesperadamente, às expectativas dos outros. E exibirem o corpo sem medo do olhar dos homens e das mulheres, sem vergonha das imperfeições e sem procurar a aprovação dos outros”.

#### **3.1.4 Mercado de consumo**

Como já citamos no capítulo anterior, Guita Debert se referiu ao artigo de Lars Tornstam, que definiu os paradigmas da teoria gerontológica para ilustrar sua reflexão sobre o envelhecimento, a da “perspectiva da miséria”, onde os estereótipos do abandono e da solidão, que caracterizariam a experiência de envelhecimento, contra a perspectiva do idoso como “fonte de recursos”, altera a imagem dos idosos como seres ativos, capazes de oferecer respostas criativas ao conjunto de mudanças sociais que redefinem a experiência de envelhecimento.

Hoje, o mercado de consumo para o idoso, com novas formas de sociabilidade e de lazer que marcam essa etapa da vida, apresenta um novo ideal de produtividade que emerge de um conjunto de receitas que ensinam para os que não querem se sentir velhos, a melhor maneira de conduzir a vida e participar de atividades preventivas.

Gisela Castro (2015a e 2015b), cujos artigos já mencionamos no capítulo anterior, se refere ao idadismo, como um preconceito aos idosos, mas também aponta os modos novos de viver e entender a nova dimensão sociocultural da velhice.

Marco Morsch (2015), já citado no capítulo anterior, diz que o novo consumidor idoso é um filão de oportunidades, mas que muitas empresas ainda não perceberam o potencial desse nicho promissor de consumidores e como são seus novos hábitos e atitudes. E que os idosos sentem dificuldades em encontrar produtos adequados a sua idade. Com maior longevidade, autonomia, qualidade de



vida e independência financeira, a terceira idade está se tornando uma grande força do mercado de consumo.

Mirian Goldenberg (2016) cita que, dentre muitas mulheres que tem pesquisado, de mais de 40 anos (20 anos menos do considerado idoso pelas leis), afirmam ser ignoradas pelo mercado, já que não encontram roupas adequadas para sua idade e que se sentem invisíveis, já que não são mais olhadas ou elogiadas, tal como eram quando mais jovens. Como no depoimento de uma nutricionista de 47 anos por ela entrevistada que, mesmo sendo magra e tendo um corpo bonito, ficou arrasada ao ser encarada por uma vendedora, a qual, na sua interpretação, a achava uma velha e não queria sua etiqueta usada por essa faixa etária.

Menciona também uma professora de 41 anos que reconhece que não pode usar os mesmos jeans de que suas alunas, pois mesmo não querendo parecer uma garotinha, não gosta de parecer uma velha, dizendo que as opções para uma mulher de sua faixa etária são horrorosas. Mirian pondera que a grande dúvida é a de como se adequar à idade sem abrir mão de roupas bonitas, pois o mercado está voltado para mulheres jovens e magras, excluindo aquelas que não se enquadram ou não aceitam essa padronização.

Mirian Goldenberg coloca em suas colunas mensagens otimistas sobre a ideia dos idosos se sentirem enquadrados no mercado. Que a beleza da velhice está em sua singularidade e que é nas pequenas e grandes escolhas que cada indivíduo define e concretiza seu projeto de vida para encontrar o significado de sua existência e que procura transmitir em suas palestras, colunas e livros que “a bela velhice não é um caminho apenas para celebridades” (2016).

#### **Velho está na moda**

08/10/2013

Muitas mulheres de mais de 40 anos dizem que são ignoradas pelo mercado. Além de se sentirem invisíveis, pois não são mais olhadas ou elogiadas como quando eram mais jovens, dizem que não encontram roupas adequadas para a idade.

Uma nutricionista de 47 anos contou: "Tenho um corpo bonito. Fui comprar um jeans de uma marca famosa e a vendedora me olhou dos pés à cabeça como se dissesse: 'Não temos roupas para velhas. Não queremos nossa etiqueta desfilando na bunda de uma velha ridícula e sem noção'. Saí arrasada".

Outras querem se diferenciar das adolescentes, mas não querem se vestir como velhas. Uma professora de 41 anos disse: "Não posso usar os mesmos jeans das minhas alunas. Tento encontrar um que não seja colado e de cintura baixa, mas é impossível. Não quero parecer uma garotinha, mas não quero parecer uma velha. As opções para a minha idade são horrorosas".

A dúvida é como se adequar à idade sem abrir mão de roupas bonitas. O mercado está voltado para as jovens e magras e exclui aquelas que não se enquadram no padrão. Uma arquiteta de 56 anos afirmou: "Sempre usei biquíni e minissaia. Agora não posso mais? Adorei quando a Betty Faria, depois de ter sido chamada de 'velha baranga' por usar biquíni aos 72, disse: 'Querem que eu vá à praia de burca, que me envergonhe de ter envelhecido?'". Em um congresso internacional de moda, afirmei que o mercado reproduz as imagens dos velhos do século passado e não vê os "novos velhos" que têm projeto de vida, saúde, amor, felicidade, liberdade e beleza. Convoquei o público a mudar essas representações e participar da campanha que lancei aqui com o artigo "Velho é lindo". De biquíni ou maiô, minissaia ou jeans, somos mais livres para inventar nossa "bela velhice". E para mostrar aos velhos de hoje e de amanhã que "velho é lindo!" e que "velho está na moda!". (FSP, 08 out. 2013).

Essa mudança no perfil da população brasileira acarreta também alteração nos hábitos e nos costumes da terceira idade. Seus representantes formam um grupo bastante heterogêneo de consumidores, os quais dispõem de tempo para fazer compras. Vão ao supermercado pelo menos cinco vezes por semana. Ao contrário do que se pensa, esse público não é nada conservador. Isso possibilita que ele se interesse mais pelas compras e, portanto, as planeje melhor. O que eles realmente querem é aproveitar melhor a vida.

O mercado de cosméticos, o setor bancário e as instituições de ensino começam a enxergar esse público como promissor. De acordo com números divulgados em 2008, pelo *Instituto de Pesquisas Datafolha*<sup>17</sup>, somente 5% dos idosos têm acesso à internet no país. Embora o índice seja pequeno, já causa mudança, pois, quanto mais acesso à informação o idoso tem, mais ele se torna aberto às novas experiências. O estudo também mostra que, entre os que utilizam a internet, o percentual dos que fazem algum curso ou estudam atualmente fica acima da média, e que cursos de computação e informática são os mais citados pelos que têm vontade de aprender algo novo.

E, especialmente, para as mulheres, o importante é saber envelhecer com dignidade, sem se importar com regras antigas e vontades alheias.

### **Me deixa ficar velha!**

14/07/2015

Já reparou a dificuldade feminina para saber o que se pode (ou não) fazer depois de uma determinada idade?

<sup>17</sup> Instituto de Pesquisa Data Folha. Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/1226302-para-paulistanos-com-mais-de-60-anos-internet-possibilita-informacao-conhecimento-e-comunicacao.shtml>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

Devo ou não pintar o cabelo? Posso deixar o cabelo comprido? É ridículo ter franja ou fazer rabo de cavalo? Qual é o comprimento adequado da saia? E o tamanho do biquíni?

Uma arquiteta de 57 anos disse: "Parei de pintar o cabelo. Sofri um verdadeiro massacre das minhas amigas. Dizem que estou parecendo uma velha, que desisti da minha vida sexual, que deixei de ser mulher. Os homens até gostam, me acham diferente. Só as mulheres me criticam".

Uma professora de 60 anos contou: "Adoro ir à praia. Sempre fui de biquíni. Agora parece que sou uma velha ridícula, caquética, pelancuda, que não obedece à regra de usar maiô ou até mesmo de não ir mais à praia.

Recebo muitos olhares de censura e comentários violentos de algumas amigas. Elas parecem policiais perseguindo as mulheres que querem envelhecer naturalmente.

Ela mostra que as amigas podem ser a maior fonte de pressão e de preconceito com relação ao envelhecimento feminino.

"Todas as minhas amigas já fizeram plástica ou colocaram botox. Minha melhor amiga fez correção nos olhos, colocou botox, preenchimento ao redor dos lábios e ainda operou o nariz. Virou outra pessoa. Cada vez que ela me encontra insiste que eu tenho que fazer plástica, que estou com as pálpebras muito caídas, que vou ficar muito mais jovem. Ver o rosto dela tão plastificado me fez decidir não mexer em nada. Sinceramente, eu me acho mais bonita e mais jovem do que ela".

Muitas não resistem à pressão e acabam fazendo um dos "tratamentos mágicos", como uma advogada de 47 anos: "Tenho uma amiga que faz de tudo para parecer mais jovem. Ela me convenceu a fazer um tratamento mágico que prometia rejuvenescer minha pele. Gastei uma fortuna e não teve qualquer resultado. Tem tanta promessa no mercado do tipo "pareça dez anos mais jovem" que nós acabamos fazendo loucuras. Muitas mulheres ficam deformadas".

Ela pergunta: "Será que não está na hora de parar com essa obsessão pela aparência jovem e aceitar a beleza de todas as fases da vida? Dá vontade de gritar: 'Por favor, me deixa em paz, basta de tantas cobranças e loucuras. Me deixa ficar velha!'" (FSP, 14 jul. 2015).

O desapego por coisas e por pessoas que eram importantes em outras fases da vida é muito importante para encarar uma vida mais apropriada, deixando as energias negativas. Mirian aponta que em todos os depoimentos aparece a decisão de "usar o tempo de uma forma mais prazerosa, investir nos próprios desejos, jogar fora o que é excessivo ou não serve mais, mesmo que tenha sido algo importante em outra fase de vida". Uma faxina em sua vida é "uma sensação de urgência, de basta, de recomeço".

### **Você já fez uma faxina na sua vida?**

06/05/2014

Tenho observado um fenômeno interessante: mulheres que decidem fazer uma verdadeira faxina nas suas vidas.

O processo começa com uma insatisfação difusa e um enorme desejo de mudar, limpar, simplificar.

Algumas desfazem amizades, como uma professora de 49 anos: "Tinha uma amiga de infância que sempre me criticou e me botava para baixo. Resolvi deletar da minha vida todas as pessoas destrutivas, inclusive velhas amigas. Estou finalmente livre da energia negativa delas. Foi uma verdadeira faxina existencial."

Outras mudam a forma de viver, como uma jornalista de 51 anos: "Eu morava em um apartamento de quatro quartos, cheio de coisas que

acumulei na vida. Não conseguia me desapegar por razões afetivas: casaco que ganhei do meu pai, echarpe da minha mãe, CDs do ex-marido. Mudei para um conjugado e dei 80% das minhas coisas: sapatos, bolsas, roupas lindas, muitas ainda com a etiqueta. Minha vida ficou mais simples, mais leve e muito mais gostosa."

Outras são mais radicais, como uma médica de 58 anos: "Estava no auge da minha profissão, ganhando muito dinheiro e sendo convidada para congressos. Depois de décadas focada na minha carreira, cheguei ao limite. Odeio viajar, não gosto das pessoas arrogantes que encontro nesses eventos, cansei de sorrir e de dar beijinhos em gente chata. Larguei tudo e estou estudando filosofia. Quero curtir a vida do meu jeito: ler livros, ver filmes, ter tempo para fazer o que eu gosto. Foi uma revolução".

Em todos os depoimentos aparece a decisão de usar o tempo de uma forma mais prazerosa, investir nos próprios desejos, jogar fora o que é excessivo ou não serve mais, mesmo que tenha sido algo importante em outra fase de vida. É uma sensação de urgência, de basta, de recomeço.

Uma advogada de 63 anos mostra que o tempo é um capital: "Chega de desperdiçar a vida pensando em dinheiro, prestígio, poder. Chega de perder tempo com gente babaca. O tempo é uma riqueza. Aprendi a dizer não (sem culpa) para tudo o que me faz mal. E a dizer sim (com prazer) só para o que é realmente importante. Parece fácil, mas levei 60 anos para descobrir que a liberdade é o segredo da minha felicidade". E você? Já fez (ou precisa fazer) uma faxina na sua vida? (*FSP*, 06 mai. 2014).

Mirian aqui relata, como em muitas outras colunas, depoimentos de seus leitores e entrevistados e, em todas as que opinaram, podemos verificar que estes fizeram um projeto em suas vidas. Mudanças que certamente irão trazer uma vida de maior satisfação pessoal. Abandonar coisas que nada mais tem a ver com seu estilo de vida atual e não mais ficar atados a coisas do passado.

### **3.1.5 Nova forma de encarar a vida**

Mirian Goldenberg, no referido livro "Bela Velhice" (2015), propõe uma nova forma de encarar a velhice, com beleza e liberdade. No Brasil, diz a autora, o medo de envelhecer está dentro e fora da mídia, em efeito cascata: muitas celebridades sustentam o mito da juventude eterna; diversas mulheres entendem o recado como o "padrão ideal" e acabam em uma cansativa e eterna luta contra a própria imagem. Mirian desaconselha qualquer tipo de comparações, pois estas produzem infelicidade, não se deve fazê-las e, principalmente, não invejar mulheres mais jovens, mais bonitas, mais seguras, mais poderosas etc. Só a maturidade pode dar a segurança necessária para "ser eu mesma" e não querer ser diferente do que se é. Descobrir que deve investir muito mais nos pontos positivos, nas suas qualidades, e aceitar com carinho, com humor, os seus defeitos, faltas e imperfeições e que a conquista da liberdade é e deve ser o principal ganho neste processo.

Analogamente e de modo inesperado, a autora diz que o que mais a surpreendeu em suas pesquisas realizadas, com mais de 1700 pessoas de ambos os sexos sobre o envelhecimento, foi a grande adesão de homens que historicamente demonstram sofrer menos com a chegada da idade do que as mulheres. “Acho que eles gostaram da ideia de que a velhice não é um ponto final”.

### **A revolução dos velhos**

14/06/2016

Pode ser difícil de acreditar, mas muitas pesquisas mostram que quanto mais velhos somos, mais felizes podemos ser. As pesquisas questionam o pânico que os brasileiros têm de envelhecer, já que, para muitos, a velhice é a melhor fase da vida.

Há mais de dez anos venho pesquisando as representações, os medos e os significados do envelhecimento no Brasil. Atualmente, estou pesquisando homens e mulheres de mais de 90 anos.

O que aprendi de mais importante com os meus pesquisados?

Em primeiro lugar, a importância de dizer não. O principal ganho associado ao envelhecimento é a conquista da liberdade. Eles se libertaram da necessidade de agradar a todo mundo, da preocupação com a opinião dos outros, do medo de ser diferente. Como muitos disseram, é fundamental para a felicidade adotar a filosofia do "foda-se!". É uma verdadeira revolução.

Em seguida, a mudança de foco. Eles destacam a necessidade de colocar o foco na própria vontade. Mostraram que, quando mais jovens, sempre se colocaram em segundo plano e buscaram satisfazer os desejos dos filhos, cônjuges, pais e amigos. Mais velhos, e com a certeza de que o tempo é um bem precioso e não pode ser desperdiçado, perceberam que é preciso priorizar o tempo para cuidar da própria saúde e construir projetos de vida com significado e prazer.

Também descobri que a comparação produz infelicidade. Aprendi que não devo me comparar com (e também não invejar) mulheres mais jovens, mais bonitas, mais seguras, mais poderosas etc. Só a maturidade pode me dar a segurança necessária para "ser eu mesma" e não querer ser diferente do que sou. Descobri que devo investir muito mais nos meus pontos positivos, nas minhas qualidades, e aceitar com carinho (e com humor) os meus defeitos, faltas e imperfeições.

Aprendi a importância de rir mais de mim mesma e dos outros. Não levar tudo tão a sério e cultivar o bom humor. Muitos sofrimentos inúteis podem ser evitados com boas risadas. Descobri que posso resgatar a criança que ainda existe dentro de mim, brincar muito mais e ser muito mais feliz.

Com tudo o que aprendi nestes anos de pesquisas e reflexões sobre o envelhecimento, passei a repetir um mesmo mantra: "Velho é lindo! Viva a bela velhice!". (FSP, 14 jun.2016).

Numa das suas últimas participações no programa *Encontro com Fátima Bernardes*, na Rede Globo, Mirian ao falar de suas pesquisas com idosos de mais de 90 anos, relatou um caso de um senhor que somente aos 95 anos admitiu ser gay, e que descobriu isso desde criança, mas nunca demonstrou e viveu a vida escondendo isso, pois sua posição na sociedade jamais admitiria essa condição. Hoje, ele quer encontrar um companheiro para viver junto, mesmo não tendo mais

nenhuma necessidade de experiências sexuais, mas apenas para provar sua libertação.

Na coluna abaixo, Mirian fez uma lista que enviou para muitos de seus seguidores, resultado de um evento que participou onde se discutiu os tabus relacionados ao corpo da mulher brasileira. Mesmo sendo repetitiva, Mirian relaciona quase todos os pontos que vem colocando em suas colunas e nos seus livros, especialmente para as mulheres, mesmo que ainda não se encontre na faixa etária considerada idosa, que não necessariamente é aquela considerada pelo Estatuto do Idoso ou por qualquer outra lei.

### **Uma lista para ser feliz**

12/07/2016

Recentemente participei de um evento chamado "Momento de amigas" para falar sobre os tabus relacionados ao corpo da mulher brasileira. No fim do encontro, decidi ler uma lista divertida do tipo "13 coisas que toda mulher precisa saber... para ser mais livre e muito mais feliz!". Como a minha lista fez muito sucesso com as minhas novas amigas, decidi publicá-la aqui. Se quiser, envie para o meu e-mail os itens que você gostaria de adicionar à minha lista.

1. Valorizar a amizade –investir tempo, atenção e carinho nas suas amigas. Elas nos escutam, apoiam, cuidam e reconhecem nosso valor.
2. Não se preocupar tanto com a opinião dos outros –ligar o botão do "foda-se"!
3. Aprender a dizer não.
4. Priorizar o tempo para você mesma –ter tempo para cuidar do próprio corpo, prazer e saúde.
5. Fazer uma verdadeira faxina existencial –jogar fora tudo e todos que não cabem mais na vida: aqueles vampiros que só criticam, botam para baixo, sugam a sua energia.
6. Colocar o foco na própria vontade – agradar, em primeiro lugar, a você mesma.
7. Não se comparar com outras mulheres - buscar valorizar os seus pontos fortes e não focar no que falta. Ser, cada vez mais, você mesma!
8. Gostar dos seus defeitos e imperfeições – ter um olhar mais generoso e carinhoso com seu corpo, seus cheiros, seu jeito de ser. Não se esconder, não ser invisível, não ter vergonha do próprio corpo.
9. Brincar muito mais –ser plenamente a criança que você nunca deixou de ser.
10. Saber que grande parte do seu sofrimento é cultural e compartilhado por outras mulheres –você não está sozinha!
11. Falar sobre as suas inseguranças, medos e vergonhas –dividir com as amigas as coisas que você esconde é a melhor maneira de perceber que outras mulheres têm o mesmo tipo de sofrimento.
12. Rir das inseguranças – rir de você mesma é uma forma de lidar com mais leveza com as dificuldades e ansiedades. É libertador!
13. Construir um projeto de vida –ter uma vida com significado que contemple seus sonhos, desejos e vontades.

Se você gostou da lista, compartilhe com suas amigas. Quem sabe elas também se divertem e se libertam dos tabus, preconceitos, vergonhas e inseguranças com o próprio corpo? (FSP, 12 jul. 2016).

A importância daquilo que tradicionalmente era o que se deveria fazer, deixou de ter a conotação negativa da velhice. A tendência contemporânea é rever os estereótipos associados ao envelhecimento, como citamos no capítulo anterior. Guita Debert (2012) cita Anthony Giddens para quem a ideia de ciclo de vida perde o sentido na modernidade, uma vez que as conexões entre a vida pessoal e troca entre gerações se quebram. A autora também defende a ideia de que um processo de perdas deve ser substituído por momentos de novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. E a vivência de novas experiências ajuda a realização de projetos abandonados em outras ocasiões. Mirian também realça a importância de novas amizades com um fator importante nesta fase da vida.

### **Amigas**

26/02/2013

Uma das principais motivações para justificar a decisão de ter filhos é o desejo de receber cuidado, amor e companhia na velhice.

Muitos perguntam para as mulheres que optam por não ter filhos: "Mas como vocês irão enfrentar uma velhice solitária?".

No entanto, pesquisas revelam que a violência contra os velhos tem origem, em grande parte, dentro da própria família, em especial exercida por aqueles membros que deveriam proteger e cuidar deles.

Maus-tratos físicos e psicológicos, insultos, ameaças, espancamento, abandono, abusos financeiros, restrição da liberdade, negligência, recusa e omissão de cuidados por parte de filhos, de netos e de outros familiares são um quadro bem comum de violência contra os velhos.

Ao pesquisar mulheres de mais de 60 anos, percebi que a demanda por cuidado, carinho, respeito e escuta é satisfeita, basicamente, pelas amigas.

Uma professora de 66 anos disse: "Tenho três filhos, duas moças e um rapaz. Quando ligo para eles, só recebo patadas, estão sempre ocupados, trabalhando. Eles sempre me fazem sentir que estou incomodando, como se eu fosse um traste velho que só atrapalhasse a vida deles. Eles só ligam quando estão com algum problema. Em geral, quando precisam de dinheiro ou de uma 'avó-babá' para cuidar das crianças".

Essa entrevistada conta que quem cuida dela são quatro amigas da época da faculdade. "Falamos quase todos os dias, saímos, viajamos, vamos jantar. Quando fiz uma cirurgia, elas se revezaram para cuidar de mim. Estamos sempre ligadas na saúde de cada uma, nas dietas, nos problemas com os filhos. Se não fosse por elas, eu estaria completamente só."

Outras se consideram "sortudas", pois, apesar de terem velhas amigas, conquistaram novas amigas em uma idade mais avançada.

Uma jornalista de 62 anos contou: "Nos últimos dez anos, fiz três grandes amigas. Faço questão de convidá-las para jantar, de telefonar sempre, de me colocar disponível para o que precisarem. Descobri que a minha maior riqueza são minhas amigas, as novas e as velhas".

Minhas pesquisadas dizem que as amigas são a sua "verdadeira família": a "família escolhida", um compromisso afetivo construído cotidianamente, sem obrigações e sem cobranças.

Essas mulheres revelam que, especialmente na velhice, os laços de amizade podem ser muito mais verdadeiros e sólidos do que os laços de sangue. (FSP, 26 fev. 2013).

Mas também deixa bem claro que não é necessário esperar a velhice para se descobrir e definir projetos de vida, que deve e pode ser traçado desde a infância, e como mencionamos as ideias de Gilberto Velho, eles podem e devem ser renovados de acordo com as fases de nossa vida.

### **Não é necessário esperar a velhice para ser você mesmo**

01/11/2016

Perguntei a homens e mulheres de 40 a 65 anos: "O que você quer ser e fazer quando envelhecer?".

As respostas mais frequentes foram:

1. Ter mais tempo para cuidar de mim mesmo e fazer as coisas que eu gosto;
2. Voltar a estudar (inglês, francês, filosofia, psicologia, história...);
3. Aprender uma coisa nova (tocar um instrumento, fotografar, surfar, dançar...);
4. Fazer coisas que sempre quis fazer, mas nunca tive coragem (escrever um livro, pintar um quadro, cantar...);
5. Viajar e sair mais com os amigos;
6. Curtir mais o marido, esposa, namorado, namorada, filhos, netos;
7. Caminhar, nadar, fazer ginástica e ir à praia todos os dias;
8. Ler muito mais e ir mais vezes ao cinema, teatro e shows;
9. Reformar e decorar a casa;
10. Simplificar a vida (guardar só o que uso, preciso e gosto).

É fácil perceber que eles desejam coisas que poderiam ter em qualquer fase da vida. Por que então esperar envelhecer?

Eles disseram que só mais velhos terão mais tempo e liberdade para fazer o que realmente gostam e querem.

Uma professora de 63 anos disse: "Tenho uma certa urgência de aproveitar o tempo da melhor forma possível. Não deixo mais para amanhã o que quero fazer hoje. Sei que a vida é muito curta, o tempo passa muito rápido. Não quero desperdiçar o meu tempo ou simplesmente deixar o tempo passar. O tempo para cuidar de mim passou a ser uma prioridade e, para isso, precisei me libertar e me desapegar de muitas coisas, pessoas e obrigações".

Ela disse que somente "depois de velha" descobriu como ser mais verdadeira, livre e feliz.

"Depois dos 60 anos passei a ter a coragem de ser eu mesma, de fazer o que eu tenho vontade de fazer. Me arrependo profundamente de não ter começado a minha libertação mais cedo. Perdi muito tempo da minha vida tentando agradar e cuidar de todo mundo e me esqueci de mim mesma".

Muitos acreditam que só mais velhos irão conquistar a liberdade e a sabedoria para aproveitar melhor o tempo e, assim, parar de tentar responder desesperadamente às expectativas e demandas dos outros.

Apreendi com meus pesquisados a me fazer duas perguntas fundamentais: O que eu quero ser e fazer quando envelhecer? Por que não posso ser mais livre para "ser eu mesma" desde agora? (FSP, 01 nov. 2016).

Na opinião da autora, uma das coisas mais importantes para uma mulher atingir uma bela velhice começa com o aprendizado de como dizer não:

### **A arte de dizer não**

01/01/2013



Na minha pesquisa "A cultura da felicidade", 32% das mulheres dizem que não são felizes por serem perfeccionistas, insatisfeitas, críticas, ocupadas, preocupadas, estressadas, inseguras etc.

No entanto, 60% afirma que quer ser mais feliz, leve e divertida.

Elas deram inúmeras dicas para a conquista da felicidade, tais como:

não ser tão crítica com os outros e consigo mesma;

não se preocupar com a autoimagem;

não se cobrar tanto;

não aumentar pequenos problemas;

não se preocupar com a opinião e a aprovação dos outros;

não se levar tão a sério;

não querer ser perfeita;

não ter vergonha do próprio corpo;

não se comparar com mulheres mais jovens, magras e gostosas;

não se olhar muito no espelho;

não conviver com pessoas negativas, agressivas e invejosas;

não fingir orgasmos;

não desperdiçar o tempo com pessoas desagradáveis e fofoqueiras;

não ir a eventos sociais por obrigação;

não responder a todas as demandas de amigos, familiares ou colegas de trabalho;

não dividir o prato só para ser gentil;

não atender aqueles que só sabem pedir ou reclamar (e nunca dão nada em troca);

não emprestar dinheiro nem para o melhor amigo;

não pedir dinheiro emprestado nem se for para o melhor amigo;

não aceitar encomendas quando viajar;

não pedir nada para os que vão viajar;

não ser fiador de amigos ou parentes;

não mendigar amor, atenção e reconhecimento;

não se fazer de vítima;

não achar que é o centro do mundo;

não deixar para amanhã o que pode resolver hoje;

não ter medo de dizer não.

Uma professora de 65 anos disse que descobriu o segredo da felicidade. "Li que o lema da Hillary Clinton é 'foda-se'. Hoje, sou como ela. Não me interessa a opinião dos outros, se gostam ou não de mim e se fazem fofocas. Aprendi a ligar o botão do 'foda-se', passei a dizer não e minha vida ficou muito mais leve."

Ela citou uma frase da atriz Marília Pêra, de 70 anos, para exemplificar a importância de dizer não para ser mais feliz. "A Marília Pêra recusou um projeto importante e uma jovem atriz disse: 'Lógico que você pode dizer não, você é a Marília Pêra!'. Ela respondeu: 'É exatamente o contrário. Eu só sou a Marília Pêra porque aprendi a dizer não!'"

Será que é tão simples assim o segredo da felicidade? (*FSP*, 01 jan. 2013).

Nesta coluna, ela faz a revanche, como ela mesma menciona, dos homens aos seus textos: "A arte de dizer não" e "É querer demais", onde os homens apontam aquilo que não querem em uma mulher:

### **O que quer um homem? (a revanche)**

02/06/2015

Recebi muitos e-mails de homens comentando meu texto "É querer demais?".

Afinal, o que quer um homem?

"Não quero uma mulher cheia de plásticas, silicone, botox e com pânico de envelhecer, que vive de dieta, que tenha vergonha de ficar nua".

Não quero uma mulher que ache natural eu pagar todas as contas e resolver seus problemas, que fale demais, escute de menos e que nunca desliga o celular.

Não quero uma mulher que fique insegura quando saio com amigos, que use a TPM como desculpa para ser chata.

Não quero uma mulher que goste de perfume forte, muita maquiagem e só ande de salto alto. Não quero uma mulher com jeito, roupa e voz de menininha.

Não quero uma mulher que não seja compreensiva, carinhosa e bem-humorada, que ache que sou infantil, imaturo e bobo, que me compare com homens ricos, famosos e bonitos (e tenha fixação no George Clooney).

Não quero uma mulher que reclame que não ajudo nas tarefas domésticas e, quando ajudo, diga que faço tudo errado.

Não quero uma mulher que goste de DR antes de dormir ou em qualquer hora do dia, que vigie meu celular e computador, que fique emburrada e não diga o motivo.

Não quero uma mulher que fale mal dos ex-maridos e das minhas ex-mulheres, que xingue minhas amigas de periquetes e meus amigos de galinhas.

Não quero uma mulher sempre insatisfeita ou que se faça de difícil. Não quero uma mulher desesperada para casar e ter filhos.

Não quero uma mulher que se considere superior às outras, que trate cachorro como gente, que seja obcecada com rugas, estrias e celulites. Não quero uma mulher que dê vexame quando bebe ou fique ofendida com brincadeiras.

Não quero uma mulher que goste de revista de fofoca e best-seller. Não quero uma mulher que reclame que não tem o que vestir.

Não quero uma mulher que finja orgasmos.

Não quero uma mulher que ache que os homens se assustam com mulheres independentes.

Não quero uma mulher que pense que todo homem é machista. Não quero uma mulher que ache que todos os homens são iguais." É querer demais? (FSP, 02 jun. 2015).

Um texto foi publicado na Internet usando um título "sexalescente", que representaria pessoas de mais de 60 anos que rejeitam a palavra "sexagenário", sendo atribuído a Mirian Goldenberg. Na coluna "Em busca de um autor desconhecido", Mirian escreve sobre este texto, negando a sua autoria, mas diz que é verdade que algumas ideias são semelhantes às que têm apresentado em seus artigos. "[...] Mas, ao contrário do autor (ou autora?) de "Sexalescentes", gosto da palavra "velho" e acho importante usá-la justamente para combater o estigma que cerca a velhice". Em sua coluna seguinte, "Eu não preciso de homem", de 25/08/2015, pergunta a seus leitores se algum deles sabe de quem é a ideia, pede para o autor para sair do armário e assumir a sua autoria, e até aposta que teria sido escrito por uma "coroa poderosa", mas, logo em seguida, apresentamos a declaração de Luis Pellegrini, que apresenta o tão discutido artigo: "Sexalescentes ou ... Sexygenários".

### Em busca de um autor desconhecido

13/08/2015

Circula pela internet um texto assinado por mim com o título "Sexalescentes". Ele tem sido reproduzido e enviado por e-mail para inúmeras pessoas. Existe até uma versão musical no Youtube.

O texto diz que está surgindo uma nova faixa social: a dos "sexalescentes", pessoas de mais de 60 anos que rejeitam a palavra "sexagenário" porque envelhecer não está nos seus planos.

São homens e mulheres independentes que procuraram e encontraram a atividade que mais gostam e conseguiram se sustentar com ela.

Alguns nem sonham com a aposentadoria. E os que já se aposentaram gozam plenamente cada dia, sem medo do ócio ou da solidão.

Nesse universo de pessoas saudáveis, curiosas e ativas, a mulher tem um papel de destaque. Ela aprendeu a respeitar a própria vontade, enquanto as suas mães só puderam obedecer aos homens. E conquistou espaços na sociedade que as suas mães nem sequer sonharam ocupar.

Algumas optaram por viver sozinhas, outras escolheram carreiras que sempre foram masculinas, muitas tiveram filhos, outras não. Mas cada uma fez o que quis --apesar de não ter sido nada fácil-- e continua a fazer o que quer.

O texto conclui afirmando que, hoje, as pessoas de mais de 60 anos estreiam uma idade que não tem nome. Antes seriam velhos; agora já não são.

Tenho recebido muitas mensagens com elogios a "Sexalescentes".

Só que nunca escrevi tal texto.

É verdade que algumas ideias são semelhantes às que tenho apresentado em meus artigos. Mas, ao contrário do autor (ou autora?) de "Sexalescentes", gosto da palavra "velho" e acho importante usá-la justamente para combater o estigma que cerca a velhice. Também gosto de usar "ageless", "sem idade" e "inclassificáveis" para me referir aos que estão inventando uma forma mais feliz de experimentar o envelhecimento. Chamo as mulheres mais velhas de "coroas poderosas".

É muito estranho ver o meu nome em um texto que não é meu. Mais estranho ainda é receber elogios por algo que nunca escrevi. (FSP, 13 ago. 2015).

Luis Pellegrini (diretor da revista digital *Oásis*, jornalista, escritor), assim escreveu a respeito desse artigo que está assim colocado, inclusive com o nome da autora, que conforme vimos, não é Mirian Goldenberg<sup>18</sup>:

Amigos, quem já dobrou o Cabo da Boa Esperança dos 60 anos precisa ler estes comentários da Tita Teixeira, autora que não conheço, provavelmente portuguesa pelo estilo da escrita. Quem ainda não dobrou, um dia vai dobrar. Melhor então que vá se preparando desde já. A fase dos 60 em diante não precisa ser, necessariamente, uma droga [...]

### SEXALESCENTES OU... SEXYGENÁRIOS?

Por Tita Teixeira

Se estivermos atentos, podemos notar que está a aparecer uma nova classe social: a das pessoas que andam à volta dos sessenta anos de idade. Os sexalescentes: é a geração que rejeita a palavra "sexagenário", porque simplesmente não está nos seus planos deixar-se envelhecer.

Trata-se de uma verdadeira novidade demográfica – parecida com a que, em meados do século 20, se deu com a consciência da idade da adolescência, que deu identidade a uma massa de jovens oprimidos em

<sup>18</sup> PELLEGRINI, Luis. Sexalescentes ou Sexygenários Disponível em: <<http://www.luispellegrini.com.br/sexalescentes-ou-sexygenarios/>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

corpos desenvolvidos, que até então não sabiam onde meter-se nem como vestir-se.

Este novo grupo humano que hoje ronda os sessenta teve uma vida razoavelmente satisfatória. São homens e mulheres independentes que trabalham há muitos anos e que conseguiram mudar o significado tétrico que tantos autores deram durante décadas ao conceito de trabalho. Que procuraram e encontraram há muito a atividade de que mais gostavam e que com ela ganharam a vida.

Talvez seja por isso que se sentem realizados... Alguns nem sonham em aposentar-se. E os que já o fizeram gozam plenamente cada dia sem medo do ócio ou da solidão, crescem por dentro quer num, quer na outra. Desfrutam a situação, porque depois de anos de trabalho, criação dos filhos, preocupações, fracassos e sucessos, sabem bem olhar para o mar sem pensar em mais nada, ou seguir o vôo de um pássaro da janela de um 5.º andar...

Neste universo de pessoas saudáveis, curiosas e ativas, a mulher tem um papel destacado. Traz décadas de experiência de fazer a sua vontade, quando as suas mães só podiam obedecer, e de ocupar lugares na sociedade que as suas mães nem tinham sonhado ocupar.

Por exemplo, não são pessoas que estejam paradas no tempo: a geração dos “sessenta”, homens e mulheres, lida com o computador como se o tivesse feito toda a vida. Escrevem aos filhos que estão longe (e vêem-se), e até se esquecem do velho telefone para contatar os amigos – mandam e-mails com as suas notícias, ideias e vivências.

De uma maneira geral estão satisfeitos com o seu estado civil e quando não estão, não se conformam e procuram muda-lo.

Raramente se desfazem em prantos sentimentais.

Ao contrário dos jovens, os sexalescentes conhecem e pesam todos os riscos. Ninguém se põe a chorar quando perde: apenas reflete, toma nota, e parte para outra...

Os maiores partilham a devoção pela juventude e as suas formas superlativas, quase insolentes de beleza; mas não se sentem em retirada.

Competem de outra forma, cultivam o seu próprio estilo...

Os homens não invejam a aparência das jovens estrelas do esporte.

Nem as mulheres sonham em ter as formas perfeitas de um modelo.

Em vez disso, conhecem a importância de um olhar cúmplice, de uma frase inteligente ou de um sorriso iluminado pela experiência.

Hoje, as pessoas na década dos sessenta, como tem sido seu costume ao longo da sua vida, estão a estrear uma idade que não tem nome.

Antes seriam velhos e agora já não o são.

Hoje estão de boa saúde, física e mental, recordam a juventude mas sem nostalgias tolas, porque a juventude ela própria também está cheia de nostalgias e de problemas.

Celebram o sol em cada manhã e sorriem para si próprios...

Talvez por alguma secreta razão que só sabem e saberão os que chegam aos 60 no século 21...

Mirian, além de colocar depoimentos de leitores de suas colunas e pesquisados, também se utiliza de outros personagens para exemplificar suas ideias, nessa coluna se refere a Viktor Frankl (psicólogo, psiquiatra, filósofo e sobrevivente dos campos de concentração, Auschwitz e Dachau), como exemplo de como os valores de cada indivíduo definem o sentido de suas vidas e que o significado da vida pode ser encontrado em diferentes maneiras, mas que o humor pode ser uma das principais armas para se viver e envelhecer com significado.

“Frankl definia o “vazio existencial” como uma sensação de futilidade, de inutilidade e de falta de sentido da própria vida. Na luta para sobreviver, Frankl propôs a um amigo do campo de concentração um compromisso mútuo de inventarem ao menos uma piada por dia. Ele acreditava que não havia arma tão poderosa para a autopreservação como o humor. O humor é fundamental para que as pessoas criem uma distância necessária para enfrentar as situações mais adversas e miseráveis”. “Difícilmente haverá algo tão apto como o humor para criar distância e permitir a pessoa se coloque acima da situação” (FRANKL apud GOLDENBERG, 2015, p.36).

### **Uma vida com significado**

25/02/2014

"Em busca de sentido" é o emocionante relato do psiquiatra judeu Viktor Frankl sobre como ele sobreviveu, de 1942 a 1945, em quatro campos de concentração, após a mãe, o pai, o irmão e a esposa terem sido assassinados pelos nazistas.

Ele morreu em 1997, aos 92 anos, depois de publicar inúmeros livros com uma proposta de análise existencial elaborada a partir da trágica experiência.

Para Frankl, as particularidades de cada indivíduo, principalmente de seus valores, definem o sentido de cada vida. O significado da vida pode se encontrado de diferentes maneiras: no trabalho, na criação, no amor, na família, na amizade e também na atitude que se tem em relação ao sofrimento inevitável. Ele chamava de "vazio existencial" a sensação de inutilidade e de falta de sentido da própria vida.

Ele alertava: "Não procurem o sucesso. Quanto mais o procurarem e o transformarem em alvo, mais errarão. O sucesso vai persegui-los precisamente porque vocês se esqueceram de pensar nele".

O mesmo pode ser dito sobre a felicidade. Ela só aconteceria como efeito colateral e natural da dedicação a uma causa maior do que a própria felicidade.

Frankl dizia que o mundo estava em uma situação muito ruim, mas que poderia ficar ainda pior se cada um não fizesse o melhor que pudesse. Ele apostava na capacidade humana de transformar criativamente os aspectos negativos da vida em algo construtivo. Todos seriam capazes de mudar a si mesmos e o mundo para melhor.

Na luta para sobreviver, Frankl propôs a um amigo do campo de concentração um compromisso mútuo de inventarem ao menos uma piada por dia. Ele acreditava que não havia arma tão poderosa para a autopreservação como o humor. O humor é fundamental para que as pessoas criem uma distância necessária para enfrentar as situações mais adversas e miseráveis.

Viktor Frankl foi uma importante inspiração para encontrar o significado da minha própria vida e também para muitas reflexões que estão no meu livro "A bela velhice". Aprendi com ele que buscar enxergar os problemas com uma perspectiva bem-humorada é um truque bastante útil para a arte de viver (e de envelhecer) com significado. (FSP, 25 fev.2014).

Os apelos que Mirian utiliza com os depoimentos de Viktor Frankl são semelhantes aos que fizemos menção sobre o que Louis Dumont (1985) se refere ao individualismo e as possibilidades de se traçar um projeto de vida, o qual está, de

certa forma, comprometido com a importância e a valorização da noção de cada indivíduo na sociedade. Ainda, as particularidades de cada indivíduo, principalmente de seus valores, definem o sentido de sua vida. “O significado da vida pode se encontrado de diferentes maneiras: no trabalho, na criação, no amor, na família, na amizade e também na atitude que se tem em relação ao sofrimento inevitável. Ele chamava de "vazio existencial" a sensação de inutilidade e de falta de sentido da própria vida”.

### 3.1.6 O amor na maturidade

Muitos acham que fazer sexo é característica da juventude — quando muito da maturidade — e que a atividade sexual inexistente a partir de determinada faixa etária. Em geral, admite-se que nos homens, lá pelos 60 ou 70 anos, ela declina e, depois, desaparece de vez. Em relação às mulheres, a crença é que o fenômeno seja ainda mais precoce. A moral vigente durante séculos reforçou o mito de que o momento da menopausa e a consequente perda da capacidade de gerar filhos marcavam o fim do interesse sexual feminino.

De acordo com Carmita Abdo, médica psiquiatra e coordenadora do Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo, defende que, hoje, já existe a comprovação de que esses conceitos estão completamente equivocados. Do ponto de vista médico, o papel da sexualidade após os 60 anos é de fundamental importância para a saúde física e psíquica de homens e mulheres mais velhos. Qualquer disfunção nessa fase da existência merece ser avaliada com cuidado, porque pode ser sinal indicativo de outros problemas de saúde, como o diabetes e hipertensão. Numa entrevista com o médico Draúzio Varella<sup>19</sup>, este afirma que o sexo, a partir dos 60 anos de idade, é um sexo mais tranquilo, menos arrojado, porém extremamente válido e importante para a manutenção da saúde e que a menopausa nas mulheres não significa final da vida sexual, e que esta deveria continuar sempre existindo, com as características próprias de cada fase.

Mirian Goldenberg, também colocou em sua coluna “O amor na maturidade” que, apesar da idade, o amor e até mesmo o relacionamento sexual, podem sim, serem encontrados nesta fase da vida. O importante é lembrar que a sexualidade

---

<sup>19</sup> VARELLA, Drauzio. Sexualidade depois dos 60 anos. Disponível em: <<https://drauziovarella.com.br/envelhecimento/sexualidade-depois-dos-60-anos/>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

não deve terminar na velhice, isto é, o envelhecimento não compromete necessariamente a sexualidade e que também sexualidade não é sinônimo de ato sexual, ela envolve muito mais, pressupõe amor, carinho, sensualidade, fantasia e inteligência. A vida sexual transforma-se ao longo de toda evolução individual, e só desaparece com a morte.

### **O amor na maturidade**

17/11/2015

Tenho buscado compreender o significado do amor nas diferentes fases da vida. Muitos homens e mulheres, após inúmeras experiências afetivas e sexuais, afirmam que encontraram o amor quando já tinham desistido de viver essa experiência.

Uma médica de 65 anos disse:

"Eu já não acreditava mais no amor. Fui casada quatro vezes e sofri muito com cada separação. Mas, sem procurar, encontrei o grande amor da minha vida depois dos 60 anos. Temos um amor com reciprocidade, respeito, admiração e muita intimidade. Ele me estimula a ser a melhor versão de mim mesma. Nunca fui tão feliz."

Ela afirmou que o mais importante no casamento é o fato de conversarem sobre tudo e darem muitas risadas.

"Sempre quis ter uma relação como a nossa: leve, gostosa, sem complicações. Acho que é porque somos mais maduros. Não gastamos tempo brigando por bobagens, com disputas de poder e joguinhos de dominação. Nosso tempo é um bem precioso e queremos curtir cada momento. Saboreio cada beijo como se fosse o primeiro. Precisei ficar velha para ter um amor de verdade".

O marido, um engenheiro de 69 anos, disse que todas as suas ex-mulheres queriam mudar tudo nele, desde a forma de se vestir até o modo de se relacionar com a família.

"Quando nos encontramos eu já tinha filhos adultos e netos. E eu queria uma mulher exatamente como ela é: inteligente, independente, compreensiva, carinhosa, atenciosa, apaixonada pelo que faz, e, principalmente, muito divertida. Estava cansado de mulheres infantis, reclamonas, exigentes, insatisfeitas, chatas, pesadas. Todo mundo diz que tem muito mais mulher do que homem, mas só agora eu consegui encontrar uma mulher que me faz realmente feliz".

E mais:

"Muita gente é mesquinha no amor, economiza demais nas demonstrações de carinho, tem medo de se entregar e levar um fora. Não tenho mais tempo para só dar e receber migalhas, para viver uma relação mequetrefe, onde tudo parece ser um sacrifício. Cansei de ser censurado, criticado, de viver com alguém que só enxerga meus defeitos e não reconhece o meu valor".

Ele conclui: "Com tantos preconceitos associados aos velhos, como eu poderia imaginar que iria encontrar o amor verdadeiro justamente nesta fase da minha vida?". (FSP, 17 nov. 2015).

Mirian Goldenberg (2015) se refere que em uma enquete do *Datafolha*, com 2.093 entrevistados, a pergunta "O que é mais importante no casamento?", os pesquisados responderam: fidelidade (38%), amor (35%), honestidade (15%), filhos(5%), vida sexual satisfatória (2%) e dinheiro (2%). E, para outra questão, "o

que é mais prejudicial a um casamento?”, a resposta foi ainda mais categórica: 53% responderam traição. A autora, assim, mostra que os dados do *Datafolha* comprovam o que ela tem encontrado em suas pesquisas: fidelidade é um valor fundamental para casais contemporâneos e que, para muitas mulheres, especialmente para aquelas com mais de 40 anos, ter um marido é um verdadeiro capital. No entanto, não é qualquer homem que pode ser o "capital marital". Alguns requisitos são necessários. Um dos mais importantes é que ele seja fiel. Ou, melhor ainda, que ela acredite que ele é fiel. Outro é que ele demonstre ter desejo por ela (e só por ela). Mas também afirma que muitos casais de idosos depois da saída dos filhos de casa e da aposentadoria ou buscam novos prazeres juntos ou descobrem que sem os filhos eles não têm mais nada em comum, e podem chegar à separação, mas quando descobrem que o seu ex está namorando, as reações podem ser mais ou menos traumáticas, mas todas ainda mexem muito com os sentimentos, é uma questão cultural.

### **Como você descobriu que seu ex está namorando?**

16/06/2015

São muitas as formas, mais ou menos traumáticas, de descobrir que seu ex está namorando. Mas todas elas mexem muito com os sentimentos daquele que, de repente, faz a descoberta.

Uma professora de 47 anos disse: "Encontrei um amigo e, sem que eu perguntasse nada, ele contou que meu ex está namorando. Fez questão de dizer que ela é muito feia, mais de 50 anos, cabelo alisado, nariz grande, bunda enorme e que usa uma calça muito justa. Eu, em estado de choque, ruminando: 'nossa ele já está namorando, acabamos de nos separar', e meu amigo só ficava repetindo que ela tem cara de ser muito burra e chata".

Outras descobertas podem ser piores, como relatou um engenheiro de 52 anos: "Eu ainda estava pensando em voltar com minha ex-mulher quando a vi caminhando na praia com um rapaz, de mãos dadas, muito apaixonados. Foi como um soco no estômago, pois achei que ela ainda me amava. Enfim, nada como um choque de realidade para saber que tudo tinha acabado mesmo. E vida que segue. Eu também já encontrei alguém e espero reconstruir minha vida".

Para uma jornalista de 54 anos, muitos fazem questão de exibir o novo amor só para provocar ainda mais dor no parceiro.

"Eu estava aprisionada no passado, obcecada pelo meu ex-marido. Já tinha me separado há alguns meses, mas acreditava que iríamos voltar. Afinal, fomos casados mais de 20 anos e não tivemos uma grande briga, nem nada muito sério. Eu achava que ainda nos amávamos e que ele iria fazer de tudo para me reconquistar, como sempre fez. Que nada! Ele logo arranhou uma namorada que faz questão de exibir só para me magoar".

Apesar do sofrimento, ela disse que foi libertador saber que tudo realmente tinha acabado.

"Na verdade, foi muito bom ter a prova de que ele realmente não me ama e que, talvez, nunca tenha me amado. Eu vivia uma ilusão, achava que tinha encontrado o amor da minha vida, meu parceiro definitivo. Confesso que doeu descobrir que sou uma ridícula, uma patética, que acreditava que nosso amor seria para sempre. Mas, por mais que seja difícil, prefiro me



libertar de uma fantasia infantil para viver a realidade, com ou sem um novo amor".

Doeu muito quando você descobriu que seu ex estava namorando? (*FSP*, 16 jun. 2015).

A ideia do “capital marital”, conforme já vimos, faz com que tradicionalmente a mulher brasileira crie essa dependência de um homem, e mesmo que já tenha uma vida independente, ainda traz uma mágoa muito grande quando percebe que seu ex estava vivendo um novo caso. Quando pensamos nos conceitos já dados de Velho (1994), Debert (2012), Schutz (1974) e Barros (2006), o projeto de vida tem que ser pensado em condições socioculturais específicas e está ligado aos valores da sociedade.

Barros (2006) coloca que o aspecto socializado do conhecimento (SCHUTZ, 1974) ou o aspecto público da linguagem (VELHO, 1979) ,é o que dá ao projeto a possibilidade de sua existência, onde a experiência de cada um deve ser pensada dentro da situação social em que se encontram. Seus valores dentro de um determinado segmento da sociedade, juntando-se ao caráter social do projeto, ou seja, o lado individual que é o das emoções. Para Velho (1979, p. 17):

As minhas emoções estão ligadas, são matérias primas e, de certa forma, constituem o projeto. Há sentimentos e emoção valorizados, tolerados ou condenados dentro de um grupo, de uma sociedade. Há, portanto, maiores ou menores possibilidades de viabilizá-los, efetivá-los.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos apresentar e discutir diversos conceitos sobre o envelhecimento e como estes possibilitam o aprofundamento teórico e as novas perspectivas para os estudos da velhice.

No primeiro capítulo, buscamos os conceitos do processo do envelhecimento, baseados em livros de especialistas no assunto e deles coletamos pontos centrais para o avanço do tema, desde as considerações de Simone de Beauvoir, no seu clássico livro *A Velhice* (1990), até conceitos biogerontólogos de Papaléo Netto (2002), conceitos de Projeto de Vida, de Gilberto Velho (1999), de Individualismo de Louis Dumont (1985) e de Modernidade de Anthony Giddens (2012). Além disso, recuperamos autores que, mediante pesquisas realizadas, por autores como Clarice Peixoto (2012), Ecléa Bosi (2001), Guida Grin Debert (2012), Mirian Goldenberg (2011;2013;2015;2016) e Myriam Moraes Lins de Barros (1999; 2006), verificaram os grupos de idosos e seus hábitos, mudanças e comportamentos de consumo, o envelhecimento bem sucedido e os novos conceitos da reinvenção da velhice. Também, mediante especialistas em direito, como Wladimir Martinez (2005), Pérola Braga (2011) e Marco Vilas Boas (2011) foram consultadas legislações sobre o assunto, principalmente o Estatuto do Idoso (2003) e a classificação etária no Brasil. No Brasil, chegar à terceira idade não representa, para todos, melhoria de qualidade de vida em seus diferentes aspectos.

É fato que o envelhecimento pode ser uma etapa da vida prazerosa e com qualidade de vida. Entretanto, acreditamos que não existe um padrão único de velhice e que esta experiência deve ser considerada genericamente como bem ou malsucedida, menos ou mais guiada por comportamentos fixos e por estilos de vida engajados: participar de programas da terceira idade ou iniciar determinados tipos de atividades. “O envelhecimento é um fenômeno complexo e heterogêneo, que envolve questões de responsabilidade individual e social”.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), de 1950 até 2020, a população idosa, no Brasil, crescerá 16 vezes mais, contra cinco vezes a população total. Isso fará com que o País possua a sexta maior população do mundo em idosos, correspondente a mais de 32 milhões de pessoas com 60 anos de idade ou mais que precisam estar em dia com a saúde. Com o passar do tempo, é comum o aparecimento de algumas limitações e perdas que afetam diretamente o estado

emocional desses idosos e, por tabela, os faça passar, às vezes, pela depressão. Aliás, isso pode acontecer até mesmo na juventude, em função do ritmo de vida frenético que algumas pessoas vêm levando. Algumas doenças podem vir a se tornar crônicas ou terem seus sintomas agravados naturalmente. Estima-se que uma em cada dez pessoas de 65 anos possam ser afetadas pela depressão.

No segundo capítulo, o mais longo, analisamos as colunas de Mirian Goldenberg publicadas no jornal *Folha de S. Paulo*, entre 2012 a 2016, que tratam exclusivamente do tema “envelhecimento” e agrupadas por assunto (projeto de vida na velhice, mercado de consumo, o amor na maturidade, etc.). Nelas, a autora discorre como homens e mulheres reagem diferentemente à passagem do tempo, suas marcas nos corpos e as reações que provocam sobre os demais grupos sociais. Constatamos também que o termo terceira idade sugere mudanças de práticas, hábitos e comportamentos de consumo. Trata-se dos “jovens idosos”, isto é, os idosos ativos, como mencionado no intertítulo “Classificação etária”.

As colunas de Mirian Goldenberg estimulam os idosos a terem um projeto de vida e uma forma positiva de encarar o envelhecimento. A autora traz mensagens de otimismo e incentivo para uma população em crescimento. Classificamos as colunas em grupos para realçar aspectos que consideramos importantes.

O primeiro intertítulo, “Projeto de vida na bela velhice,” é o carro-chefe de suas colunas; selecionamos as colunas que consideramos de maior importância de Mirian Goldenberg e analisamos-as, lembrando os conceitos de Bakhtin sobre dialogismo composicional, segundo o qual ocorre a incorporação do enunciado de outros autores e até da própria Mirian Goldenberg em seus livros.

Reconhecemos nas colunas de Mirian Goldenberg o dialogismo composicional, uma vez que se referiu a conceitos formulados por Simone de Beauvoir na obra *A velhice* (1990). Como exemplos, citamos a expressão “bela velhice”, da escritora francesa, bem como os de “projeto de vida” de Gilberto Velho (1994), Myriam Moraes de Barros (1999; 2006), Guita Debert (2012) e os depoimentos de diversos idosos entrevistados por ela. Entendemos que Mirian Goldenberg, ao usar tal estratégia discursiva, buscou facilitá-los para seus leitores. A referida autora utilizou também os conceitos de individualismo, de Louis Dumont, para esclarecer que cada um é o único autor e único responsável por construir seu próprio projeto de vida. Tal como Ecléa Bosi (2010), Mirian Goldenberg ainda usou depoimentos de seus entrevistados deixar claro que a “bela velhice” não é um caminho apenas para celebridades.

Quando analisamos o intertítulo seguinte, “Quem envelhece melhor, homens ou mulheres?” utilizamos, além de suas colunas, uma entrevista da jornalista Ruth de Aquino, com opiniões de uma mulher, no caso, a própria Mirian Goldenberg apresentando a mesma linha de pensamentos transmitidos em suas colunas, e de um homem, o psicanalista Sócrates Nolasco. Verificamos que ambos acham que a mulher enfrenta essa nova fase da vida com menos acomodação, mais energia e mais curiosidade. Mas também observamos que, de acordo com pesquisas de Goldenberg, elas têm mais medo de envelhecer quando os assuntos são corpo, envelhecimento e felicidade. Ter 60 anos, para as mulheres, não é o início das diferenças entre juventude e velhice, uma vez que, para a maioria, os problemas começam muito antes: já aos 40.

Em “Movimento das coroas poderosas, a importância do corpo” mostramos de forma crítica o quanto as pesquisas de Mirian Goldenberg levam em consideração a importância do corpo para a mulher brasileira. A busca pela felicidade das “coroas poderosas” pode ser alcançada se realizarem seus desejos e se aceitarem que cada uma é única e especial.

No “Mercado de consumo” mostramos como suas leitoras se acham ignoradas. Mirian Goldenberg, no entanto, procura incentivá-las, dizendo continuamente que, envelhecer com dignidade, sem se importar com regras antigas e vontades alheias, é o mais importante.

Em a “Nova forma de encarar a vida”, Mirian Goldenberg propõe uma revolução dos velhos e propõe uma lista daquilo que toda pessoa precisa saber para ser mais livre e muito mais feliz. Mirian Goldenberg recuperou o relato de Viktor Frankl, psicólogo sobrevivente de campos de concentração. Com isso, a antropóloga reforçou que são os valores de cada indivíduo que definem o significado de sua vida, que podem ser encontrados por diversas maneiras, entre elas, o humor.

O “Amor na maturidade” também é destacado em suas colunas para destacar que a idade não é um fator limitativo; ele pode acontecer mesmo na velhice.

Finalmente, concluímos que as ideias de Mirian Goldenberg são por vezes repetitivas: o tema “bela velhice” comparece em quase todas as colunas, bem como em seus livros. Suas concepções assim, circulam nos dois suportes que colocamos em relação dialógica: jornal massivo e livros. Trata-se, portanto, de uma estratégia eficiente de convencimento sobre um modelo bem-sucedido de velhice.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADMINISTRADORES. **Novo consumidor idoso: um filão de oportunidades.** Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/negocios/novo-consumidor-idoso-um-filao-de-oportunidades/89944/>>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. **A cidade dos velhos? VELHO, Gilberto. Antropologia Urbana. (org.).** Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 1999.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Velhice ou terceira idade? (org.),** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BBC – **Expectativa de vida dos homens pode alcançar a de mulheres até 2030.** Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/04/120423\\_vida\\_homens\\_bg.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/04/120423_vida_homens_bg.shtml)>. Acesso: 16 jan. 2017.
- BEAUVOIR, Simone. **A Velhice.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BEZERRA, A. K. G. **A construção e a reconstrução da imagem do idoso pela mídia televisiva.** Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), 2006.
- BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória.** In: De senectude e outros escritos autobiográficos. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos.** 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- BRAGA, Pérola Melissa Vianna. **Curso de direito do idoso.** São Paulo: Atlas, 2011.
- BRASIL. **Estatuto do Idoso - Lei Nº 10.741, de 1º de Outubro de 2003.** Vade Mecum Acadêmico de Direito Rideel, 18 Edição. São Paulo: Rideel, 2014.
- BRASIL GOV. **Pesquisa IBGE 2016.** Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/12/em-10-anos-cresce-numero-de-idosos-no-brasil>>. Acesso em: 20 jan 2017.
- CAFÉ FILOSÓFICO. **Levado ar em 27 de setembro de 2013.** Disponível em: <<http://www.cpfcultura.com.br/2014/08/06/a-bela-velhice-com-mirian-goldenberg-versao-tv-cultura/>>. Acesso em: 05 mar. 2017.
- CARADEC, Vincent. **Da terceira idade à idade avançada: a conquista da velhice.** GOLDENBERG, Mirian. **Velho é lindo (org.).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CASTRO, Gisela Grangeiro da Silva. **O envelhecimento na retórica do consumo: publicidade e idadismo no Brasil e no Reino Unido**. São Paulo. Compós, 2015a. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-92b9fc0e-e94c-492d-a0f9-cd283e589d73\\_2764.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-92b9fc0e-e94c-492d-a0f9-cd283e589d73_2764.pdf)>. Acesso em: 25 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. **Precisamos discutir o idadismo na comunicação**. São Paulo. Universidade de São Paulo, 2015b. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/102306/103982>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

CASTRO, Lola Aniyar. **Criminologia da Reação Social**. Rio de Janeiro. Forense, 1983.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar: Travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos**. São Paulo: Summus, 2008.

CICERO, Marco Túlio. **Saber Envelhecer e A Amizade**. Porto Alegre. L&PM, p. 160, 2007. Dados do IBGE. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/07/ibge-copacabana-e-o-bairro-mais-idoso-do-pais.html>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012.

\_\_\_\_\_. **A Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade**. BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Velhice ou terceira idade? (org.)**, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

DUMONT, Louis. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ECIBERNÉTICO. **Coluna Radar**. Disponível em: <[http://www.ecibernetico.com.br/colunaradar/Artigos/artigo\\_coluna\\_editorial.htm](http://www.ecibernetico.com.br/colunaradar/Artigos/artigo_coluna_editorial.htm)>. Acesso em: 01 abr. 2017.

ÉPOCA. **Mulheres envelhecem melhor que homens**. 30 out. 2011. Disponível em: <http://colunas.revistaepoca.globo.com/mulher7por7/2011/10/30/%E2%80%9Cmulheres-envelhecem-melhor-que-homens%E2%80%9D/>, Acesso em: 10 fev. 2017

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

FSF. **População Idosa vai triplicar nos próximos 20 anos**. São Paulo. Folha de São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2014/03/1432528-populacao-idosa-vai-triplicar-nos-proximos-20-anos.shtml>>. Acesso em: 04 dez. 2016.

GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASCH, Scott. **Modernização reflexiva: Política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: UNESP, 2012.

GOLDENBERG, Mirian. **A bela velhice**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

\_\_\_\_\_. **Coroas, corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

\_\_\_\_\_. Mirian. **Corpo, envelhecimento e felicidade (org.)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

\_\_\_\_\_. Mirian. **Velho é lindo (org.)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

\_\_\_\_\_. **A Bela Velhice, com Mirian Goldenberg** (versão Tv Cultura). Disponível em: <<http://www.cpfcultura.com.br/2014/08/06/a-bela-velhice-com-mirian-goldenberg-versao-tv-cultura/>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

IBGE. **Censo Demográfico de 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Em 10 anos cresce o número de idosos no Brasil**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/12/em-10-anos-cresce-numero-de-idosos-no-brasil/>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Expectativa de vida do brasileiro**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2016/12/expectativa-de-vida-no-brasil-sobe-para-75-5-anos-em-2015>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. **Tábuas Completas de Mortalidade do Brasil de 2015**. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/disseminacao/destaques/2016\\_11\\_22\\_tabua\\_2015.sh](http://www.ibge.gov.br/home/disseminacao/destaques/2016_11_22_tabua_2015.sh)>. Acesso em: 26 jan. 2017.

Instituto de Pesquisa *DataFolha*. Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/1226302-para-paulistanos-com-mais-de-60-anos-internet-possibilita-informacao-conhecimento-e-comunicacao.shtml>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

MARTINEZ, Wladimir Novaes. **Comentários ao Estatuto do Idoso**. São Paulo, SP: LTr EditoraLTda, 2005.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MUNIZ, Simone Vaisman. **Memória Social e promoção do envelhecimento saudável**: comunicação institucional como registro de um novo tipo de mobilização. Dissertação de Mestrado em Memória social: UFRJ, 2007. Disponível em: <<http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss213.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

NERI, Anita Liberalesso, FREIRE, Sueli Aparecida. **E por falar em boa velhice**. (org.), Campinas: Papyrus, 2000.

PAIM, Paulo Senador – programa Canal Livre, da Rede Bandeirantes. **Atual situação dos Idosos no Brasil.** <<http://www.senadorpaim.com.br/verDiscursoPrint.php?id=2140>>. Acesso em 12 mar. de 2017.

PAMPLONA, Nicola. **Número de idosos cresce e gera desafio maior à Previdência**, diz IBGE. Folha de S. Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/12/1837736-numero-de-idosos-cresce-e-gera-desafio-maior-a-previdencia-diz-ibge.shtml>>. Acesso em: 02 dez. 2016.

PAPALÉO NETTO, M. **O Estudo da Velhice no Século XX: Histórico, Definição do Campo e Termos Básicos.** In: FREITAS, E. et a. (Orgs.). Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara Kroogan, 2002.

PEIXOTO, Clarisse - **Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade...**, BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Velhice ou terceira idade? (org.)**, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

PELLEGRINI, Luis. **Sexalescentes ou Sexygenários.** Disponível em: <<http://www.luispellegrini.com.br/sexalescentes-ou-sexygenarios/>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

PINHEIRO, Naide Maria. **Estatuto do idoso comentado.** Campinas, SP: Servanda Editora, 2008.

RISMAN, Arnaldo. **Sexualidade e Terceira Idade:** uma visão histórico-cultural. Textos sobre Envelhecimento, Rio de Janeiro, 2005.

ROCHA, E.G. Estatuto do idoso: um avanço legal. In: **Revista da UFG.** vol. 5, No. 2, dez 2003 - <[http://www.proec.ufg.br/revista\\_ufg/idoso/estat\\_legal.html](http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/idoso/estat_legal.html)>. Acesso em: 18 de março de 2017.

RONSINI, Veneza Veloso Mayora. **A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero** (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). XIX Encontro da Compós, PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2010. 16 p.

SANTANA, Carla da Silva & BELCHIOR, Carolina Guimarães. **A velhice nas telas do cinema:** um olhar sobre a mudança dos papéis ocupacionais dos idosos. São Paulo. 2013. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/20343/15100>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

SDH. **Dados sobre o envelhecimento no Brasil.** Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/dados-estatisticos/DadosobreoenvelhimentonoBrasil.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2017

SERASA. **Guia Serasa de orientação ao cidadão.** Disponível em: <<http://www.serasaexperian.com.br/guiaidoso/99.htm>>. Acesso: 18 de março de 2017.



SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos**. Introdução e organização de Helmut R. Wagner. Rio de Janeiro. Zahar, 1979.

SILVA, Tomaz Tadeu da, WOODWARD, Kathyn, STUART, Hall **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais / Tomaz Tadeu da Silva (org), Stuart Hall, Kathyn Woodward – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.**

SIMÕES, Júlio Assis. **A maior categoria do país: o aposentado como ator político**. BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Velhice ou terceira idade? (org.)**, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

STUCCHI, Deborah. **O curso da vida no contexto da lógica empresarial: juventude, maturidade e produtividade na definição da pré-aposentadoria**. BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Velhice ou terceira idade? (org.)**, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

VARELLA, Drauzio. **Sexualidade depois dos 60 anos**. Disponível em: <<https://drauziovarella.com.br/envelhecimento/sexualidade-depois-dos-60-anos/>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

\_\_\_\_\_. **Antropologia Urbana. (org.)**. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 1999.

VERSIANI, Isabel. **Dilma veta reajuste superior à inflação a aposentadorias acima do mínimo**. Folha de São Paulo, Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/07/1662248-dilma-veta-reajuste-superior-a-inflacao-a-aposentadorias-acima-do-minimo.shtml>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

VILAS BOAS, Marco Antonio. **Estatuto do Idoso Comentado**. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

WILLIAMS, Raymond **Cultura e materialismo**. Trad. André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.